An illustration of Alice from 'Alice's Adventures in Wonderland' looking into a mirror. She is shown from the waist up, wearing a dark dress with a large bow at the back. Her right hand is raised towards the mirror. The mirror reflects her face and upper body. The background is a textured, yellowish-green wall with vertical lines. To the left, there is a small table with a vase containing flowers. The overall style is a detailed line drawing with some color washes.

Alice através do Espelho

LEWIS CARROLL

*Through the
Looking glass (1871)*

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue: PT/EN
Distribuição gratuita

mojo.org.br

ALICE

NO PAÍS DAS
MARAVILHAS

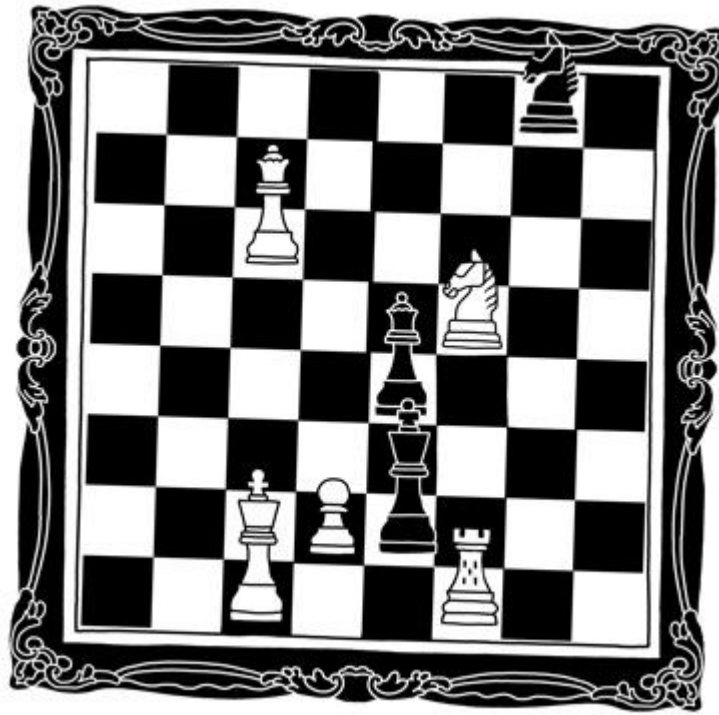
Lewis Carroll

Edição Bilingue

ALICE

ATRAVÉS
DO ESPELHO

Traduzido por Ricardo Giassetti



CASA DE ESPELHO

Uma coisa era certa: a gatinha *branca* não tinha culpa de nada. Se havia um culpado, era a gatinha preta. Isso porque o rosto da gatinha branca estava sendo cuidadosamente lambido e limpo pela gata mãe havia uns bons quinze minutos (ela aguentava muito bem, diga-se de passagem). Por isso, entenda, ela não podia estar metida na confusão.

A gata Diná lavava o rosto de suas crias assim: segurava o filhote pela orelha com uma pata enquanto esfregava e lambia a cara toda do pequenino, sempre em sentido contrário, a começar pelo nariz. Neste instante, como já disse, Diná se empenhava na gatinha branca, deitada bem quietinha — ela mantinha-se imóvel, pois sabia que tudo estava sendo feito para o seu próprio bem.

A gatinha preta, por sua vez, tinha sido lambida e limpa no início da tarde. Então, enquanto Alice estava aninhada em um dos cantos da grande poltrona, meio conversando sozinha e meio cochilando, a gatinha se esbaldava com a bola de lã que Alice havia enrolado. Jogou o novelo para todos os lados até desmanchá-lo completamente. No meio do tapete, agora forrado de nós e maranhas, a gatinha corria atrás do próprio rabo.

— Ah, sua sapeca! — exclamou Alice. Apanhou a gatinha e lhe deu um beijinho para que entendesse o tamanho da sua encrenca. — É verdade, Diná deveria ter te educado melhor! *Deveria* sim, Diná, você sabe que deveria! — acrescentou, com um

olhar de reprovação para a gata e a voz mais zangada que conseguia fazer.

Voltou para a poltrona com a gatinha e a lã para refazer o novelo, mas o serviço rendia pouco. Alice não parava de falar. Algumas vezes, com a gatinha; outras vezes, sozinha. Kitty sentou-se comportadamente sobre seu joelho, fingindo interesse em ver Alice enrolar a lã. Levantava a pata e tocava o novelo com cuidado como se quisesse ajudar.

— Sabe que dia é amanhã, Kitty? — começou Alice. — Você saberia se tivesse ficado comigo na janela. Só que a Diná estava cuidando de você, por isso não sabe de nada. Vi os meninos recolhendo lenha para a fogueira. Necessitavam de muita lenha, Kitty! Só que ficou tão frio e nevou tanto que desistiram do trabalho. Tudo bem, Kitty, teremos fogueira amanhã.

Alice deu umas duas ou três voltas com o fio de lã no pescoço da gatinha, só para ver como ficava. Foi um desastre! O novelo rolou para o chão e metros e metros de lã se desenrolaram novamente.

— Eu fiquei tão zangada com toda essa bagunça, Kitty — continuou Alice, quando se sentaram de novo —, que quase abri a janela para colocar você na neve! Seria merecido, sua banguceirinha linda! Você, por acaso, teria algum argumento razoável para se defender? Mas não me interrompa! — E continuou com um dedo em riste: — Vou apontar todos os seus deslizes. Primeiro: reclamou duas vezes enquanto Diná lavava seu rosto hoje. Não tem como negar, Kitty. Eu ouvi! O que você disse? — E fingiu que a gatinha respondia. — A pata dela entrou no seu olho? Bem a culpa foi *sua*, porque não fechou os olhos.

Agora, chega de desculpas e escute! Segundo: você puxou a Floco de Neve pelo rabo quando servi um prato com leite a ela! Ah, também estava com sede, né? E ela também não estava? E terceiro: desenrolou o novelo até o fim quando eu me distraí!

— Foram três deslizes, Kitty, e você ainda não foi punida por nenhum deles. Sabia que estou reservando todos os castigos para daqui a duas quartas-feiras...? Imagine se tivessem reservado todos os *meus*! — continuou, falando mais sozinha do que para a gatinha. — O que fariam *comigo* no final do ano? Acho que eu iria para a cadeia. Ou, deixa eu pensar, imagino que cada castigo seria dormir sem jantar. Aí, quando o dia fatídico chegasse, eu ficaria sem jantar cinquenta vezes! Bem, eu nem ligaria *muito*!

— Está ouvindo a neve bater na janela, Kitty? Que som gostoso e suave! Parece alguém beijando o vidro do lado de fora. Será que a neve *ama* tanto as árvores e os gramados para dar tantos beijinhos neles? Depois ela os cobre com um cobertor branco, sabia? Talvez ela diga: “Durmam bem até o verão chegar, queridos”. Quando eles acordam, Kitty, todos se vestem de verde e dançam sempre que o vento sopra... ah, que lindo! — exclamou Alice, soltando o novelo para aplaudir. — Queria *muito* que fosse assim! As árvores parecem mesmo dormir durante o outono, quando as folhas secam.

— Kitty, você sabe jogar xadrez? Não é brincadeira, querida. É uma pergunta séria. Agora há pouco, quando eu estava jogando, parecia que você entendia tudo. Quando eu disse “Xeque!”, você miou! Foi um xeque incrível, Kitty! Eu teria vencido a partida se não fosse aquele cavalo desagradável que

apareceu ziguezagueando entre as minhas peças. Kitty, querida, faz de conta que...

Eu gostaria de poder contar metade das coisas que Alice costumava dizer, a começar por sua frase favorita: “Faz de conta...”. Ontem mesmo ela teve uma longa discussão com a irmã. Tudo porque Alice começou com “Faz de conta que somos reis e rainhas”. Já a irmã, que gostava de tudo certinho, disse aquilo não seria possível, pois elas só eram duas. No fim, Alice acabou dizendo: “Então, *you* é um deles e *eu* sou todos os outros”. Em outra oportunidade, ela deixou a velha babá assustada quando, de repente, gritou em seu ouvido: “Faz de conta que eu sou uma hiena faminta e você é um osso”.

Mas essas coisas nos afastam da conversa de Alice com a gatinha.

— Faz de conta que você é a Rainha Vermelha, Kitty! Se você sentar e cruzar as patas, vai ficar igualzinha a ela. Tente, vamos!

Alice pegou a Rainha Vermelha do tabuleiro e a colocou em frente à gatinha e pediu que a felina imitasse a peça de xadrez. Porém as coisas não deram muito certo. Como punição, Alice colocou a gatinha diante do espelho para que ela visse o quanto a menina estava brava:

— E se você não tomar jeito — continuou —, faço você atravessar para a Casa do Espelho. É o que você *quer*?

— Se me obedecer e não tagarelar mais, Kitty, vou contar as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Há outra sala lá no espelho... É exatamente a mesma sala que a nossa, só que as

coisas dentro do espelho são todas ao contrário. Dá para ver tudo isso de cima da poltrona. Tudo menos a parte de trás da lareira. Ah! Queria tanto que desse para ver *essa* parte! Saber se a acendem no inverno, mas a gente *nunca* tem como saber isso. Só sai fumaça na lareira de lá quando sai fumaça da nossa lareira. Talvez seja tudo de mentirinha, só para fingir que eles têm fogo também. Outra coisa é que os livros deles são bem parecidos com os nossos, mas com as palavras ao contrário. Eu sei porque já coloquei um dos nossos na frente do espelho e eles colocaram o mesmo livro, do outro lado.

— Você gostaria de morar na Casa do Espelho, Kitty? Será que dariam leite para você? Talvez o leite do espelho não seja tão gostoso. Veja só, Kitty, agora chegamos ao corredor. Só é possível ver um *pouquinho* do corredor da Casa do Espelho quando a porta da nossa sala fica escancarada. É muito parecido com o nosso, mas pode ser completamente diferente. Ah, Kitty, imagine só que incrível se pudéssemos atravessar para a Casa do Espelho! Ah! Tenho certeza de que há coisas lindas por lá! Faz de conta que existe um jeito de atravessar, Kitty. Faz de conta que o espelho se transformou em uma névoa que nos deixa passar. Ora, está se transformando em uma névoa mesmo, veja! Vai ser bem fácil passar por ele. — Ao dizer isso, já estava sobre o degrau da lareira sem nem perceber. O espelho certamente estava se desfazendo como uma neblina prateada reluzente.

No momento seguinte, Alice havia atravessado o espelho após saltar suavemente para dentro da sala oposta. A primeira coisa que fez foi conferir se lá havia outra lareira. Ficou muito

satisfeita ao descobrir que sim, existia, flamejante como a de sua casa.

“Pelo menos aqui ficarei aquecida como estava na outra sala”, pensou Alice. “Na verdade, até mais aquecida, porque ninguém vai me mandar ficar longe do fogo. Ah, vai ser divertido quando me virem do outro lado do espelho, fora do alcance de todos!”

Ela começou a observar e percebeu que as coisas visíveis da outra sala eram chatas e comuns. Todo o resto era completamente diferente. Por exemplo, os quadros da parede perto da lareira pareciam estar vivos. O relógio sobre a lareira — do qual, pelo espelho de sua casa, só era possível ver a parte de trás — tinha o rosto de um homenzinho que sorria para ela.

“Não arrumam esta sala como arrumam a minha”, pensou com seus botões, ao ver que várias peças de xadrez estavam jogadas entre as cinzas. A seguir, com um breve “Ah!” de surpresa, estava engatinhando no chão e olhando para elas. As peças andavam aos pares!

— Estes são o Rei e a Rainha Vermelhos — disse Alice em um sussurro, com medo de assustá-los. — Ali estão o Rei e Rainha Brancos sentados na beira da pá... e aqui, as duas torres caminhando lado a lado. Acho que não me ouvem — e continuou enquanto aproximava sua cabeça. — Tenho quase certeza de que não estão me vendo. Sinto como se eu estivesse invisível...

Foi quando algo começou a guinchar sobre a mesa atrás de Alice, o que a fez se voltar bem na hora em que um dos peões brancos rolava e esperneava. Ela o observou com muita curiosidade para ver o que aconteceria.

— É a voz da minha filha! — gritou a Rainha Branca, que correu e empurrou o Rei de maneira tão violenta que ele caiu sobre as cinzas. — Lily, meu tesouro! Minha gatinha imperial! — E começou a escalar apressadamente a grade da lareira.

— Sandice imperial! — disse o Rei, esfregando o nariz machucado na queda. Ele tinha todo o direito de estar um *pouquinho* aborrecido com a Rainha, pois ficou coberto de cinzas.

Alice queria muito poder ajudar, afinal, a pobre Lily berrava tanto que estava à beira de um surto. Ela apanhou a Rainha e a colocou na mesa ao lado de sua filha barulhenta.

A Rainha engasgou e sentou-se. A rápida jornada pelos ares roubou seu fôlego e, por uns dois minutos, nada mais era capaz de fazer a não ser abraçar Lily em silêncio. Assim que se recuperou um pouco, gritou para o Rei Branco, bravo, sentado nas cinzas: “Cuidado com o vulcão!”.

— Que vulcão? — disse o Rei. Ele olhou aflito para as chamas como se ali fosse o melhor lugar para haver um.

— Me... jogou... pelos ares — resfolegou a Rainha, ainda meio sem ar. — Suba aqui... do jeito normal... sem ser arremessado!

Alice observou o Rei Branco escalar lentamente as grades até dizer:

— Mas assim você vai levar horas e horas para subir na mesa. Seria muito melhor se eu te ajudasse, não é? — O Rei, no entanto, não ouviu a pergunta. Era óbvio que ele não a via nem a ouvia.

Alice o pegou com cuidado e o levou muito mais devagar do que havia feito com a Rainha, para evitar que ele também

perdesse o fôlego. Antes de colocá-lo sobre a mesa, achou que precisava dar uma espanada na fuligem que o cobria.

A expressão de espanto do Rei era inédita para Alice. Quando ele se viu flutuando e espanado por uma mão invisível, ficou assombrado demais para gritar. Seus olhos e boca começaram a ficar cada vez maiores e mais redondos. Ela riu tanto dessa cena que quase o deixou cair no chão.

— Ai! *Por favor*, não faça essas caretas, meu caro! — exclamou, esquecendo-se de que o Rei não podia ouvi-la. — Ri tanto que mal pude segurá-lo! Não deixe sua boca tão aberta assim! Toda a cinza vai entrar nela... pronto. Agora você está arrumado! — acrescentou Alice, enquanto alisava o cabelo do Rei e o colocava perto da Rainha na mesa.

O Rei caiu de costas na hora, completamente imóvel. Alice ficou alarmada com o que havia feito e correu pela sala em busca de um pouco de água para despertá-lo. Porém, só achou um pote de nanquim. Ao retornar, viu que ele já estava recomposto. Ele e a Rainha conversavam em sussurros aterrorizados: tão baixo que Alice mal podia ouvir o que diziam. O Rei exclamava:

— Juro que congelei até a ponta dos bigodes, querida!

E a Rainha respondeu:

— Nem bigodes você tem.

— Eu *nunca* vou me esquecer — continuou o Rei — do pavor que eu passei!

— Vai sim — disse a Rainha —, a menos que faça um memorando.

Alice observou com muita curiosidade o Rei sacar um enorme caderno de notas de seu bolso e começar a escrever. Uma ideia ocorreu a ela, que imediatamente segurou o lápis por cima do ombro dele e tomou o controle da escrita.

O pobre Rei ficou atônito e triste. Brigou um pouco com o lápis sem dar um pio, mas Alice era forte demais para ele. Enfim ele desistiu de controlá-lo:

— Querida! Preciso *muito* de um lápis mais fino. Não consigo dominar este aqui. Está escrevendo um monte de coisas que eu não queria...

— Qual monte de coisas? — perguntou a Rainha espiando o caderno no qual Alice escrevera “O Cavalo Branco está escorregando pelo atizador. Ele não se equilibra bem”. — Isto não é um memorando dos *seus* sentimentos!

Havia um livro sobre a mesa perto de Alice e, enquanto observava o Rei Branco sentada — porque ainda estava preocupada com ele —, se preparava para despejar toda a tinta caso ele desmaiasse outra vez. Folheou até achar uma parte que conseguia ler:

— ... porque não sei que língua é essa — falou sozinha.

Era assim:

ÀUGAY ÛYET

Éra Inco-fisco e as mabnias ensespadas

Faziam redemoinhos trêmulos á boca da mata

Feito copras-corai, onde pigios em horas

E arabongas desespadadas gritavam em sonata

Ficou confusa, mas no fim teve uma ideia brilhante.

— Ora, claro! É um Livro do Espelho. Se eu o colocar na frente do espelho as palavras ficarão certas.

Este foi o poema que Alice leu:

TEYÚ YAGUÁ

*Era lusco-fusco e as mabuias ensebadas
Faziam redemoinhos trêmulos à boca da mata,
Feito cobras-coral, onde bugios em hordas
E arapongas desesperadas gritavam em sonata.*

*Cuidado com o Teyú Yaguá, meu filho!
Presas que mordem, garra que lacera!
Cuidado com o Nhanduguaçu e evite
O cabeludo Curupira, amigo das feras.*

*Ele ergueu a espada “Só Lâmina”:
Há muito procurava aquele vilão —
Apoiado no pé de Mulungu,
Ele permaneceu em seus pensamentos, são.*

*Enquanto mantinha-se em profunda reflexão,
Teyú Yaguá, com seus olhos de fogo,
Serpenteou entre as vitórias-régias
Raivoso rumo ao próprio malogro!*

*Um, dois! Um, dois! Pra dentro dele, na luta mortal,
A espada “Só Lâmina” bestrçalhou!
Teyú Yaguá decapitado, no galope triunfal,
As cabeças-troféu ele apresentou.*

*Tu mataste o Teyú Yaguá?
Me abrace, menino assombroso!
Ó maravilindo dia! Viva! Viva!
Ele pulava todo alegroso.*

*Era lusco-fusco e as mabuias ensebadas
Faziam redemoinhos trêmulos à boca da mata,
Feito cobras-coral, onde bugios em hordas
E arapongas desesperadas gritavam em sonata.*

— Parece bonito — disse ela, quando terminou. — Mas é *meio* difícil de entender!

Como podem ver, não queria nem confessar para si mesma que não havia entendido nada.

— Parece que ele encheu minha cabeça de ideias... só não sei exatamente quais! Me parece que *alguém* matou *alguma* coisa: pelo menos isso ficou claro...

“Vixe!”, pensou Alice com um salto repentino. “Se não me apressar, não vou conseguir voltar para o outro lado do espelho antes de ver como é o resto da casa! Primeiro, vamos dar uma olhada no jardim!”

Saiu da sala imediatamente e correu escadaria abaixo. Ou melhor, não correu exatamente. Usou uma invenção para descer rapidamente e com facilidade, como disse para si mesma. Ela colocou a ponta dos dedos no corrimão e flutuou suavemente para baixo sem sequer encostar nos degraus. Depois, boiou pelo corredor e teria saído direto pela porta caso não tivesse se agarrado no batente. Ficou um pouco zonza por flutuar tanto e se alegrou quando viu que podia andar normalmente de novo.

O JARDIM DAS FLORES VIVAS

Daria para ver o jardim muito melhor — Alice falou sozinha —, se eu subisse no topo daquele morro. Este caminho leva direto para lá. Ou melhor, não leva não... — disse, depois de andar alguns metros pela trilha cheia de curvas bruscas. — Acho que no fim leva. Nossa, quantas curvas curiosas! Parece um caminho saca-rolhas! Pelo que parece, esta curva leva ao morro... não, não leva! Vai direto de volta para casa! Então vou para o lado contrário.

E assim fez: vagou para cima e para baixo, curva depois de curva, porém, sempre acabava voltando para a casa. Quando virou uma curva mais rapidamente do que o normal, chegou mesmo a trombar com a casa.

— Não adianta falar sobre isso — disse Alice, olhando para cima como se estivesse discutindo com ela. — Eu ainda *não* vou entrar de novo. Sei que deveria atravessar o espelho e voltar para a velha sala... mas isso seria o fim de todas as minhas aventuras!

Então, resoluta, virando as costas para a casa, ela voltou ao caminho, determinada a seguir em frente até chegar ao morro. Por alguns minutos, tudo saiu conforme o planejado. Ela estava prestes a dizer “Eu *preciso* conseguir desta vez...” quando o caminho deu uma reviravolta repentina e se chacoalhou (como

ela descreveu depois). No momento seguinte, Alice se viu, na verdade, entrando pela porta.

— Ai, que lástima! — exclamou. — Nunca vi uma casa que não sai da nossa frente de jeito nenhum!

Contudo, com o morro bem ali, não havia alternativa além de começar de novo. Desta vez ela foi parar em um grande jardim de flores. Havia margaridas em volta e um salgueiro plantado no meio.

— Ai, Lírio-tigre — Alice disse para um deles, que oscilava ao sabor do vento —, que *pena* que você não fala!

— Falamos sim — disse o Lírio-tigre. — Mas só com quem vale a pena.

Aquilo deixou Alice tão maravilhada que ela ficou sem palavras por um minuto. Parecia que havia perdido o fôlego. Então, enquanto o Lírio-tigre continuava a oscilar, ela voltou a falar timidamente, quase sussurrando:

— Mas *todas* as flores falam?

— Tanto quanto *você* — respondeu o Lírio-tigre. — Só que muito mais alto.

— Não achamos educado puxar conversa, sabe? — disse a Rosa. — Até pensei comigo: “Ela tem uma cara *boa*, mas não parece inteligente!”. Mas sua cor está certa e isso já é um bom caminho andado.

— Quem liga para cores — observou o Lírio-tigre. — Se as pétalas dela fossem mais crespas já seria bom.

Alice não gostou de ser analisada daquela maneira e decidiu perguntar:

— Vocês não ficam com medo de permanecer plantadas aqui fora sem ninguém para cuidar de vocês?

— Tem a árvore no meio — disse a Rosa. — Para o que mais ela serviria?

— Mas o que ela faria se aparecesse algum perigo? — perguntou Alice.

— Ela chora alto! — gritou uma Margarida. — É por isso que chamam o salgueiro de chorão!

— Não sabia *disso*? — gritou outra Margarida.

Todas passaram a gritar juntas até que o ar pareceu ficar carregado de vozinhas estridentes.

— Silêncio, todo mundo! — gritou o Lírio-tigre, agitando-se de um lado para o outro e tremendo de nervoso. — Elas sabem que não consigo alcançá-las — ofegou, pendendo a cabeça trêmula para Alice —, senão jamais ousariam fazer isso!

— Tudo bem! — disse Alice em um tom conciliador. Marchou até as margaridas, que estavam prestes a recomeçar tudo, e cochichou: — Se não guardarem a língua, vou colher vocês!

Por um momento, houve silêncio e muitas das margaridas cor-de-rosa ficaram brancas.

— Isso mesmo! — disse o Lírio-tigre. — As margaridas são impossíveis. Quando uma fala, todas tagarelam. É o bastante para murchar qualquer um!

— Como aprenderam a falar tão bem? — disse Alice, querendo mudar os humores com um elogio. — Já estive em muitos outros jardins antes, mas nenhuma flor falava.

— Coloque sua mão no chão e sinta a terra — disse o Lírio-tigre. — Já vai descobrir.

Alice obedeceu.

— É muito duro — ela disse. — Mas o que uma coisa tem a ver com outra?

— Na maioria dos jardins — explicou o Lírio-tigre —, os canteiros são fofos demais e as flores ficam só dormindo.

Aquilo pareceu um ótimo motivo e Alice ficou feliz em aprender.

— Nunca tinha me passado pela cabeça! — ela disse.

— Na *minha* opinião, *nada* passa pela sua cabeça — disse a Rosa em um tom rude.

— Nunca vi ninguém com jeito mais burro — disse uma Violeta tão de repente que Alice deu um pulo. Ela não havia falado nada ainda.

— Olha a língua! — gritou o Lírio-tigre. — Como se um dia já tivessem *visto* alguém! Ficam cochilando o dia todo com a cabeça metida debaixo das folhas. Sabem menos sobre o mundo que um botão!

— Tem mais alguém no jardim além de mim? — perguntou Alice, sem se importar com o último comentário da Rosa.

— Tem outra flor no jardim que consegue andar como você — disse a Rosa. — Queria saber como fazem isso...

— Você sempre quer saber — disse Lírio-tigre.

— Mas ela é mais vistosa que você.

— É parecida comigo? — perguntou Alice, ansiosa com essa imagem na cabeça. — Em algum lugar, existe outra menina.

— Bem, ela tem o mesmo jeito esquisito que você — disse a Rosa. — Acho que só é mais vermelha, e suas pétalas são mais curtas.

— As pétalas são mais fechadas, quase como uma dália — interrompeu Lírio-tigre novamente. — Não ficam caídas como as suas.

— Mas não é culpa *sua* — a Rosa completou gentilmente. — Você está desaparecendo, sabe... quando é assim, as pétalas ficam mesmo meio bagunçadas.

Alice não gostou nada daquilo. Para mudar de assunto, perguntou:

— Ela vem aqui de vez em quando?

— Acredito que você a verá logo — disse a Rosa. — Ela é do tipo espinhenta.

— Onde ficam os espinhos dela? — perguntou Alice, um tanto curiosa.

— Ora, em volta da cabeça, é claro — respondeu a Rosa. — Estranho *you* não ter nenhum. Achei que era uma regra geral.

— Lá vem ela! — exclamou o Delfino. — Estou ouvindo os passos. *Tump, tump, tump* no caminho de pedrisco.

Alice olhou em volta, atenta, e viu que era a Rainha Vermelha.

— Ela cresceu bastante! — foi sua primeira impressão.

E tinha crescido mesmo: quando Alice a encontrou entre as cinzas, tinha menos de dez centímetros. Agora estava quase um

palmo maior que Alice!

— É por causa desse ar puro maravilhoso — disse a Rosa.

— Acho que vou cumprimentá-la — falou Alice, pois embora as flores fossem interessantes, a menina achou o máximo poder conversar com uma rainha de verdade.

— Não faça isso de jeito nenhum — disse a Rosa. — Aconselho que vá na direção contrária.

Aquilo soou tão absurdo que Alice se calou e partiu na direção da Rainha Vermelha. Para sua surpresa, ela a perdeu de vista por um momento e se viu novamente em frente à porta da casa.

Um tanto irritada, voltou e depois de procurar em todo canto pela Rainha — que finalmente avistou bem longe dali —, decidiu tentar o plano de caminhar na direção oposta.

Deu incrivelmente certo. Não andou nem um minuto até dar de cara com a Rainha Vermelha, bem à vista do morro que tanto desejava.

— De onde você vem? — perguntou a Rainha Vermelha. — E para onde vai? Levante os olhos, seja educada e não fique apertando os dedos sem parar.

Alice obedeceu a todas as ordens e explicou da melhor maneira que tinha perdido seu caminho.

— Não sei o que você quer dizer com *seu* caminho — disse a Rainha. — Todos os caminhos daqui pertencem a *mim*... Me conte por que está aqui fora, afinal — completou com um tom mais suave. — Poupe tempo e faça reverências enquanto pensa na resposta.

Alice ficou confusa com aquilo, mas de tão amedrontada pela Rainha nem pensou em contrariar.

“Vou tentar quando estiver em casa”, pensou consigo mesma, “na próxima vez que me atrasar um pouco para o jantar”.

— Já está na hora de responder — disse a Rainha, consultando seu relógio. — Abra a boca um *pouco* mais quando falar e sempre diga “Vossa Majestade”.

— Eu só queria ver o jardim, Vossa Majestade.

— Muito bem — disse a Rainha, dando tapinhas na cabeça da menina. O que, aliás, Alice não gostou nem um pouco. — Mas quando disser “jardim”... *Eu* já vi jardins que fariam este parecer uma selva.

Alice não ousou discordar e continuou:

— E pensei em encontrar o caminho para o topo daquele morro.

— Quando você diz “morro”... — interrompeu a Rainha. — *Eu* poderia te mostrar morros que fariam este ser chamado de vale.

— Não, isso não — disse Alice, surpresa por finalmente contradizê-la. — Um morro *não* pode ser um vale, sabia? Seria absurdo...

A Rainha Vermelha sacudiu a cabeça e respondeu:

— Pode chamar de “absurdo”, se quiser, mas *eu* já ouvi absurdos que fariam este ser tão sensato quanto um dicionário!

Alice a reverenciou outra vez, pois temia, pelo tom da Rainha, que a tivesse ofendido *um pouco*. Ambas caminharam em silêncio

até chegarem ao topo do morro.

Por alguns minutos Alice ficou em pé, quieta, olhando para todas as direções daquela intrigante região. Havia um grupo de pequenos riachos que cortavam os campos de fora a fora, e o solo entre eles era dividido em quadrados por cercas vivas que iam de um riacho até outro.

— Vejo que é desenhado com se fosse um grande tabuleiro de xadrez! — disse Alice, finalmente. — Devia haver peças se movendo por ele... Ah, lá estão! — completou, alegre. Seu coração acelerou de empolgação e ela continuou: — É um enorme jogo de xadrez... do tamanho do mundo. Se *é* que podemos dizer que aqui é um mundo, sabe? Ah, mas que divertido! Como eu *queria* ser um deles! Aceitaria ser até mesmo um peão só para participar do jogo, embora eu fosse gostar *muito* mais de ser uma rainha, é claro.

Olhou meio envergonhada para a verdadeira Rainha ao declarar isso, mas sua companheira apenas deu um sorriso cordial e disse:

— Isso pode ser facilmente arranjado. Você pode ser um peão da Rainha Branca, se quiser, pois Lily é muito nova para jogar. Você começa na segunda casa e, quando chegar na oitava, se tornará uma rainha. Bem nesse momento, sem motivo algum, elas começaram a correr.

Alice nunca conseguiu entender, mesmo quando pensou nisso mais tarde, como é que tudo começou. O que ela se lembra é que corriam de mãos dadas e a Rainha ia tão rápido que tudo o

que ela podia fazer era acompanhá-la de longe. Mesmo assim, a Rainha gritava:

— Mais rápido! Mais rápido!

Mas isso seria *impossível* para ela, já sem fôlego até mesmo para falar.

O mais curioso era que as árvores e tudo o mais em volta delas não mudavam de lugar: por mais rápido que corresse, parecia que não ultrapassavam nada.

“Será que essas coisas todas se movem junto com a gente?”, pensou a pobre e confusa Alice. A rainha parecia ler seus pensamentos, pois gritava:

— Mais rápido! Nem tente falar!

Alice não tinha a *menor* intenção de fazer isso. Sentia como se nunca mais fosse capaz de falar, de tão esbaforida que estava. Mesmo assim a Rainha gritava:

— Mais rápido! Mais rápido! — e a arrastava.

— Já estamos chegando? — conseguiu arfar, finalmente.

— Quase lá! — repetiu a Rainha. — Ora, passamos por aqui dez minutos atrás! Mais rápido!

Correram mais um tempo em silêncio. O vento silvava nas orelhas de Alice. Ela pensou que seu cabelo seria arrancado.

— Vamos! Vamos! — berrou a Rainha. — Mais rápido! Mais rápido!

Ambas corriam tão rápido que pareciam deslizar sobre o ar, mal tocando os pés no chão. De repente, quando Alice já estava

praticamente exaurida, pararam e ela se viu sentada no chão, zozna e sem ar.

A Rainha a encostou contra uma árvore e falou gentilmente:

— Descanse um pouco.

Alice olhou em volta, muito surpresa.

— Ora, achei que estávamos debaixo desta árvore o tempo todo! Ainda está tudo igual!

— Claro que está — disse a Rainha. — O que você esperava?

— Bem, em *nosso* país — disse Alice, ainda um tanto ofegante —, nós geralmente chegamos em outros lugares quando corremos rápido por algum tempo como acabamos de fazer.

— Um tipo de país lerdo! — disse a Rainha. — *Aqui*, veja só, corremos tudo isso para ficar no mesmo lugar. Se você quiser ir para algum lugar, precisa correr pelo menos duas vezes mais rápido do que corremos!

— Por favor, é melhor não! — disse Alice. — Estou contente por estar aqui... mas sinto muita sede e estou toda suada!

— Já sei o que você quer! — disse a Rainha com bondade.

Tirou uma caixinha do bolso.

— Quer um biscoito?

Alice achou que seria rude dizer “Não”, embora não fosse o que ela queria. Ela pegou o biscoito e o comeu da melhor forma que pôde, mas estava muito seco. Percebeu que nunca ficou tão perto de sufocar em toda sua vida.

— Enquanto você se refresca — disse a Rainha —, vou tirar umas medidas.

Ela tirou uma fita métrica do bolso e começou a medir o chão e a colocar pequenas estacas aqui e ali.

— E depois de dois metros — disse, marcando a distância com uma estaca —, vou lhe dar as instruções... Quer outro biscoito?

— Não, obrigada — disse Alice. — Um só já foi muito!

— Espero que tenha matado a sede — emendou a Rainha.

Alice não sabia o que dizer. Por sorte, a Rainha sequer esperou a resposta. Continuou:

— Depois de *três* metros, repito tudo para não arriscar me esquecer. Depois de *quatro*, digo adeus. E depois de *cinco*, já me fui!

Todas as estacas já estavam fixadas. Alice olhou abismada e viu a Rainha retornar na direção da árvore para, depois, seguir lentamente pelo caminho formado.

Na estaca dos dois metros, ela olhou em volta e disse:

— Um peão anda dois quadrados no primeiro movimento. Por isso você salta *rápido* para o terceiro quadrado... talvez de trem. Num piscar de olhos, você estará no quarto quadrado. Bem, *este* é o quadrado de Tweedledum e Tweedledee. O quinto é quase todo de água. O sexto pertence a Humpty Dumpty. Você não vai dizer nada?

— Eu... eu não sabia que tinha de falar... agora — gaguejou Alice.

— Você *deveria* dizer “Muita gentileza sua me contar tudo isso”, mas vamos supor que você tenha dito. O sétimo quadrado é só floresta, mas um dos cavalos mostrará o caminho para você. E

no oitavo quadrado seremos rainhas juntas e tudo será festa e diversão!

Alice levantou-se, fez uma reverência e sentou-se novamente.

A Rainha se virou na estaca seguinte e disse:

— Fale em francês quando não souber a palavra em português... ande com os pés abertos e lembre-se de quem você é!

Nem sequer esperou que Alice a reverenciasse desta vez. Apressou-se para a próxima estaca, voltou-se por um momento e disse:

— Tchau.

E correu para a última delas.

Como isso aconteceu, Alice nunca saberá explicar, mas exatamente quando chegou à última estaca, ela desapareceu. Não era possível dizer se havia evaporado no ar ou sumido entre as árvores — “pois ela consegue correr *muito* rápido!”, pensou Alice. O fato é que a Rainha desaparecera. Alice se lembrou de que era um peão e que logo seria sua vez de se mover.

INSETOS DO ESPELHO

O bviamente, a primeira coisa a fazer era uma boa análise do território a ser atravessado.

“É bem parecido com as aulas de geografia”, pensou Alice, na ponta dos pés, para tentar ver mais longe.

— Não há *nenhum* rio principal. Nem morros... estou sobre o único deles, mas acho que nem tem nome. Cidades principais... Ora, *quem* são aquelas criaturas fazendo mel ali? Não são abelhas... ninguém consegue ver abelhas a um quilômetro de distância, não é?

Por alguns instantes Alice ficou em silêncio observando uma delas se remexer entre as flores, enfiando sua probóscide nelas.

“Faz igualzinho a uma abelha comum”, pensou Alice.

No entanto, aquilo era tudo, menos uma abelha: na verdade, era um elefante, como descobriu Alice, embora a ideia tenha tirado seu fôlego no início.

“Para dar conta de uma abelha desse tamanho, as folhas precisam ser gigantescas!”, foi o pensamento que passou pela cabeça dela.

— Elas teriam de ser do tamanho de casas de campo com os telhados abertos feito pétalas, imagina só a quantidade de mel que seria possível produzir! Acho que vou descer e... não, não vou *ainda* — ela acrescentou, contendo-se logo antes de começar

a descer correndo pelo morro e pensar em uma desculpa para sua timidez repentina.

— Eu jamais andaria perto dessas abelhas sem ter um galho na mão para espantá-las. Vai ser muito engraçado quando me perguntarem se estou aproveitando minha caminhada e direi: “Oh, eu adoro!”.

Nesse momento, ela fez o movimento que mais gostava de fazer com a cabeça.

— Pena que o dia está tão quente e empoeirado por causa dos elefantes. Acho que vou seguir por outro caminho e talvez visite os elefantes mais tarde. Até porque eu quero muito chegar à terceira casa do tabuleiro! — Com essa desculpa, ela correu ladeira abaixo e pulou sobre seis pequenos regatos.

* * * * *

— Passagem, por favor — falou o Guarda, após colocar a cabeça na janela.

Todos, imediatamente, apareceram com as passagens na mão. Muitas eram quase do mesmo tamanho que seus respectivos donos.

— Mostre-me sua passagem, menina! — insistiu o Guarda, olhando irritado para Alice.

Muitas vozes, feito um coro de teatro, repetiram:

— Não deixe o Guarda esperando, menina! A hora de trabalho dele custa mil reais por minuto!

— Perdão, mas eu não tenho passagem — ela respondeu, assustada. — Não havia bilheteria de onde eu vim.

O coro não perdoou:

— Não havia espaço para uma bilheteria de onde ela veio? A terra lá vale mil reais o centímetro quadrado!

— Não me venha com desculpinhas — disse o Guarda. — Você deveria ter comprado uma passagem com o cobrador.

O coro novamente bronqueou:

— O cobrador trabalha no trem, custa mil reais cada nuvem de fumaça que solta!

“Não adianta eu falar nada”, pensou Alice.

Como a menina não havia falado nada, as vozes do coro não se manifestaram. Porém, para total surpresa de Alice, as vozes *pensaram* em coro (eu espero que você entenda o que significa *pensar em coro* — pois eu devo confessar que não faço a menor ideia):

— Melhor não falar nada. A linguagem vale mil reais a palavra!

“Certamente vou sonhar sobre mil reais essa noite”, pensou Alice.

Enquanto isso, o Guarda observava Alice primeiro por um telescópio, depois por um microscópio e, por último, por um binóculo de ópera. Por fim, ele disse:

— Você está viajando na direção errada. — Então fechou a janela e foi embora.

— Quer dizer então que exigem que a criança saiba para onde vai quando ela não sabe sequer o próprio nome! — disse um

cavalheiro (com uma roupa feita de papel branco) sentado do lado oposto ao que estava Alice.

— Exigem que ela conheça o caminho até a bilheteria mesmo sem conhecer o alfabeto! — afirmou um Bode, em voz alta e de olhos fechados, sentado ao lado do cavalheiro de branco.

Havia um Besouro sentado ao lado do Bode (o grupo naquele vagão era muito peculiar). Como a regra parecia ser um falar depois do outro, ele *também* se manifestou:

— Ela vai ter de voltar como bagagem!

Alice não conseguiu ver de quem era a voz rouca que acabara de falar.

— Mudem os motores! — E foi obrigado a ficar quieto.

“Parece a voz de uma vaca louca”, ela pensou.

— Você deveria fazer uma piada com essa história de “vaca louca rouca”, sabia? — disse uma voz minúscula de alguém que parecia estar muito perto do ouvido da menina.

Nesse momento, uma voz muito gentil, porém distante, disse:

— É preciso etiquetá-la com o seguinte aviso: “moça com cuidado”, sabiam?

Depois disso, inúmeras outras vozes falaram coisas como:

— Ela deveria ser enviada pelo correio.

Ou:

— Não, ela precisa ser telegrafada.

Ou ainda:

— Na verdade, ela tem de pegar o trem para percorrer o resto do caminho.

— Não ligue para o que eles falam, minha querida. Basta você pegar uma passagem de volta toda vez que o trem parar — disse o cavalheiro vestido de papel branco.

— Na verdade, não devo fazer isso, não. Eu não pertencço a esta viagem de trem — afirmou a menina já impaciente. — Estava em um bosque agora mesmo e quero muito retornar para lá.

— Você deveria fazer uma piada sobre *isso*, sabia? — disse a voz minúscula perto do ouvido da menina. — Algo como: “você *faria*, se pudesse”, sabia?

— Não acho — respondeu Alice, olhando em volta, mas em vão, para descobrir de onde vinha aquela voz. — Se você quer tanto uma piada, por que não faz uma você mesmo?

A voz minúscula perto do ouvido da menina suspirou profundamente. Estava *muito* infeliz, evidentemente. Alice ficou pensando em algo piedoso para dizer e assim consolá-la.

“Se pudesse, pelo menos, suspirar como as outras pessoas...!”, Alice pensou. Era um suspirinho tão minúsculo que ela só conseguia ouvir porque era de alguém muito pequenino que estava *extremamente* próximo ao seu ouvido. Por causa disso, Alice sentiu a orelha pinicar e coçar muito, o que desviou seus pensamentos da infelicidade da pobre criaturinha.

— Eu sei que você é uma amiga — disse a voz minúscula —, uma amiga querida e uma velha amiga que jamais vai machucar este pobre inseto.

— Que tipo de inseto é você? — perguntou Alice, que estava preocupada se aquele inseto era ou não do tipo que ferroava as

peessoas, mas achou que seria falta de educação perguntar.

— Quê? Então você não... — começou a vizinha. A conversa, no entanto, não prosseguiu por causa do enorme barulho que o motor do trem começou a fazer. Alice e todos os outros se assustaram.

— É apenas um riacho que pulamos — afirmou o Cavalo, que havia colocado a cabeça para fora do vagão do trem.

Todos ficaram satisfeitos com a explicação, menos Alice, que achou muito estranho e perigoso que um trem saltasse sobre os riachos.

— Se bem que ele vai nos levar à quarta casa do tabuleiro, então não é tão ruim — ela disse para si mesma.

Mesmo assim, voltou a ficar com muito medo quando sentiu que o trem subia no ar. Ela se agarrou na primeira coisa que encontrou, que, nesse caso, foi a barba do Bode.

* * * * *

Curiosamente, a barba derreteu no momento em que ela a tocou. Alice então se viu sentada tranquilamente sob a copa de uma imensa árvore, enquanto o Mosquito, o dono da voz minúscula que ela ouvia, balançava à sua frente. No entanto, não era um Mosquito qualquer, mas um inseto do tamanho de uma *galinha*. Apesar do tamanho do bicho, Alice não se sentiu nervosa nem teve medo dele.

— Quer dizer então que você não gosta de insetos? — perguntou o Mosquito, como se nada tivesse acontecido.

— Eu gosto quando eles falam — respondeu Alice. — Nenhum deles fala no lugar de onde *eu* venho.

— Mas que tipo de insetos você aprecia lá no lugar onde *você* vive? — perguntou o Mosquito.

— Eu não *aprecio* nenhum deles, porque, na maioria dos casos, eu tenho medo de insetos, principalmente dos grandes.

— Esses insetos têm nome? Eles respondem quando você os chama? — perguntou o Mosquito, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

— Não. Pelo que sei, não falam nem respondem — disse Alice.

— Então, para que serve dar nomes para os insetos se eles não respondem quando os chamamos ou falamos com eles?

— Não diga *eles* — afirmou Alice. — As pessoas deram nomes aos insetos porque isso faz mais sentido. Se não fosse assim, por que nos daríamos ao trabalho de dar nomes às coisas?

— Não sei o que dizer — respondeu o Mosquito. — Aqui no bosque, eles não têm nome. De qualquer forma, continue listando seus insetos; eu, de minha parte, acho que vocês estão perdendo tempo.

— Veja só, nós temos a mosca-varejeira. — E começou a listar os tipos de insetos.

— Tá bom. Tá bom — disse o Mosquito. — Lá no meio daquela mata você vai encontrar Moscas Balanço-Cavalinho-de-Pau, feitas de madeira e que balançam, igual ao brinquedo, de um galho para o outro.

— Do que elas vivem? — perguntou Alice.

— Seiva e serragem — disse o Mosquito. — Continue com sua lista.

Alice olhou para a Mosca Balanço-Cavalinho-de-Pau com grande interesse e achou que ela deveria ser pintada novamente; e então ela continuou:

— Há as libélulas.

— Olhe os galhos acima da sua cabeça e você verá as Libélulas-estralo, que têm o corpo feito de pudim de ameixa, as asas de folhas de azevinho, e a cabeça é uma uva-passa cozida em conhaque.

— E do que elas vivem? — perguntou Alice.

— De empadas e arroz doce — respondeu o Mosquito. — E vivem nas caixas de presentes de Natal.

— Nós também temos as borboletas — continuou Alice, após ver um inseto com a cabeça em chamas, e pensou que talvez aquele fosse o motivo para as mariposas voarem na direção do fogo da vela ou da luz elétrica.

— Rastejando perto do seu pé — seguiu o Mosquito. (Alice deu um passo para trás, assustada.) — Você pode ver uma Borboleta-bolo, que tem as asas feitas de massa e recheio de bolo de casamento, o corpo feito glacê e a cabeça de chocolate.

— E do que *elas* vivem? — perguntou Alice.

— De café com leite — disse o Mosquito.

— E se não encontrarem café com leite para sobreviver?

— Se não encontrarem, elas morrem de fome, obviamente.

— Mas isso deve acontecer com frequência — observou Alice.

— Sempre acontece — sentenciou o Mosquito.

Depois disso, Alice ficou calada e pensativa por alguns minutos.

O Mosquito, por sua vez, estava satisfeito voando ao redor da cabeça da menina.

— Acredito que você não quer perder seu nome, não é? — perguntou o Mosquito.

— Não quero! Nunca! — respondeu Alice.

— É... eu não sei de nada — observou o Mosquito em tom descuidado. — Pense como seria conveniente se você conseguisse ir para casa sem seu nome! Por exemplo, se a governanta da sua casa quisesse chamar você para as aulas, ela gritaria “venha aqui...”, e teria de desistir, pois não haveria nenhum nome para chamar. Assim, é óbvio que você não teria de fazer sua lição.

— Impossível! Ela jamais esqueceria ou deixaria que eu ficasse sem fazer minha lição de casa. Acabaria me chamando de abençoada ou algo do tipo.

— E você seria “abençoada” com uma bela lição — brincou o Mosquito.

— Por que você diz que eu seria abençoada? — perguntou a menina.

Duas lágrimas então rolaram pela face do Mosquito.

— Você não deveria fazer piadas se elas te deixam assim tão triste — observou Alice.

Ela ouviu outro pequeno suspiro melancólico. Desta vez, o pobre Mosquito realmente estava muito triste. Tanto que quando Alice olhou para cima, já não havia mais nada. O Mosquito tinha desaparecido. Ela, por sua vez, estava sentindo muito frio. Decidiu então levantar-se e seguir em frente.

Chegou a um campo aberto, com um bosque do outro lado, mais escuro que o anterior. Alice teve *um pouquinho* de medo. No entanto, decidiu continuar.

“Agora não posso mais *voltar*. É seguir em frente”, pensou a menina, decidida a chegar na quarta casa do tabuleiro.

— Este deve ser o bosque onde as coisas não têm nome — falou para si. — Fico imaginando o que acontecerá com o *meu* nome se eu entrar no bosque. Não quero perder meu nome de jeito nenhum. Vão querer me dar um outro nome e certamente será algo feio. Engraçado vai ser procurar e encontrar a criatura que vai utilizar meu antigo nome. Vai ser igual àqueles cartazes de cachorro perdido “*atende pelo nome de Traço e leva uma coleira de latão*”. Fico imaginando chamar tudo que encontro pela frente de “Alice” até que algo ou alguém responda! Tenho certeza de que quem responder certamente será alguém muito esperto.

Ela estava nesse monólogo quando chegou ao bosque. Sentiu a temperatura agradável produzida pelas sombras do dossel do bosque.

— A sensação aqui é bem gostosa — comentou ao caminhar entre as árvores. — Depois de passar muito calor, entrar na... Entrar *onde*? — Alice ficou surpresa de esquecer a palavra. — Eu quero dizer, de entrar debaixo das... debaixo *disso*, você sabe o

quê! — disse colocando a palma da mão no tronco de uma árvore. — Como é que se chama mesmo? Tenho certeza de que não tem nome. É isso, não tem nome!

Ela ficou em silêncio por um minuto, pensando, então começou de novo:

— Aconteceu *mesmo*! Eu esqueci o nome das coisas. Mas quem sou eu? Eu *vou* me lembrar. Estou determinada a me lembrar! — Só que a determinação não ajudou muito. Depois de pensar bastante sobre aquele esquecimento, só conseguiu dizer que: — “L”, eu *sei* que começava com a letra “L”.

Nesse momento, um Veado surgiu no meio da mata. Olhou para Alice com seus olhos grande e gentis, mas não parecia estar com medo.

— Vem aqui, vem — chamou Alice, estendendo a mão e tentando acariciá-lo. O Veado levou um leve susto e recuou um pouquinho, mas continuou olhando para ela.

— Como você se chama? — perguntou o Veado, por fim. E que voz suave ele tinha!

— Eu gostaria de poder dizer — ela disse, meio tristonha —, mas não me lembro de nada.

— Pense novamente — respondeu o Veado. — Assim não adianta.

Alice pensou e pensou, mas nada veio à sua mente.

— Você poderia me dizer, por gentileza, como é o *seu* nome? — perguntou a menina, envergonhada. — Eu acho que isso pode me ajudar.

— Eu digo, mas para isso precisamos andar um pouco mais. Aqui, neste lugar, eu não me lembro.

Caminharam juntos, Alice com os braços cruzados em volta do pescoço macio do Veado, até que saíram em outro campo aberto. Nesse ponto, o Veado deu um súbito salto no ar e se livrou dos braços de Alice.

— Eu sou um Veado — disse com uma voz de deleite —, e você... puxa vida! Você é uma criança humana!

De repente, após um olhar de susto tomar conta de seus lindo olhos, ele correu feito uma flecha, a toda velocidade.

Alice ficou olhando e quase começou a chorar. Não queria ter se separado de seu lindo e novo amigo tão de repente.

— Apesar da separação, agora eu me lembro do meu nome — disse ela. — Pelo menos isso serve de *algum* conforto. Não vou mais me esquecer. Alice! Alice! E agora, para onde devo ir?

Não era uma pergunta muito difícil de responder. Só havia uma estrada no bosque, com duas placas, ambas apontando para frente, na mesma direção.

— Já sei — Alice disse consigo mesma. — Quando a estrada se bifurcar, as placas vão apontar para direções diferentes.

Só que parecia que isso não ia acontecer. Ela seguiu em frente por um longo, longo trajeto, mas sempre que a estrada se bifurcava, duas placas apontavam para os mesmos caminhos. Uma dizia: *Casa do Tweedledum*; a outra: *Casa do Tweedledee*.

“Acho que eles devem morar na mesma casa”, pensou a menina. “Como será que nunca pensei nisso antes? Mas não posso ficar lá muito tempo. Vou só fazer uma visitinha e

perguntar: 'Oi, tudo bem?'. E depois perguntar se eles sabem me dizer como faço para sair do bosque. Se ao menos eu pudesse chegar à oitava casa do tabuleiro antes de escurecer!"

Seguiu andando e falando sozinha até que fez uma curva brusca e encontrou dois homenzinhos gordos. Deu de cara com eles tão de repente que não pôde deixar de recuar alguns passos, tamanho o susto. Porém, não foi muito longe antes de perceber que os dois deveriam, certamente, ser Tweedledum e Tweedledee.

TWEEDLEDUM E TWEEDLEDEE

Ambos estavam em pé debaixo de uma árvore. Cada um levava o braço ao redor do pescoço do outro, como bons amigos. Alice só conseguia saber quem era quem porque um deles tinha *Dum* bordado no colarinho; o outro, *Dee*.

— Acredito que cada um também tenha um *Tweedle* bordado na parte de trás da gola — disse para si mesma.

Pareciam tão imóveis que ela quase esqueceu que ambos estavam vivos. Alice rodeou as duas “estátuas” para verificar se realmente levavam a palavra *Tweedle* bordada na parte de trás da gola de suas camisas. Acabou surpreendida por uma voz que saiu daquele indivíduo que levava a marca *Dum* bordada no colarinho.

— Se você acha que somos estátuas de cera, deveria pagar para ficar nos olhando. Os trabalhos em cera não são feitos para serem vistos sem pagar. Não senhora. Museus de cera cobram entrada — disse um deles.

— Ao contrário — afirmou Dee —, se você acredita que estamos vivos, então deveria falar algo.

— Eu sinto muito — disse Alice já meio aflita, pois a música com o nome dos dois grudou feito chiclete em sua cabeça. O refrão era tão poderoso que ela acabou cantarolando:

— *Tweedledum e Tweedledee*
Se atracaram numa briga feia
Porque Tweedledum disse que Tweedledee
Quebrou a matraca alheia.

Só depois que um urubu,
Preto igual carvão,
Assustou nossos heróis,
Eles deixaram de discussão.

— Eu sei no que você está pensando — disse Tweedledum —, mas não é isso. Aliás, de jeito nenhum.

— Ao contrário — continuou Tweedledee —, se fosse assim poderia ser. E se fosse assim seria, mas como não é, então não é. Isso é uma questão de lógica.

— Eu estava pensando — falou Alice, toda educada — qual seria o melhor caminho para sair deste bosque. Está escurecendo. Você poderia, por favor, me dizer qual é?

Os dois, no entanto, olharam um para o outro e sorriram ironicamente. Ambos pareciam estudantes, em razão das suas roupinhas no estilo uniforme escolar. Alice achou aquilo tão engraçado que não conseguiu deixar de falar:

— Engomadinho!

— Não! — gritou Tweedledum e, em seguida, cobriu sua boca com a mão, mas foi tão forte que fez um barulho de tapa.

— Engomadinho! — disse Alice, agora para Tweedledee, do qual ela esperava ouvir “Ao contrário!” e foi exatamente isso o que aconteceu.

— Você não sabe de nada! — gritou Tweedledum. — A primeira coisa que uma visita deve fazer é dizer “Como vai?” e depois cumprimentar apertando a mão.

Os dois irmãos se abraçaram e, no momento seguinte, esticaram as mãos livres para cumprimentar Alice. A menina não queria apertar a mão de nenhum deles primeiro. Tinha medo de apertar a mão de um e o outro chorar por não ter sido escolhido primeiro. Então, decidiu segurar as duas mãos ao mesmo tempo: no momento seguinte, os três giravam de mãos dadas ao som de uma canção. Tudo isso pareceu bastante natural (ela lembrou-se depois). Alice não ficou nem um pouco surpresa ao ouvir música tocando: parecia vir da árvore sob a qual eles dançavam. Ela percebeu que os galhos se esfregavam uns nos outros como se fossem um violino (era o que ela achava) e que dali surgia o som.

— Mas foi tudo *muito* divertido — Alice disse depois, quando contava a história para a irmã. — Em pouco tempo estava cantando “Ciranda, cirandinha”. Eu não percebi exatamente o momento em que comecei a cantar, mas tive a sensação de que estava cantando aquela música havia muito, muito tempo!

Os outros dois cirandeiros eram gordinhos e rapidamente ficaram sem fôlego.

— Já deu! Já deu! Não aguento mais rodar — disse Tweedledum. E pararam de dançar tão subitamente quanto haviam começado. A música também parou. Eles soltaram as

mãos de Alice e ficaram olhando para ela. Houve então uma pausa estranha. Alice não sabia como começar uma conversa com as pessoas com as quais ela tinha acabado de dançar.

— Nunca daria certo falar “Como vai” *agora* — Alice comentou consigo mesma. — De alguma forma, parecia que tínhamos superado essa parte!

— Eu espero que vocês não tenham se cansado muito — disse, finalmente, Alice.

— De jeito nenhum — respondeu Tweedledee. — E *muito* obrigado por se preocupar conosco.

— *Muitíssimo* obrigado — completou Tweedledum. — Você gosta de poesia?

— Sim... sim... é... vejamos... eu gosto sim de um pouco de poesia... eu acho... — disse Alice meio titubeante. — Vocês poderiam, por gentileza, me indicar qual é o caminho para sair deste bosque?

— O que devo recitar para ela? — disse Tweedledee olhando para Tweedledum com grandes olhos solenes, sem dar a menor atenção para a pergunta de Alice.

— “A Morsa e o Carpinteiro” é o mais longo — respondeu Tweedledum e deu um abraço apaixonado em seu irmão.

Tweedledee, por sua vez, não perdeu um segundo sequer e começou imediatamente a recitar:

— *O sol brilhava...*

— Espera aí! — exclamou Alice interrompendo o recital. — Se for *muito* longo, você poderia, por favor, antes me indicar qual caminho devo seguir para sair deste bosque?

Maroto, Tweedledee sorriu e continuou recitando:

— *O Sol brilhava no mar,
Brilhava todo esfuziante:
Fazia o melhor para tornar
As ondas suaves e radiantes.
Mas isso era esquisito, porque
Era o meio da noite penetrante.*

*A Lua reluzia carrancuda
Com raiva do Sol que, àquela hora,
Não tinha nada de estar todo brilhante ali.
Depois que o dia havia terminado
“Isso é muita grosseria”, disse a Lua,
“Pois toda a brincadeira tinha estragado!”*

*O Mar estava molhado;
As areias, todas secas.
No Céu, não havia uma nuvem sequer:
Azul e límpido firmamento,
Sem pássaros sobrevoando,
Pois não havia pássaros naquele momento*

*A Morsa e o Carpinteiro
Caminhavam ali por perto.*

*Ambos choravam desamparados,
Tristes pela areia que cobria tudo sob o céu aberto
“Se tudo fosse varrido”,
Eles disseram, “Seria grandioso o descoberto!”*

*“Se sete faxineiras com sete vassouras
Varressem durante meio ano.*

*Você acha”, perguntou a Morsa,
“Que tudo brilharia?”*

*“Duvido”, respondeu o Carpinteiro
E chorou uma lágrima fria.*

*“Ó Ostras, caminhem conosco!”
Suplicou a Morsa.*

*“Um passeio agradável e uma conversa encantadora
Pela praia dourada:*

*Nós devemos, porém, caminhar em grupos de quatro
Assim podemos andar de mãos dadas.”*

*A Ostra mais velha olhou para a Morsa,
Mas não disse palavra.*

*Apenas deu uma piscadela
E balançou sua cabeça pesada,*

*O que significava que ela preferia
Não sair do meio da moluscada.*

*Quatro Ostras jovens correram
Ansiosas para participar do passeio.
Todas de casacos escovados, caras lavadas,
Sapatos limpos e engraxados até.
E isso é estranho, porque, como você sabe,
As Ostras não têm pés.*

*Quatro outras Ostras os seguiram,
Depois, outras quatro logo atrás.
Finalmente, muitas vieram
E mais, e mais, e mais, e mais
Todas pulando as ondas
E se arrastando como uma ostra faz.*

*A Morsa e o Carpinteiro
Caminharam quilômetro e meio.
E depois descansaram numa pedra
Convenientemente baixa
E todas as pequenas Ostras ficaram
Esperando na mesma faixa.*

*“Chegou a hora”, disse a Morsa
“de falar sobre muitas coisas:
Sapatos, navios, selo de cera,
Repolhos, a nobreza, as brasas.*

*E por que o mar está fervendo
E por que os porcos têm asas.”*

“Alto lá”, falaram as Ostras.

*“Antes de começarmos nossa conversa,
Pois algumas de nós estão sem ar,
Somos gordas e cheias de beleza!”*

*“Sem problema”, disse o Carpinteiro.
Elas o agradeceram muito pela gentileza.*

*“Um pedaço de pão”, a Morsa falou,
“é tudo o que necessitamos ter:*

*Pimenta e vinagre na mesa,
Tudo muito bom e pra valer.*

*Se vocês, queridas Morsas, já estão prontas
Podemos começar a comer.”*

*“Não nos coma!”, gritaram as Ostras.
E ficaram muitos tristes.*

*“Depois de toda a cortesia isso seria
Algo terrível de se fazer com a nossa camaradagem.”*

“A noite está linda!”, desconversou a Morsa.

“O que vocês acham desta linda paisagem?”

*“Eu estou muito feliz por vocês estarem aqui!
Vocês são sensacionais!”*

O Carpinteiro apenas disse:

“Cortem uma fatia a mais!

Eu gostaria que vocês não fossem surdas,

Para não pedir duas vezes, jamais.”

“É uma pena”, disse a Morsa,

“enganá-las desse jeito.

Depois de trazê-las tão longe

E fazê-las arfar o peito!”

O Carpinteiro apenas disse:

“A manteiga se esparramou, perfeito!”

“Eu vou chorar por vocês”, disse a Morsa,

“pois me simpatizo com vocês.”

Com lágrimas e tristeza ele separou

As mais apetitosas de uma vez.

Com o lenço em uma das mãos

E os olhos famintos de um mês.

“Ó Ostras”, disse o Carpinteiro.

“Vocês deram um passeio agradável

Vamos passear novamente?”

Elas não responderam em tom amável.

E isso foi muito estranho, porque

Comeram todas, cada uma era vulnerável.

— Eu prefiro a Morsa — afirmou Alice —, pois ela sentia-se um *pouco* triste pelas pobres Ostras.

— Porém, ela comeu quase o mesmo tanto de Ostras que o Carpinteiro — disse Tweedledee. — A única diferença é que ela escondia a boca atrás do lenço e por isso não era possível contar quantas comeu.

— Isso é terrível! Então eu prefiro o Carpinteiro — disse Alice, indignada, se ele não comeu o mesmo tanto que a Morsa.

— Mas ele comeu o máximo que conseguiu! — respondeu o Tweedledum.

Aquela situação era obviamente uma pegadinha. Alice concluiu então que os *dois*, a Morsa e o Carpinteiro, eram personagens muito desagradáveis. Nesse momento, ela se assustou ao ouvir algo que soou como o apito de uma grande locomotiva a vapor na mata, perto deles. Alice, temia que fosse uma fera selvagem.

— Há algum leão ou tigre por aqui? — Alice perguntou timidamente.

— É apenas o Rei Vermelho roncando — disse Tweedledee.

— Venha dar uma olhada nele — disseram os dois irmãos, levando Alice até o rei roncador.

— Não é uma imagem *adorável*? — perguntou Tweedledum.

Alice não estaria sendo honesta se concordasse. Ele usava uma touca de dormir, um pompom como travesseiro e roncava muito alto.

— Ronca tão alto que parece que a cabeça vai explodir! — comentou Tweedledum.

— Temo que ele pegue um resfriado deitado assim na grama úmida — disse Alice, pensativa.

— O que você acha que ele está sonhando agora? — perguntou Tweedledee.

— É impossível saber — respondeu Alice.

— Ele está sonhando com *você!* — exclamou Tweedledee, batendo palmas triunfantemente. — E se ele parasse de sonhar com você, onde você acha que estaria agora?

— Ora, eu estaria onde estou neste exato momento — respondeu Alice.

— Não! — Tweedledee retrucou com desdém. — Você não estaria em lugar nenhum, porque seria apenas uma coisa dentro do sonho dele!

— Se o Rei Vermelho acordar — disse Tweedledum —, *bam!*, você desaparece feito uma vela apagada.

— Eu não desapareceria, não — retrucou Alice. — Além disso, se *eu* sou apenas uma coisa dentro do sonho do Rei Vermelho, o que *você* é? Me diga, por favor...

— Idem — falou Tweedledum.

— Idem, idem — gritou Tweedledee.

Ele gritou tão alto que Alice não conseguiu se controlar e acabou dizendo:

— Psiu! Você vai acabar acordando ele com todo esse barulho.

— Olha, não adianta *você* falar em acordá-lo — disse Tweedledum —, quando você é apenas uma das coisas do sonho dele. Você sabe muito bem que não é real.

— Eu *sou* real! — disse Alice, e começou a chorar.

— Você não vai ficar nem um pouquinho mais real com toda essa choradeira — observou Tweedledee. — Aliás, não há motivo para tanto chororô.

— Eu não vou ficar nem mais um pouquinho real — disse Alice, rindo com o rosto cheio de lágrimas daquela afirmação ridícula. — Se isso fosse verdade eu não poderia sequer estar aqui chorando.

— Espero que você não venha me dizer que suas lágrimas são verdadeiras — respondeu Tweedledum em um tom condescendente e desdenhoso.

“Nossa, como eles falam bobagem”, Alice pensou. “Além do mais, é tolice chorar por isso.” E decidiu enxugar as lágrimas e se animar. “Preciso me concentrar em sair deste bosque. Está ficando escuro.”

— Será que vai chover? — perguntou ela.

— Não. Acho que não. Certamente não vai chover *aqui* — disse Tweedledum e abriu um enorme guarda-chuva sobre ele e seu irmão.

— Mas pode chover *fora* daí? — questionou Alice.

— Talvez... Se a chuva quiser — disse Tweedledee. — Se isso ocorrer, nós não vamos nos opor. Ao contrário.

“Egoístas!”, pensou Alice, já se preparando para dizer boa-noite e deixá-los ali.

Nesse momento, Tweedledum agarrou-a pelo pulso.

— Você está vendo *aquilo*? — perguntou Tweedledum, apontando amedrontado para uma coisa branca que estava no chão perto da árvore.

— É apenas uma matraca — respondeu Alice. — Não é uma cascavel ou algo do tipo — ela se apressou a responder, achando que ele pudesse se assustar. — É só uma matraca mesmo, bem velha e quebrada.

— Eu já sabia — afirmou Tweedledum, andando de um lado para o outro desesperadamente, e arrancando os cabelos. — Está estragada, né? — Ele olhou para o irmão, que imediatamente sentou-se no chão e tentou se esconder atrás do enorme guarda-chuva.

Alice pousou a mão no braço dele e disse em tom suave:

— Você não precisa ficar tão nervoso assim com uma matraca velha.

— Não é matraca velha! Eu a comprei ontem. Está novinha em folha — gritou, desesperado, em fúria maior ainda. No fim, sua voz se transformou em um berro poderoso.

Durante todo esse tempo, Tweedledee tentava de todas as maneiras fechar o guarda-chuva com ele dentro: o que era uma coisa tão extraordinária de ser fazer, que tirou a atenção de Alice do irmão zangado. Obviamente, ele não teve sucesso nas suas tentativas. Acabou preso no guarda-chuva, apenas com a cabeça para fora. Ficou assim, caído abrindo e fechando a boca e seus grandes olhos. Alice teve a impressão de que ele, naquela situação, se assemelhava muito a um peixe.

— Obviamente, você aceita participar de uma batalha, não é mesmo? — perguntou Tweedledum, agora mais calmo.

— Acho que sim! — respondeu o outro irmão, enquanto tentava sair do guarda-chuva. — *Ela* somente precisa nos ajudar a trocar de roupa.

Os dois irmãos saíram de mãos dadas pelo bosque e voltaram em um minuto com os braços cheios de coisas: travesseiros, cobertores, tapetes de lareira, toalhas de mesa, tampas de travessas e baldes de carvão.

— Espero que você tenha uma boa mão para amarrar cordas — comentou Tweedledum. — Cada uma dessas coisas precisa se encaixar, de uma forma ou de outra.

Alice disse que nunca tinha visto tanta confusão em toda a sua vida. O modo como aqueles dois se movimentavam e a quantidade de peças que estavam vestindo era impressionante. Faziam uma algazarra e confusão sem fim tentando amarrar cordas e prender coisas.

“É sério: quando estiverem prontos, eles vão se parecer mais com montes de roupas do que qualquer outra coisa!”, pensou enquanto arrumava uma almofada no pescoço de Tweedledee, a qual, segundo ele, seria para evitar que sua cabeça fosse cortada.

— Você sabe que uma das piores coisas que pode acontecer em uma batalha é ser decapitado — disse ele.

Alice riu alto, mas rapidamente fingiu que estava tossindo para não magoá-lo.

— Estou pálido? — perguntou Tweedledum, que vinha na direção de Alice para que ela amarrasse seu capacete (ele

chamava aquilo de *capacete* apesar de o objeto se parecer mais com uma panela).

— Bem... sim... Você está um *pouquinho* pálido — Alice respondeu gentilmente.

— Eu costumo ser muito corajoso. Hoje, infelizmente eu estou com dor de cabeça — disse Tweedledum.

— Eu *estou* com dor de dente — disse Tweedledee, que ouvira o que seu irmão havia dito. — E estou bem pior do que você!

— Talvez seja o caso de você não lutar hoje — afirmou Alice, julgando que falar aquilo ajudaria os dois a fazerem as pazes.

— Nós *temos* de brigar um pouco, mas também não precisa ser muito — disse Tweedledum, olhando para seu relógio. — Que horas são agora?

Tweedledee olhou para o relógio e respondeu:

— Nossa, já são quatro e meia.

— Vamos brigar até as seis e depois jantar — afirmou Tweedledum.

— Combinado — disse o outro, meio tristonho. — E ela pode ficar olhando... Só é melhor não ficar *muito* perto — disse Tweedledee —, porque, quando eu me empolgo, acerto tudo que está ao meu redor.

— *Eu* também dou cacetada em tudo que está em volta — completou Tweedledum.

— Vocês devem acertar as *árvores* sempre, então — disse Alice, rindo.

— Nós arrebentamos tudo que está à nossa volta — respondeu Tweedledum, sorrindo satisfeito. — Acho que não vai sobrar nem uma arvorezinha sequer quando eu terminar!

— Tudo isso por uma matraca — Alice comentou para tentar deixá-los nem que fosse um *pouco* envergonhados por lutarem por um motivo tão ridículo.

— Eu não estaria tão nervoso se não fosse uma matraca novinha — disse Tweedledum.

“Eu queria que o corvo gigante viesse!”, pensou Alice.

— E há somente uma espada capaz de matá-lo, como você sabe — disse Tweedledum ao irmão. — Você, por sua vez, pode usar o guarda-chuva como arma. É bem forte. Só devemos começar rápido. Está ficando escuro.

— Sim, já está escurecendo — disse Tweedledee.

Realmente, escurecia tão rapidamente que Alice achou que uma tempestade se aproximava.

— Nossa, que nuvem negra pesada e rápida! — disse a menina. — Ora, parece que tem asas!

— É o corvo! — Tweedledum gritou com uma voz estridente de alarme: e os dois irmãos se viraram e sumiram de vista em instantes.

Alice correu um pouco para a mata e parou debaixo de uma grande árvore.

“Ele *nunca* me pegará aqui”, ela pensou. “É grande demais para se espremer entre as árvores. Tomara que não bata as asas e não crie um furacão na floresta.”

Ao dizer isso o xale de alguém era levado pela ventania!

LÃ E ÁGUA

Ela pegou o xale e ficou procurando a dona. Instantes depois, a Rainha Branca veio correndo descontroladamente pelo bosque, com os braços estendidos, como se estivesse voando. Alice, muito educada, foi ao encontro dela para devolver o xale.

— Estou muito feliz por estar aqui para pegar seu xale — disse Alice, ajudando a Rainha a vestir a peça novamente.

A Rainha Branca apenas olhou para ela, assustada, e continuou sussurrando algo para si mesma que soava como “pão com manteiga, pão com manteiga”. Alice sentiu que se as duas fossem conversar sobre alguma coisa, ela deveria tomar as rédeas da situação. Assim, começou timidamente:

— Estou me dirigindo à Rainha Branca?

— Bem, sim, se você chama isso de dirigir. Quando *eu* penso em “dirigir” não é isso que me vem à mente — respondeu a Rainha Branca.

Alice, por sua vez, não queria iniciar uma discussão logo no começo da conversa. Por isso sorriu e disse:

— Se Vossa Majestade me disser como prefere, farei da melhor maneira possível.

— Mas eu não tenho interesse nenhum em conversar nem que se dirijam a mim. Eu procurava o meu xale e estava

dirigindo-me a mim mesma, não procurava alguém para conversar.

Tudo ficaria melhor se não fosse a confusão maluca que o povo dali fazia. A Rainha não queria conversar, mas queria o xale. Dizia que estava dirigindo, mas tinha vindo a pé. “Minha nossa, é tudo esquisito aqui”, pensou Alice, espantada de ver como ela estava se enrolando com o xale.

— Quer ajuda? — perguntou.

— Eu não sei qual é o problema dele — falou a Rainha em um tom melancólico, enquanto tentava prender o xale com os grampos. — Acho que ele está de mau humor!

— Está *tudo* errado! — disse Alice, arrumando o xale delicadamente para a Rainha. — Você está prendendo só de um lado. Assim, o xale vai cair novamente. E nossa, como seu cabelo está bagunçado!

— O pente se enganchou todo! — respondeu a Rainha, suspirando. — E eu o perdi ontem.

Alice soltou cuidadosamente o pente e fez o melhor para deixar o cabelo da Rainha em ordem.

— Está bem melhor agora — disse, depois de ajustar quase todos os grampos. — Mas você deveria ter alguém para te ajudar a se arrumar!

— Se você quiser assumir o cargo, eu a aceitaria com o maior prazer! — disse a Rainha. — Pago dois tostões por semana e geleia dia sim, dia não.

Alice não conteve a risada.

— Eu não estou procurando um *emprego* — disse. — E não gosto muito de geleia.

— A geleia é muito boa — explicou a Rainha.

— Não estou interessada em comer geleia *hoje*, de qualquer forma —
a menina respondeu.

— Eu não poderia servir geleia hoje, mesmo se quisesse. A regra é geleia à vontade ontem e geleia amanhã. Nunca hoje — disse a Rainha.

— Ou seja, pelo jeito nunca chega o dia de comer geleia, não é?

— Não. É impossível, pois os dias para comer geleia à vontade são *ontem e amanhã* — respondeu a Rainha.

— Você é muito confusa — observou a menina.

— Esse é o efeito de viver de trás para frente, sempre produz algum tipo de bagunça — falou a Rainha.

— Viver de trás para frente? Eu nunca ouvi uma coisa dessas — falou Alice.

— Há, no entanto, uma grande vantagem, já que a memória pode funcionar nas duas direções.

— Como assim? — perguntou a menina. — Eu não consigo *me lembrar* de coisas que ainda não aconteceram; apenas o contrário é possível.

— É um tipo muito ruim de memória esse seu. Só pode ir para trás — disse a Rainha.

— De que tipo de coisas você se lembra? — perguntou a menina.

— Ah, coisas que aconteceram na semana que vem — a Rainha respondeu, como se estivesse falando a coisa mais normal do mundo. — Por exemplo, há um mensageiro do Rei que está preso e condenado, porém o julgamento dele só vai começar na quarta-feira da semana que vem. E, obviamente, o crime será a última coisa que ele vai cometer — disse a Rainha enquanto colocava um curativo na ponta do dedo.

— E se, por acaso, ele nunca cometer o tal crime? — perguntou Alice.

— Ah, isso seria melhor, não é mesmo? A melhor coisa seria ele não se tornar um criminoso — respondeu a Rainha enquanto colocava uma fita em volta do curativo.

Alice concordou que o melhor seria o mensageiro não cometer nenhum crime.

— O problema é que seria ao mesmo tempo uma enorme injustiça, pois ele teria sido preso por algo que não fez — observou a menina.

— É aí que você se engana — falou a Rainha. — Você já recebeu *algum* tipo de castigo?

— Já — disse Alice.

— E você sabia que podia ter se comportado melhor, não sabia? — perguntou a Rainha.

— Sim, mas eu *havia feito* coisas pelas quais estava sendo castigada. Isso faz toda a diferença — afirmou Alice.

— Porém, se você *não* as tivesse feito, isso teria sido ainda melhor, não é mesmo? — observou a Rainha. — Melhor, melhor e melhor! — Sua voz foi ficando cada vez mais alta a cada “melhor”, até que virou um grito estridente.

— Tem alguma coisa errada aí — Alice começou a argumentar quando a Rainha passou a gritar desesperadamente.

— Ai, ai, ai! Meu dedo está sangrando! Ai, ai, ai! — gritava a Rainha.

A algazarra era tão alta que parecia o apito de um trem a vapor. Alice teve de cobrir as orelhas com as mãos.

— O que *aconteceu*? Você machucou seu dedo? — perguntou Alice, assim que conseguiu se fazer ouvir.

— Não machuquei *ainda*, mas vou machucar logo, logo — respondeu a Rainha.

— E quando é que você vai machucar o dedo? — Alice perguntou meio sorrindo.

— Quando eu arrumar meu xale novamente — respondeu a pobre Rainha. — Meu broche favorito vai furar meu dedo, ai, ai! — Ao dizer essas palavras, o broche se abriu de repente, e a Rainha o segurou com força e tentou fechá-lo de novo.

— Então tome cuidado. Você o está segurando todo torto! — aconselhou Alice, enquanto tentava pegar o broche da mão da Rainha.

Não deu tempo. A agulha do broche já havia furado o dedo da Rainha.

— Não vai sangrar muito porque eu já coloquei o curativo. Viu? Agora você entende como as coisas funcionam por aqui? — perguntou a Rainha tranquilamente.

— Por que você não está gritando agora? — perguntou Alice, com as mãos prontas para tapar os ouvidos.

— Ué, porque eu já tinha gritado antes, lembra? Não faria o menor sentido gritar novamente — disse a Rainha.

Voltava a clarear, sinal de que o corvo havia partido.

— O corvo deve ter voado para longe — observou Alice. — Estou feliz que ele se foi. Achei que tinha anoitecido.

— Eu *também* queria ser feliz, mas não consigo me lembrar como faço para ser feliz — lamentou a Rainha. — Você deve ser muito feliz de viver aqui neste bosque e poder ser feliz quando bem entender!

— O único problema é que aqui é *muito* solitário — disse a menina com uma voz melancólica. Duas lágrimas gordas e brilhantes escorreram pelo rosto.

— Ai... não fique assim! — disse a Rainha, meio desesperada. — Pense na incrível menina que você é. Veja quantas coisas incríveis você viu e fez hoje. Imagine só que horas são agora. Pense sobre qualquer coisa, apenas não chore, por favor.

— Você consegue parar de chorar quando pensa nessas coisas? — Alice perguntou já meio sorrindo.

— É assim que se faz — disse a Rainha. — Ninguém consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo. Vamos, por exemplo, a

começar com a sua idade. Quantos anos você tem? — perguntou a Rainha.

— Tenho exatamente sete anos e seis meses — respondeu Alice.

— Você não precisa falar “exatamente”. Eu acreditaria em você mesmo sem essa palavra na frase. Agora, eu vou dar uma coisa pra você acreditar: Eu tenho trezentos e um anos, cinco meses e um dia.

— Eu não posso acreditar *nisso!* — afirmou Alice.

— Não?! — falou a Rainha em um tom piedoso. — Tente pelo menos uma vez. Feche os olhos, respire fundo e imagine.

— Não adianta, a pessoa não pode simplesmente *acreditar* em algo completamente impossível — falou a menina.

— Isso é porque você não tem muita prática. Quando eu era da sua idade, fazia isso pelo menos meia hora todo dia. Antes mesmo do café, eu já havia imaginado seis coisas completamente impossíveis — explicou a Rainha. — E lá se vai o xale de novo!

Nesse meio tempo, o broche da Rainha se soltara novamente e o xale saiu voando na direção de um pequeno riacho. A Rainha esticou os braços e alcançou a peça antes que caísse na água.

— Peguei! — ela exclamou em tom triunfante. — Agora você vai ver como eu arrumo meu xale sozinha — disse a Rainha.

— Espero que seu dedo esteja melhor agora — falou Alice, muito educada, cruzando o riacho atrás da Rainha.

* * * * *

— Sim, está bem melhor! Bem melhor! Beeeem meeeelhor!
— disse a Rainha em uma voz cada vez mais parecida com o balido de uma ovelha.

Alice olhou para a Rainha, que parecia toda enrolada em lã, esfregou os olhos e tentou de novo. Ela não conseguia entender o que havia acontecido. Será que estava em uma loja? Teria ouvido uma ovelha? Sim! Uma *ovelha* estava sentada do outro lado do balcão? Mesmo depois de ter esfregado os olhos o máximo que pôde, Alice se deu conta de que estava em uma pequena loja escura, apoiada no balcão. Na sua frente havia uma Velha Ovelha, sentada em uma poltrona de tricô. A Velha Ovelha, de quando em vez, olhava para a menina através de seus grandes óculos.

— O que você quer comprar? — perguntou.

— Eu *não sei* muito bem — respondeu Alice.

— Você pode olhar de um lado para o outro para ver se encontra o que procura. Porém, jamais poderá olhar *tudo* ao seu redor ao mesmo tempo, a menos que você tenha olhos na nuca.

Alice *não* tinha. Assim, ela deu algumas voltas para poder ver tudo. A loja tinha todo tipo de coisas curiosas, mas o mais estranho era que sempre que ela olhava atentamente para uma única prateleira, para ver exatamente o que havia nela, aquela prateleira estava sempre vazia, enquanto as outras prateleiras ao redor estavam lotadas de objetos.

— As coisas voam aqui! — ela observou depois de ter passado um minuto ou mais em busca de uma grande coisa brilhante, que, às vezes, parecia uma boneca; outras, um armarinho, sempre na prateleira logo acima da que ela estava olhando.

“Isso é muito desconcertante, mas eu já sei o que vou fazer. Vou seguir com o olhar até a prateleira mais alta de todas. Quero ver se essa coisa brilhante vai passar do teto!”, pensou Alice.

O plano, no entanto, falhou, porque o objeto brilhante passou tranquilamente pelo teto, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo.

— Você é uma criança ou um peão? — perguntou a Ovelha. — Você vai me deixar tonta se continuar rodando desse jeito.

A Ovelha disse isso enquanto utilizava catorze pares de agulhas de tricô ao mesmo tempo, o que deslumbrou Alice.

— Como você *consegue* tricotar com tantas agulhas ao mesmo tempo? — perguntou a menina.

— Você sabe remar? — perguntou de volta a Ovelha, entregando o par de agulhas para Alice enquanto falava.

— Sim, um pouco. Mas não em terra firme e não com agulhas de tricô.

Enquanto Alice falava, as agulhas se transformaram em remos e ela se viu dentro de um pequeno barco, deslizando entre as águas. Portanto, ela não tinha outra opção senão remar.

— Pluma! — gritou a Ovelha enquanto pegava outro par de agulhas.

Isso não soou como uma observação que precisasse de algum tipo de resposta. Alice não disse nada, mas se afastou. Havia algo muito estranho sobre a água, ela pensou, pois de vez em quando os remos ficavam rápidos e era difícil retirá-los da água.

— Pluma! Pluma! — gritou novamente a Ovelha e pegou mais agulhas. — Você vai agarrar um caranguejo.

“Querido caranguejinho”, pensou Alice, “eu vou adorar agarrá-lo”.

— Você não me ouviu? Pluma!! — disse a Ovelha já nervosa, pegando um monte de agulhas.

— Sim, eu ouvi. Você já disse isso algumas vezes. Por favor, pode me dizer onde *estão* os caranguejos? — falou a menina.

— Na água, obviamente! — respondeu a Ovelha enquanto colocava algumas agulhas no cabelo, já que suas mãos estavam ocupadas.

— Por que você fala “pluma” tantas vezes? — perguntou Alice.
— Eu não sou um passarinho.

— Você é sim. Você é uma gansinha — disse a Ovelha.

A declaração ofendeu Alice um pouco. Em razão disso, ficaram em silêncio por um minuto ou dois enquanto o barco boiava suavemente, algumas vezes entre camas de ervas daninhas (o que deixava os remos presos na água) e às vezes sob as árvores, mas sempre com as mesmas altas margens do rio carrancudas sobre suas cabeças.

— Ah, por favor! Há um perfume delicioso de flores no ar! — disse Alice, tomada pela beleza e pelos agradáveis aromas.

— Você não precisa falar “por favor”. Eu não coloquei as flores lá e não vou retirá-las — disse a Ovelha.

— Não, eu quis dizer: nós podemos pegar algumas? Você poderia parar o barco um instante? — pediu a menina.

— Como é que *eu* vou parar o barco se é você que está remando? Pare de remar que o barco também para — falou a Ovelha.

O barco, à deriva no córrego, deslizou suavemente entre os juncos ondulantes. Então, com as mangas cuidadosamente enroladas e os pequenos braços deixando os juncos bem longe antes de quebrá-los, por um instante, Alice esqueceu da Ovelha e do tricô e inclinava-se para o lado do barco. Uma após o outra, com olhos brilhantes e ansiosos, ela pegou as flores dos juncos perfumados.

— Eu só espero que o barco não vire! — disse para si mesma. — Oh, que *adorável* essa flor de junco! Pena que não consegui alcançá-la.

“E pareceu até uma provocação, quase como se estivesse acontecendo de propósito”, ela pensou, conseguindo pegar muitos belos juncos enquanto o barco passava, “que sempre houvesse uma flor ainda mais linda que eu não conseguia alcançar”.

— A mais linda sempre é a mais distante! — ela falou, por fim, suspirando ao ver a obstinação dos juncos em se afastarem tanto. Então com os cabelos e as mãos pingando, e as bochechas coradas, ela engatinhou de volta para seu lugar no barco e começou a organizar no piso seu mais novo tesouro.

Porém, assim que colheu as flores de juncos, o delicioso perfume e a beleza começaram a desvanecer. Até mesmo juncos perfumados do mundo real, você sabe, duram apenas um pouquinho. Como os que Alice havia colhido eram juncos de sonhos, derretiam feito neve no sol. Alice, por sua vez, sequer percebeu isso, pois havia muitas outras coisas maravilhosas no que pensar.

Elas não tinham ido muito longe quando um dos remos ficou preso na água e não saía de jeito *nenhum* (como Alice explicou mais tarde). Ela então fez força e, como consequência, a alça do remo a acertou debaixo do queixo. Apesar de uma série de pequenos gritos de “Ai, ai, ai!” da pobre Alice, ela atirou-se do barco e jogou a alça no meio da moita de juncos. No entanto, não se feriu e logo subiu de novo no barco. Já a Ovelha, por sua vez, continuava com seu tricô o tempo todo, como se nada tivesse acontecido.

— Esse foi um caranguejo legal que você pegou! — ela comentou, quando Alice voltava para seu lugar, muito aliviada por ainda estar de volta ao barco.

— Foi? Eu não vi — disse Alice, espiando cautelosamente a lateral do barco na água escura. — Eu gostaria que ele não tivesse escapado, queria ter um pequeno caranguejo para levar para casa!

A Ovelha riu desdenhosamente e seguiu com seu tricô.

— Há muitos caranguejos aqui?

— Caranguejos e todos os tipos de outras coisas — disse a Ovelha. — Há de tudo aqui. Faça sua escolha. O que você quer *comprar*?

— Comprar!?! — Alice exclamou em um tom entre atônito e assustado. — No momento seguinte, o barco, os remos e tudo o mais simplesmente desapareceram. Ela estava novamente dentro da pequena loja.

— Eu quero comprar um ovo, por favor — ela disse, toda tímida. — Por quanto você os vende?

— Dez centavos um ovo; cinco centavos, dois — respondeu a Ovelha.

— Ué, então um é mais caro que dois? — perguntou a menina.

— A questão é que você *deve* comer os dois, caso queira comprá-los.

— Então eu só quero *um*, por favor — e o colocou no caixa.

“Não devem ser grande coisa”, pensou Alice.

A Ovelha pegou o dinheiro e o guardou em uma caixa.

— Eu jamais ponho coisas nas mãos de outras pessoas — disse a Ovelha. — Isso nunca funciona. Prefiro que elas mesmas se sirvam. — Em seguida, a Ovelha foi até a outra ponta da loja, trouxe o ovo e o pôs sobre o balcão.

— Eu imagino o *motivo* — disse Alice, enquanto tentava alcançar o ovo entre as tralhas da loja, mas ele parecia se afastar cada vez mais para o fundo. — Parece que quanto mais eu ando na direção dele, mais ele foge. Deixe-me ver, isso é uma cadeira? Ora, tem ramos! É muito estranho encontrar árvores crescendo aqui dentro! Na verdade, há aqui também um pequeno riacho! Caramba, esta é a loja mais estranha que eu já vi!

* * * * *

Alice continuou imaginando mais e mais a cada passo, tudo se transformava em uma árvore no momento que ela se aproximava. Ela, inclusive, esperava que o ovo fizesse o mesmo.

HUMPTY DUMPTY

Contudo, o ovo ficava cada vez maior e com aparência mais humana: quando ela chegou a poucos metros dele, viu que tinha olhos, nariz e boca. Quando chegou ainda mais perto, viu claramente que era o próprio Humpty Dumpty.

— Só pode ser ele! — disse para si mesma. — Tenho certeza, pois é como se o nome estivesse estampado na cara dele.

Era possível escrever o nome dele cem vezes, de tão grande que era o rosto. Humpty Dumpty estava sentado de pernas cruzadas como um turco, no alto do muro, que era tão estreito que Alice se perguntou como ele se equilibrava ali. Seus olhos estavam fixos na direção oposta, absolutamente sem perceber a presença dela, que chegou a pensar que ele estava empalhado.

— Mas ele é exatamente como um ovo! — comentou em voz alta, esticando as mãos para tocá-lo, pois parecia que cairia dali a qualquer momento.

— Isto é *muito* indelicado — disse Humpty Dumpty após um longo silêncio, desviando o olhar de Alice ao falar. — Ser comparado a um ovo. *Muito!*

— Eu disse *como* um ovo, meu senhor — explicou Alice gentilmente. — E saiba que alguns ovos são bem bonitos —

completou, na tentativa de transformar sua observação em um elogio.

— Algumas pessoas — disse Humpty Dumpty sem desviar o olhar da paisagem — têm menos noção que um bebê!

Alice não sabia o que dizer: notou que não se tratava de uma conversa normal, pois ele não falava diretamente com *ela*. Na verdade, essa última observação havia sido claramente direcionada a uma árvore. Assim, manteve-se ali e repetiu baixinho para si mesma:

— *Humpty Dumpty se sentava no muro.*

Humpty Dumpty caiu no chão duro.

Nem o Rei, com seus cavalos e soldados,

Conseguiram de alguma maneira ajudá-lo.

— Essa última linha é muito longa para o verso — ela notou em voz alta, esquecendo-se de que Humpty Dumpty poderia ouvi-la.

— Não fique aí falando sozinha assim — ele disse, olhando para ela pela primeira vez. — Me diga seu nome e o que faz por aqui.

— Meu *nome* é Alice, mas...

— É um nome bem idiota! — ele a interrompeu, irritado. — O que significa?

— Um nome *precisa* significar alguma coisa? — Alice perguntou confusa.

— Mas é claro — respondeu Humpty Dumpty com uma risada. — Meu nome significa o formato do meu corpo... e que bela forma eu tenho. Um nome como o seu serve para quase todos os formatos.

— Por que você fica sentado aí sozinho? — perguntou Alice, evitando uma discussão.

— Ora, porque não há ninguém comigo! — exclamou Humpty Dumpty. — Achou que eu não saberia responder *essa*? Mande outra.

— Não acha que é mais seguro ficar no chão? — continuou Alice, sem querer propor outra charada, mas puramente empolgada por conversar com uma criatura tão estranha. — Esse muro é *muito* fino!

— Mas que perguntas fáceis você faz! — grunhiu Humpty Dumpty. — É claro que eu não acho! Ora, se *alguma* vez eu cair, o que é praticamente impossível... mas *se* eu cair... — Ele franziu os lábios de forma tão solene e grandiosa que Alice mal pôde segurar uma gargalhada. — Se eu cair — continuou —, *o Rei me prometeu, com suas próprias palavras, man... man...*

— Mandar todos os seus cavalos e soldados — interrompeu Alice, descuidada.

— Declaro que isso é terrível! — vociferou Humpty Dumpty, em um súbito estado de cólera. — Anda ouvindo a conversa dos outros, escondida nas árvores e chaminés? Como poderia saber disso?

— Não ouvi, juro! — disse Alice muito calma. — Li em um livro.

— Ah, bom! Agora escrevem coisas assim em *livros* — disse Humpty Dumpty em tom mais ameno. — É isso o que chamam de História da Inglaterra, isso sim. Ora, dê uma boa olhada em mim! *Sou* alguém que já falou com um Rei: talvez nunca tenha a mesma chance. Para mostrar que sou humilde, deixo você apertar minha mão!

Seu sorriso quase chegou às duas orelhas quando se inclinou para a frente (e por muito pouco não caiu do muro ao fazer isso), oferecendo sua mão a ela. Alice o observou um tanto atônita ao cumprimentá-lo.

“Se ele sorrisse um pouco mais, as pontas da boca se encontrariam na nuca”, ela pensou. “Será que a tampa da cabeça cairia se isso acontecesse?”

— Sim, todos os cavalos e soldados — continuou Humpty Dumpty. — Eles me levantariam em um minuto! Contudo, essa conversa está indo muito rápido: vamos voltar para sua penúltima observação.

— Acho que não lembro de qual foi — disse Alice, muito educada.

— Nesse caso, vamos começar do zero — afirmou Humpty Dumpty. — É minha vez de escolher o assunto.

“Ele fala como se fosse um jogo!”, pensou Alice.

— Lá vai uma pergunta para você. Que idade você disse que tinha?

Alice calculou um pouco e mandou:

— Sete anos e seis meses.

— Errado! — exclamou Humpty Dumpty triunfante. — Você nunca falou sua idade!

— Entendi que você havia perguntado a minha idade — explicou Alice.

— Se fosse isso, seria isso o que eu perguntaria — disse Humpty Dumpty.

Alice não queria começar outra discussão e ficou calada.

— Sete anos e seis meses! — repetiu ele, pensativo. — Que tipo de idade mais incômoda. Mas se você pedisse o *meu* conselho, eu teria dito “pare nos sete”, mas agora já é tarde.

— Não se pede conselhos sobre como crescer — disse Alice, indignada.

— Cheia de orgulho — o outro observou.

Alice ficou ainda mais indignada com a insinuação.

— Eu quis dizer — ela continuou — que ninguém evita ficar mais velho.

— *Ninguém*, talvez — disse Humpty Dumpty —, mas *ninguém*s podem. Com a ajuda correta, você pode parar nos sete.

— Que belo cinto você tem! — observou Alice de repente.

(Já bastava do assunto de idade, ela pensou. Se continuariam a escolher os assuntos alternadamente, então agora seria sua vez.)

— Na verdade — ela se corrigiu ao pensar melhor —, eu deveria ter dito que era uma bela gravata... não, um cinto, não é? Me desculpe! — adicionou afobada, pois Humpty Dumpty

pareceu profundamente ofendido e ela desejou não ter de escolher o assunto.

“Queria que fosse possível”, ela pensou, “saber o que é pescoço e o que é cintura!”

Estava claro que Humpty Dumpty estava com muita raiva, pois não falou nada por mais de um minuto. Quando *voltou* a falar, foi um rosnado profundo.

— Que coisa... *mais... indelicada* — disse, finalmente. — Uma pessoa que não distingue uma gravata de um cinto!

— Foi ignorância de minha parte — desculpou-se Alice em um tom tão humilde que Humpty Dumpty se compadeceu.

— É uma gravata, menina, e das boas, como pode ver. Foi presente do Rei e da Rainha Brancos. Olha só!

— Verdade? — disse Alice muito satisfeita por ter escolhido finalmente um bom assunto.

— Eles me deram — continuou Humpty Dumpty, pensativo. Cruzou um joelho sobre o outro e apoiou as mãos sobre ambos. — Deram de presente de *desaniversário*.

— Perdão? — disse Alice com um ar confuso.

— Não me ofendi — disse Humpty Dumpty.

— Eu quis dizer: “o que é um presente de *desaniversário*”?

— Obviamente, é um presente dado quando não é o seu aniversário.

Alice pensou um pouco.

— Gosto mais de presentes de aniversário — disse, finalmente.

— Você não sabe o que diz! — gritou Humpty Dumpty. —
Quantos dias tem um ano?

— 365 — disse Alice.

— E quantos aniversários você faz?

— Um.

— E se tirar um de 365, quanto sobra?

— 364, é claro.

Humpty Dumpty pareceu em dúvida.

— Melhor ver isso no papel — ele disse.

Alice não conseguiu esconder uma risada. Sacou seu bloco de notas e fez a conta para ele:

$$\begin{array}{r} 365 \\ - 1 \\ \hline 364 \end{array}$$

Humpty Dumpty pegou o bloco e observou com atenção.

— Parece que está certo... — começou.

— Está de cabeça para baixo! — interrompeu Alice.

— Mas é claro que está! — disse Humpty Dumpty alegremente, girando o bloco à sua frente. — Achei mesmo que estava meio estranho. Como eu dizia, *parece* que está certo...

agora não tenho tempo de pensar nisso com calma... diz aqui que há outros 364 dias nos quais você pode ganhar presentes de desaniversário...

— Certamente — disse Alice.

— E apenas *um* para presentes de aniversário, viu? Não parece é algo glorioso?

— Não sei o que você quer dizer com “glorioso” — respondeu Alice.

Humpty Dumpty sorriu, indolente.

— Claro que não sabe... mas vou explicar. Quis dizer “eis aí um argumento irrefutável para você!”.

— Mas “glorioso” não significa “argumento irrefutável” — discordou Alice.

— Quando *eu* uso uma palavra — disse Humpty Dumpty em um tom desdenhoso —, significa o que eu quiser que signifique... nem mais nem menos.

— A questão é — disse Alice —, se você *puder* fazer as palavras significarem coisas diferentes.

— A questão é — disse Humpty Dumpty — quem é que manda...
simples.

Alice ficou confusa demais para comentar. Depois de um minuto, Humpty Dumpty começou novamente:

— Às vezes, seus humores variam... principalmente os verbos, que são os mais orgulhosos. Podemos fazer o que bem entendermos com os adjetivos, mas não com os verbos. Porém,

eu posso mandar em todos eles! Impenetrabilidade! É o *meu* lema!

— Poderia me dizer, por favor — pediu Alice —, o que isso significa?

— Agora sim você está sendo uma criança razoável — disse Humpty Dumpty parecendo muito satisfeito. — “Impenetrabilidade” significa para mim que já falamos demais sobre o assunto e que seria melhor pensar no que falar em seguida, pois ninguém quer ficar parado fazendo a mesma coisa a vida toda.

— É um baita significado para uma só palavra — comentou Alice, em um tom compenetrado.

— Quando obrigo uma palavra a fazer tudo isso — disse Humpty Dumpty —, eu pago um extra.

— Nossa — disse Alice, confusa demais para falar qualquer outra coisa.

— Rá! Você deveria vê-las me rodeando no sábado à noite — continuou Humpty Dumpty, balançando a cabeça de um lado para o outro, bastante sério —, quando recebem seus salários.

(Alice não arriscou perguntar com o que ele as pagava, por isso eu mesmo não posso dizer a *vocês*.)

— Parece que você é muito bom em explicar palavras, meu senhor — disse Alice. — Poderia me dizer o significado do poema chamado “Teyú Yaguá”?

— Preciso ouvi-lo — disse Humpty Dumpty. — Posso explicar todos os poemas já escritos... e muitos outros que nem foram escritos ainda.

Aquilo soou promissor para Alice, que recitou a primeira estrofe:

— TEYÚ YAGUÁ

Era lusco-fusco e as mabuias ensebadas

Faziam redemoinhos trêmulos à boca da mata,

Feito cobras-coral, onde bugios em hordas

E arapongas desesperadas gritavam em sonata.

— Já está bom para começar — interrompeu Humpty Dumpty. — Já temos um monte de palavras difíceis. “*Lusco-fusco*” significa “final da tarde”, quando começamos a *assar* as coisas para o jantar.

— Uma ótima explicação — disse Alice. — E “ensebadas”?

— Bem, “ensebadas” significa “lisas e sagazes”. “Sagaz” é o mesmo que “ágil”. É como uma maleta, pois temos dois sentidos guardados em uma só palavra.

— Agora entendi — observou Alice pensativa. — E o que são “mabuias”?

— Bem, “mabuias” são lagartos que se comportam como texugos... portanto, meio lagartos, mas também parecidos com saca rolhas.

— Devem ser criaturas bem curiosas.

— São mesmo — disse Humpty Dumpty. — E também fazem ninhos em relógios solares e se alimentam de queijo.

— E o que são “redemoinhos” e “trêmulos”?

— “Redemoinhos” é ficar dando voltas como um giroscópio. “Trêmulos” é igual trepidar, ou seja, fazer buracos como uma britadeira.

— E “boca da mata” seria o lugar onde a floresta engole as pessoas? — disse Alice surpresa com sua própria sabedoria.

— É claro que é. É chamado de “boca da mata” porque é o caminho para dentro e para fora do mundo selvagem, sabia?

— Então é o ponto onde nos encontramos ou nos perdemos? — acrescentou Alice.

— Exatamente. Já “cobras-coral” são “serpentes e caixa de lápis de cor” (eis aqui outra maleta para você). E “bugios” são macacos magrelas e escandalosos, parecido com um sino vivo, sempre que há perigo na boca da mata ele dá o alarme.

— E agora “arapongas”? — disse Alice. — Estou te dando muito trabalho?

— “Ara” é pássaro, mas “ponga” eu não sei bem. Acho que é sinônimo de “barulhenta”, o que significa que havia perigo e muita gritaria, entendeu?

— E por qual motivo elas “gritavam”?

— É que o canto da araponga é algo entre um grito, um estalo e um assobio, com uma espécie de espirro no meio. Quando você ouvir, talvez lá no meio do bosque, vai ficar *muito* contente, pois parece alguém martelando uma bigorna. Quem recitou essas coisas difíceis para você?

— Eu li em um livro — disse Alice. — Mas se não me engano Tweedledee recitou outras poesias para mim... bem mais fáceis que essa.

— Quanto à poesia, sabe — disse Humpty Dumpty esticando uma de suas grandes mãos —, *eu* posso declamar tão bem quanto qualquer um, caso seja necessário.

— Ah, não precisamos chegar a esse ponto! — apressou-se Alice, na tentativa de impedir que ele começasse.

— O trecho que vou declamar — ele continuou sem dar atenção a ela — foi escrito unicamente para servir como divertimento.

Alice entendeu que, naquele caso, ela realmente *deveria* ouvir. Sentou-se e disse um “obrigada” meio decepcionada.

— *No inverno, quando os campos estão brancos,
Para te aquecer, esta canção eu canto.*

— Só que eu não canto — completou, explicando.

— Já vi que não — disse Alice.

— Se você é capaz de *ver* se eu canto ou não, seus olhos são mais aguçados que o normal — Humpty Dumpty observou com seriedade.

Alice se calou.

— *Na primavera, quando a mata enverdece,
vou te explicar como tudo acontece.*

— Muito obrigada — disse Alice.

— *No inverno, quando os dias são compridos,
Talvez você distinga canto de gemido.
No outono, quando as folhas ficam secas,
Escreva estes versos com uma caneta.*

— Farei isso se conseguir me lembrar até lá — disse Alice.
— Não precisa ficar comentando assim — disse Humpty
Dumpty. — Não fazem sentido e me atrapalham.

*Mandei dizer ao peixe assim:
“O maior desejo para mim.”*

*Os peixinhos do fundo do mar
Responderam sem pestanejar.*

*A resposta deles foi um horror
“Não podemos fazer isso, senhor...”*

— Acho que não entendi direito — disse Alice.
— Fica mais fácil logo, logo — replicou Humpty Dumpty.

— *Novamente mandei dizer:
“É melhor me obedecer.”*

*Os peixinhos deram risada
“Você está de pá virada!”*

*Falei uma vez, depois outra:
Mas ignoraram minha bronca.*

*Apanhei uma panela nova em folha,
Excelente para fazer água com bolha.*

*Meu coração batia, quase tive um troço;
Enchi a panela com água do poço.*

*Então ele me avisou a sorrir:
“Os peixinhos já foram dormir.”*

*Falei sério para ele, na lata:
“Que acordem! Ninguém me desacata.”*

*Em alto e bom som, quase um rugido.
Fui até lá e berrei no seu ouvido.*

Humpty Dumpty soltou sua voz até quase gritar ao repetir esse verso. Alice se encolheu e pensou: “De jeito nenhum eu seria essa mensageira!”.

— *Mas tinha caráter e orgulho,
Me disse: “Não faça tanto barulho!”*

*Tinha mesmo orgulho e caráter:
“Só vou lá se você prometer...”*

*Peguei o saca-rolhas do armário
E fui eu mesmo desfiar o rosário.*

*Quando descobri a porta trancada,
Pulei, puxei, chutei e dei pancada.*

*Estava trancada à chave,
Girei a maçaneta, mas, sabe...*

Houve uma longa pausa.

— Acabou? — Alice perguntou timidamente.

— Acabou — disse Humpty Dumpty. — Tchau.

“Isso foi bem abrupto”, pensou Alice, mas depois daquela sugestão *tão* cristalina, ela achou melhor ir embora, pois sentiu que não seria muito educado continuar ali. Levantou-se e estendeu a mão.

— Tchau, até a próxima! — falou o mais alegremente que conseguiu.

— Eu não te reconheceria se *realmente* nos encontrássemos de novo — respondeu Humpty Dumpty, mal-humorado, oferecendo a ela somente um de seus dedos. — Você é exatamente parecida com as outras pessoas.

— Geralmente, as pessoas se reconhecem pelo rosto — observou Alice, pensando no caso.

— É disso mesmo que eu reclamo — disse Humpty Dumpty. — Seu rosto é igual ao de todo mundo... dois olhos — e desenhava os traços no ar com seus polegares —, nariz no meio, boca embaixo. Sempre igual. Mas se você tivesse dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo, ou a boca na testa... isso sim seria *útil*.

— Mas não seria uma visão agradável — discordou Alice.

Humpty Dumpty fechou seus olhos e disse:

— Só vai saber se tentar.

Alice esperou um pouco para o caso de ele voltar a falar, mas não abriu mais os olhos e não lhe deu mais atenção. Ela disse “Tchau!” mais uma vez. Sem resposta, afastou-se em silêncio: mas não conseguia parar de repetir sozinha: “De toda as insatisfatórias...”, (depois repetiu em voz alta, com grande prazer em poder dizer uma palavra tão grande):

— De toda as pessoas insatisfatórias que *já* encontrei... — Mas ela nunca completou a frase, pois nesse momento um grande estrondo sacudiu a floresta de uma ponta à outra.

O LEÃO E O UNICÓRNIO

No momento seguinte, soldados apareceram correndo em meio à mata, primeiro dois ou três, depois um grupo de dez ou vinte e, finalmente, às pencas, infestando toda a floresta. Alice se escondeu atrás de uma árvore com medo de ser atropelada, e os viu passar por ela.

Em toda sua vida, nunca tinha visto soldados de marcha tão desordenada: sempre tropeçavam em algo ou em algum outro soldado. Quando um caía, vários outros caíam sobre ele, o que logo deixou o chão coberto de pilhas de homens.

Depois vieram os cavalos. Com quatro patas, se equilibravam melhor que os soldados a pé. Mas até mesmo *eles* tropeçavam de vez em quando. A regra comum parecia ser que, sempre que um cavalo tropeçasse, seu cavaleiro cairia imediatamente. A confusão piorava a cada momento e Alice ficou muito feliz em sair da floresta em direção a um espaço aberto, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão, escrevendo muito compenetrado em seu caderno de notas.

— Mandei todos! — gritou o Rei, em tom de vitória ao ver Alice. — Por acaso viu algum soldado quando passou pela floresta, minha cara?

— Vi sim — disse Alice. — Acho que centenas.

— Quatro mil, duzentos e sete é o número exato — observou o Rei, conferindo em seu caderno. — Só não pude mandar todos

os cavalos porque dois deles são necessários para o jogo. Também não mandei os dois mensageiros. Ambos foram à cidade. Dê uma olhada na estrada e me diga se avista algum deles.

— Não vejo ninguém na estrada — respondeu Alice.

— Quisera *eu* ter olhos assim — comentou o Rei, em um tom agitado. — Poder não ver *Ninguém!* Ainda mais a essa distância! Ora, com esta luz *só* consigo ver pessoas reais!

Alice nem ouviu as palavras, pois ainda olhava atentamente para a estrada, protegendo seus olhos do sol com a mão.

— Agora estou vendo alguém! — finalmente exclamou. — Mas se aproxima muito devagar... e faz coisas curiosas ao andar! (Porque o mensageiro se retorcia e pulava como uma enguia ao caminhar, com as mãos estendidas como leques.)

— É normal — disse o Rei —, pois é um Mensageiro Anglo-saxão... que faz coisas anglo-saxãs. Só faz assim quando está feliz. Seu nome é Hebr a (e pronunciou a palavra para rimar com “lebra”).

— Amo meu amor com “H” — Alice não se conteve em dizer —, porque é harmonioso. E o ódio com “H” porque é horrível. Eu o alimentei com... com... sanduíches de hambúrguer e hortelã. Seu nome é Hebra, e ele mora...

— Mora em Havana — completou o Rei categoricamente, sem a mínima intenção de participar do trocadilho, pois Alice ainda hesitava em encontrar uma cidade que começasse com “H”. — O outro mensageiro se chama Hateu. Preciso dos *dois*, sabe... para irem e virem. Um chega, o outro se vai.

— Perdão? — disse Alice.

— Não é digno pedir perdão — disse o Rei.

— Quis dizer que não entendi — retrucou Alice. — Por que um chega e outro se vai?

— Não te disse? — repetiu o Rei, sem paciência. — Preciso ter *dois...* para trazer e levar. Um para trazer e outro para levar.

Foi quando o Mensageiro chegou: estava completamente esbaforido para dizer qualquer coisa e só podia acenar e contorcer suas feições para o pobre Rei.

— Esta jovem dama te ama com “H” — disse o Rei apresentando Alice na esperança de desviar a atenção do Mensageiro sobre si mesmo. Mas foi inútil. As atitudes anglo-saxãs só ficavam mais extraordinárias e seus grandes olhos se reviravam sem parar.

— Está me assustando! — disse o Rei. — Estou fraco... me dê um hambúrguer!

Para divertimento de Alice, o Mensageiro imediatamente abriu uma bolsa que trazia pendurada em seu pescoço e entregou um sanduíche ao Rei, que o devorou desesperadamente.

— Mais um! — disse o Rei.

— Agora só tem hortelã — respondeu o Mensageiro, espiando na bolsa.

— Que seja hortelã — resmungou o Rei com um fraco sussurro.

Alice ficou feliz em ver que ele se recuperava bem.

— Não há nada como comer hortelã quando se está fraco — observou enquanto ruminava.

— Eu diria que com um pouco de água fria fica melhor — sugeriu Alice. — Ou quem sabe algum tempero.

— Eu não disse que não há nada *melhor* do que isso — replicou o Rei. — Eu disse que não há nada *como* comer isso.

Alice nem sequer tentou argumentar.

— Por quem você passou na estrada? — continuou o Rei ao estender a mão para que o Mensageiro depositasse mais hortelã nela.

— Ninguém — respondeu o Mensageiro.

— Que beleza — disse o Rei. — Esta jovem dama também o viu. Então, é óbvio que Ninguém anda mais devagar que vocês dois.

— Dou o meu melhor — disse o Mensageiro, aborrecido. — Aposto que ninguém anda muito mais rápido que eu!

— É mentira dele — disse o Rei. — Senão teria chegado aqui primeiro. Contudo, agora que recuperou seu fôlego, conte para nós o que aconteceu na cidade.

— Vou cochichar. — E o Mensageiro colocou suas mãos na boca como se fossem um trompete e se inclinou para falar na orelha do Rei.

Alice se entristeceu pois também queria ouvir as notícias. Mas em vez de cochichar, ele simplesmente berrou a plenos pulmões:

— Eles começaram de novo!

— Chama *isso* de cochicho? — gritou o pobre Rei em um pulo, tremendo-se todo. — Se fizer isso de novo, vou te amanteigar! Minha cabeça está vibrando como um terremoto!

“Teria de ser um terremotinho bem pequeno!”, pensou Alice, antes de se arriscar a perguntar:

— Quem começou de novo?

— Ora, o Leão e o Unicórnio, é claro — disse o Rei.

— Brigando pela coroa?

— Sim, certamente — disse o Rei. — Mas o melhor da piada é que a coroa é *minha*, sempre foi! Vamos lá ver isso.

E se foram trotando, com Alice repetindo as palavras da velha canção enquanto corria:

— *O Leão e o Unicórnio brigaram pela coroa;*

O Leão derrotou o bicho e não foi à toa.

Alguns deram pão de centeio, outros broa;

Outros, pudim, e os mandaram tomar garoa.

— Quem... vencer... fica... com a coroa? — ela perguntou como podia, pois a corrida tirara seu fôlego.

— Puxa vida, é claro que não! — disse o Rei. — Que ideia!

— Você pode... ser gentil... — Alice resfolegou depois de correr mais um pouco — e parar... um minuto... para... respirar?

— Eu estou *ótimo* — disse o Rei. — Só não sou muito forte. Sabe, um minuto passa muito rápido. É como tentar parar o Curupira!

Sem mais fôlego para falar, Alice trotou em silêncio até que avistaram uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o

Unicórnio se digladiavam. Uma tremenda nuvem de poeira impedia Alice de ver qual era qual: mas logo conseguiu distinguir o Unicórnio pelo chifre.

Posicionaram-se próximos a Hateu, o outro mensageiro, que ali estava assistindo à luta com uma xícara de chá em uma das mãos e um pão com manteiga na outra.

— Acabou de sair da prisão, nem havia terminado seu chá quando o convocaram — Hebra cochichou para Alice. — Lá só servem cascas de ostra. É por isso que está tão faminto e com sede. Como vai você, minha criança? — disse e passou seu braço com carinho em volta do pescoço de Hateu.

Hateu olhou em volta, fez que sim com a cabeça e continuou seu pão com manteiga.

— Estava feliz na prisão, minha criança? — disse Hebra.

Hateu olhou em volta de novo, mas desta vez algumas lágrimas escorreram por seu rosto. Mesmo assim, não disse nada.

— Fale, oras bolas! — gritou Hebra impaciente.

Mas Hateu apenas continuou mastigando e tomando golinhos de chá.

— Fale, oras bolas! — gritou o Rei. — Em que pé está a luta?

Hateu fez um esforço imenso para engolir o último pedaço de pão de uma vez só:

— Estão indo muito bem — disse, meio engasgado. — Cada um já foi nocauteado umas 87 vezes.

— Então suponho que logo vão trazer pães brancos e pretos?
— Alice arriscou observar.

— O pão agora os aguarda — disse Hateu. — É um pedaço dele que estou comendo.

Bem nessa hora houve uma pausa na luta. O Leão e o Unicórnio se sentaram, resfolegantes, ao que o Rei ordenou:

— Dez minutos de recreio!

Hebra e Hateu se puseram a trabalhar, carregando bandejas de pães brancos e pretos. Alice pegou um pedaço, mas estava *muito seco*.

— Acho que não vão mais lutar por hoje — disse o Rei para Hateu. — Vá lá e mande começarem os tambores. — E Hateu se foi ricocheteando como um gafanhoto.

Alice o observou por alguns minutos, distraída, até que de repente teve um sobressalto:

— Veja, veja! — gritou, apontando empolgada. — Uma Rainha Branca corre pelos campos! Ela saiu voando da floresta ali adiante. Qual é a velocidade *máxima* das rainhas?

— Sem dúvida há algum inimigo atrás dela — disse o Rei, sem nem desviar o olhar. — Aquela floresta está cheia deles.

— E você não vai lá ajudá-la? — perguntou Alice, muito surpresa com a tranquilidade do Rei nessa situação.

— Desnecessário — disse o Rei. — Ela corre incrivelmente bem. Você também deveria caçar um Curupira! Mas, se preferir, faço um memorando sobre ele... é uma criatura doce — repetiu carinhosamente para si mesmo ao abrir seu caderno de notas. — Como se escreve “criatura”? Junto ou separado?

Nesse momento, o Unicórnio passava por eles com as mãos nos bolsos.

— Me dei melhor desta vez? — perguntou ao Rei, desviando o olhar somente enquanto caminhava.

— Não muito... não muito — respondeu o Rei um tanto irritado. — Deveria tê-lo furado com o seu chifre, sabia?

— O chifre não o machucou — comentou o Unicórnio displicentemente, sem parar de andar.

Porém, ele estancou e se virou quando seus olhos viram Alice. Ficou olhando para ela por algum tempo com ares do mais profundo desgosto.

— O que... é... isto? — disse, finalmente.

— Isto é uma criança! — respondeu Hebra alegremente. Ele se colocou à frente de Alice para apresentá-la, esticando as mãos na direção dela com uma mesura anglo-saxã. — Ela foi encontrada hoje. Tem um bom tamanho e é duplamente natural!

— Sempre achei que eram monstros imaginários! — disse o Unicórnio. — Está viva?

— Ela até fala — disse Hebra solenemente.

O Unicórnio olhou encantado para Alice e disse:

— Fale, criança.

Alice não conseguiu evitar que seus lábios abrissem um sorriso antes de começar:

— Sabia que sempre achei que unicórnios fossem monstros imaginários? Nunca tinha visto um de verdade antes!

— Bem, agora que *já* viu — disse o Unicórnio —, eu posso acreditar em você e você em mim. Trato feito?

— Se você concorda, sim — disse Alice.

— Venha, quero torta de ameixa, meu velho! — continuou o Unicórnio virando-se para encarar o Rei. — Não me venha com esse pão preto!

— Mas é claro, claro! — balbuciou o Rei e acenou para Hebra. — Abra a bolsa — sussurrou. — Abra logo! Essa não! Só tem hortelã aí!

Hebra tirou uma grande torta da bolsa e deu para Alice segurar enquanto sacava também uma travessa e uma faca pontuda. Como é que tudo aquilo saiu da bolsa, Alice não saberia dizer. “Parece um truque de mágica”, ela pensou.

Logo em seguida, o Leão se juntou a eles: parecia muito cansado e sonolento, com os olhos quase pregados.

— O que é isto? — comentou, piscando pesadamente para Alice. Sua voz parecia o badalar de um grande sino, de tão gutural.

— Ah, o que *é*? Sua vez! — berrou o Unicórnio, empolgado. — Não vai adivinhar nunca! *Eu* não adivinhei.

O Leão olhou para Alice com ar cansado.

— É animal... vegetal... ou mineral? — arriscou, bocejando a cada palavra.

— É uma monstra imaginária! — gritou o Unicórnio antes que a própria Alice respondesse.

— Então me passe a torta de ameixa, Monstra — disse o Leão ao se deitar, encaixando o queixo entre as patas da frente. Então, para o Rei e o Unicórnio: — E vocês dois, sentem-se. Sem trapaça com a torta, combinado?

O Rei estava claramente incomodado por ter de sentar-se entre duas criaturas tão grandes. Mas não havia outro lugar para ele.

— Como poderíamos lutar pela coroa *agora*? — disse o Unicórnio, olhando furtivamente para a coroa, ao que o pobre Rei quase a deixou cair da cabeça de tanto que tremeu.

— Eu venceria facilmente — disse o Leão.

— Eu não teria tanta certeza — disse o Unicórnio.

— Ora, eu esmurro você e não é à toa, seu covarde! — o Leão retrucou irritado, já ameaçando se levantar.

Foi quando o Rei interveio, antes que a discussão piorasse: ele estava muito nervoso e sua voz trepidava.

— Não é à toa? — disse ele. — Não precisa de um propósito. É só espiaçar vendo a paisagem da velha ponte ou passar no mercado. Já vai se acalmar e deixar disso.

— Não tenho essa certeza toda — rugiu o Leão ao voltar a se deitar. — Não dava para ver nada de tanta poeira. Quando é que a Monstra vai cortar a torta?

Alice sentou-se à margem do riacho com a grande bandeja sobre os joelhos, já fatiando atenciosamente com a faca.

— Não é nada educado! — ela disse em resposta ao Leão (ainda se acostumando a ser chamada de “a Monstra”). — Já

cortei várias fatias, mas elas se grudam de novo!

— Ainda não aprendeu como as tortas do espelho se comportam — observou o Unicórnio. — Sirva primeiro, fatie depois.

Pareceu absurdo, mas Alice se levantou obediente, passando a bandeja entre os convidados. A torta se dividiu sozinha em três pedaços.

— *Agora fatie* — disse o Leão, retornando ao seu lugar com a travessa vazia.

— Isso não é justo! — gritou o Unicórnio quando Alice sentou-se com a faca em sua mão, bastante confusa sobre o que fazer. — A Monstra deu o dobro do que deu para mim ao Leão!

— E não pegou nada para ela — disse o Leão. — Você gosta de torta de ameixa, Monstra?

Mas os tambores rufaram antes que Alice pudesse responder.

Era impossível imaginar de onde vinha o som: o ar parecia todo tomado pelo barulho, ressoando dentro de sua cabeça até que Alice se sentiu surda. Ficou em pé e saltou no riachinho, aterrorizada...

* * * * *

... e sob os olhares do Leão e do Unicórnio, que também se levantaram, irritados pela interrupção de sua refeição. Ela caiu de joelhos com as mãos nos ouvidos, tentando em vão calar a terrível algazarra.

“Se *isso* não os fizer sair da cidade”, pensou Alice, “nada mais fará!”

EU MESMO INVENTEI

Depois de um tempo, o barulho foi sumindo gradualmente até reinar um silêncio completo. Alice levantou a cabeça um tanto alarmada. Não havia mais ninguém. Primeiro, ela achou que tinha sonhado com o Leão, o Unicórnio e aqueles mensageiros anglo-saxões esquisitos. Contudo, a grande travessa na qual havia tentado fatiar a torta ainda estava a seus pés.

— Então eu não estava sonhando — disse para si mesma. — A não ser que... que tudo seja parte do mesmo sonho. Só espero que seja *meu* sonho e não o do Rei Vermelho! Não gosto de pertencer ao sonho de outra pessoa — continuou em tom de queixa. — Quero muito acordá-lo para ver o que acontece!

Nesse momento, seus devaneios foram interrompidos por uma gritaria:

— Iá! Iá! Xeque! — Era um Cavaleiro em armadura carmim que galopava até ela. Brandia uma grande clava. Ao chegar, seu cavalo parou repentinamente. — Você é minha prisioneira! — gritou o Cavaleiro ao despencar da sela.

Chocada, Alice ficou mais aflita por ele do que por si própria. Observou o Cavaleiro ansiosa enquanto ele montava novamente. Assim que se colocou confortavelmente na sela, começou novamente:

— Você é minha...

Mas outra voz irrompeu:

— Iá! Iá! Xeque! — E Alice olhou em volta, um tanto surpresa com o novo inimigo.

Desta vez era um Cavaleiro Branco. Ele se colocou ao lado de Alice e despencou do cavalo como o Cavaleiro Vermelho havia feito logo antes: depois montou novamente e ambos os cavaleiros se encararam por algum tempo sem dizer nada. Alice olhava de um para o outro, um tanto maravilhada.

— Ela é *minha* prisioneira, sabia? — disse, finalmente, o Cavaleiro Vermelho.

— Sim, mas *eu* vim salvá-la! — retrucou o Cavaleiro Branco.

— Bem, então precisamos lutar por ela — disse o Cavaleiro Vermelho, sacando seu elmo (que estava pendurado na sela, e sua forma era parecida com a cabeça de um cavalo) e o colocando na cabeça.

— Suponho que obedecerá às Regras de Batalha? — observou o Cavaleiro Branco, ao colocar seu elmo também.

— Sempre obedeço — disse o Cavaleiro Vermelho.

Ambos passaram a lutar com tal fúria que Alice se escondeu atrás de uma árvore para se proteger dos golpes.

— Queria saber quais são essas “Regras de Batalha” — disse para si mesma ao observar a briga, espiando timidamente de seu esconderijo. — Uma regra deve dizer que se um cavaleiro acertar o outro, ele cai do cavalo, mas se errar é ele quem despencar sozinho... outra parece ser segurar as clavas como Polichinelo... Que barulheira fazem quando caem! Parece os atizadores de fogo quando despencam todos juntos na lareira! E os cavalos ficam

tão quietos! Deixam que subam e desçam deles como se fossem mesas de madeira!

Outra Regra de Batalha à qual Alice não percebeu é que parecia sempre necessário cair de cabeça no chão. A luta só terminava quando ambos caíam dessa maneira, lado a lado.

Quando se levantaram, os dois se cumprimentaram e o Cavaleiro Vermelho montou e partiu a galope.

— Foi uma vitória gloriosa, não? — disse o Cavaleiro Branco, resfolegando ao se aproximar.

— Não sei dizer — respondeu Alice, confusa. — Não quero ser prisioneira de ninguém. Quero me tornar uma rainha.

— E assim será quando você cruzar o próximo riacho — disse o Cavaleiro Branco. — Eu a levarei em segurança até o fim da floresta, mas depois precisarei voltar. Será o final do meu movimento.

— Muito obrigada — disse Alice. — Quer ajuda com seu elmo?

Estava claro que ele não dava conta daquilo sozinho e, assim, ela o ajudou a tirar o capacete.

— Assim é possível respirar melhor — disse o Cavaleiro, ajeitando sua cabeleira embaraçada para trás com as mãos e voltou-se para Alice com seus olhos grandes e calmos.

Ela ponderou que nunca tinha visto um guerreiro tão esquisito em toda sua vida.

Ele vestia uma armadura que parecia não servir bem nele. Tinha uma caixinha em formato estranho presa aos ombros, de

cabeça para baixo, com a tampa aberta pendurada. Alice observou aquilo curiosa.

— Vejo que admira minha caixinha — disse o Cavaleiro em tom amável. — Eu mesmo inventei. É para guardar roupas e sanduíches. Eu a coloquei de cabeça para baixo para que não chova dentro.

— Mas assim as coisas *caem* — observou Alice, de modo gentil. — Sabia que a tampa está aberta?

— Não tinha percebido — disse o Cavaleiro com uma ponta de vergonha em seu olhar. — Então acho que as coisas já devem ter caído!

E de nada vale a caixa sem coisas dentro.

Ele a desamarrou enquanto falava e estava pronto para arremessá-la no bosque quando um pensamento súbito o tomou. Nesse momento, ele a pendurou cuidadosamente em uma árvore.

— Consegue adivinhar por que eu fiz isso? — perguntou para Alice.

Alice fez que não.

— Quem sabe as abelhas não fazem uma colmeia nela, assim terei mel.

— Mas você tem uma colmeia... ou algo parecido, amarrado na sua sela — comentou Alice.

— Sim, uma colmeia das boas — o Cavaleiro emendou em um tom tristonho. — Uma das boas, só que nenhuma abelha chegou perto dela até agora. E a outra coisa é uma ratoeira. Acho que os

ratos afugentam abelhas... ou as abelhas mantêm os ratos longe: um dos dois é verdade.

— Estava me perguntando para que serviria a ratoeira — disse Alice. — Não deve ser comum aparecerem ratos nas costas de cavalos.

— Talvez não seja muito provável — disse o Cavaleiro —, mas se *aparecerem*, prefiro que não corram livremente. — Continuou depois de uma pausa: — Sabia — que o melhor é estar prevenido para *tudo*? É por isso que o cavalo tem todas essas proteções nas patas.

— Mas para que servem? — perguntou Alice, bastante curiosa.

— Para evitar mordidas de tubarão — respondeu o Cavaleiro. — Eu mesmo inventei. Agora, me ajude. Vamos até o final da floresta. Pra que serve a travessa?

— Para a torta de ameixa — disse Alice.

— Melhor levar conosco — observou o Cavaleiro. — Será útil se encontrarmos uma torta. Me ajude a guardá-la nesta bolsa.

Aquilo levou um tempo tremendo. Embora Alice segurasse a bolsa aberta, o Cavaleiro era *muito* desengonçado para guardar a travessa. Nas duas ou três primeiras tentativas ele mesmo caiu dentro da bolsa.

— Ficou bem lotada, olhe — disse, ao finalmente conseguir encaixar a bandeja. — Tem um monte de castiçais dentro da bolsa.

Ele a pendurou na sela, que já levava maços de cenouras, atiçadores e muitas outras coisas.

— Espero que seu cabelo esteja bem preso — acrescentou, ao partirem.

— Está como de costume — sorriu Alice.

— Duvido que aguento — ele disse, nervoso. — Vai ver que o vento é *bem* forte por aqui. Grosso como sopa.

— Você inventou um plano para manter seu cabelo no lugar? — inquiriu Alice.

— Ainda não — disse o Cavaleiro. — Mas tenho um plano para que ele não *caia*.

— Adoraria muito saber qual é.

— Primeiro, pegue um graveto reto — instruiu o Cavaleiro. — Depois, enrole seu cabelo nele, de baixo para cima, como uma árvore. O cabelo só cai se estiver *pendurado...* as coisas não caem *para cima*, sabia? Eu mesmo inventei esse plano. Pode tentar se quiser.

“Não me parece um plano confortável”, pensou Alice, e, por alguns minutos ela ficou em silêncio, matutando a ideia. De vez em quando, parava para ajudar o pobre Cavaleiro, que obviamente *não* montava muito bem.

Sempre que o cavalo parava (o que era bem comum), ele caía para a frente. Quando continuava (o que geralmente fazia sem aviso), ele caía para trás. De resto, até que se mantinha bem, exceto pelo hábito de eventualmente cair para os lados. Geralmente, caía para o lado no qual Alice caminhava e ela logo percebeu que o melhor plano era não caminhar *muito* perto do cavalo.

— Desculpe dizer, mas parece que você não tem muita prática em cavalgar — ela se arriscou a comentar, após ajudá-lo a se reerguer de sua quinta queda.

O Cavaleiro olhou para ela muito surpreso e um tanto ofendido com a observação:

— O que você quer dizer com isso? — ele perguntou ao sentar de volta na sela, agarrando o cabelo de Alice para tomar impulso e também para não cair para o outro lado.

— As pessoas não caem toda hora quando já têm prática.

— Eu tenho *muita* prática — retrucou sério o Cavaleiro. — *Muita* prática!

Alice não achou expressão melhor do que “É mesmo?” para dizer com a maior delicadeza possível. Depois disso, continuaram em silêncio por um trecho e o Cavaleiro cerrou os olhos e passou a murmurar para si. Alice aguardava ansiosa sua próxima queda.

— A grande arte da cavalgada — ele repentinamente começou em voz alta, gesticulando com o braço direito ao discursar — é se manter...

A frase foi interrompida tão bruscamente como começou, pois o Cavaleiro caiu pesadamente com o cocuruto no chão bem no caminho que Alice trilhava. Desta vez ela ficou realmente alarmada e disse em um tom aflito ao ajudá-lo a se levantar:

— Espero que nenhum osso tenha se quebrado.

— Nenhum digno de menção — disse o Cavaleiro, como se não se importasse em quebrar um ou outro osso. — A grande

arte da cavalgada, como eu ia dizendo, é... manter seu equilíbrio corretamente. Assim, sabe...?

Soltou a rédea e abriu os braços para demonstrar à Alice. Desta vez, se esborrachou de costas, debaixo dos cascos do cavalo.

— *Muita prática!* — continuava a repetir sem parar enquanto Alice o ajudava a se recompor em pé. — *Muita prática!*

— Isto é ridículo demais! — gritou Alice, pois desta vez perdeu a paciência. — Você devia era andar em um cavaleiro de madeira com rodinhas, isso sim!

— Os desse tipo andam suavemente? — perguntou o Cavaleiro em um tom de grande interesse ao se agarrar no pescoço de seu cavalo, a tempo de não despencar outra vez.

— Muito mais suaves do que um cavalo vivo — disse Alice, deixando escapar uma ponta de sorriso, o qual tentava conter ao máximo.

— Terei um desses — disse o Cavaleiro, pensativo. — Um ou dois... vários.

Depois disso, houve um breve silêncio até o Cavaleiro começar novamente:

— Sou muito bom em inventar coisas. Não sei se percebeu, mas da última vez que você me levantou eu estava meio pensativo.

— Você *estava* um pouco sério — disse Alice.

— Naquela hora eu estava inventando um novo jeito de passar por cima de um portão... gostaria de ouvir?

— Gostaria sim, muito — disse Alice educadamente.

— Vou contar como pensei nisso — disse o Cavaleiro. — Sabe, eu pensei comigo que a única dificuldade é com os pés, pois a *cabeça* já fica no alto... então, primeiro boto a cabeça no topo do portão e depois planto bananeira com a cabeça para baixo. Assim, os pés ficam altos o bastante, entendeu? Aí já estou do outro lado.

— Sim, suponho que assim você estaria do outro lado quando terminasse — disse Alice, pensativa. — Mas não acha que é um pouco difícil?

— Ainda não tentei — o Cavaleiro ponderou sério —, por isso não posso afirmar. Mas temo que *realmente* seja um pouco difícil.

Ele pareceu tão envergonhado com a ideia que Alice logo mudou de assunto.

— Que elmo curioso esse seu! — observou alegremente. — Você também o inventou?

O Cavaleiro olhou orgulhoso para o elmo pendurado na sela.

— Sim — disse —, mas inventei outro ainda melhor, parecido com um pão doce. Quando eu o usava, caso caísse do cavalo, era ele que se esborrachava no chão. Eu tinha pouca altura para cair, sabe... mas o perigo era cair *dentro* dele, isso sim. Aconteceu uma vez comigo e o pior é que antes de eu conseguir sair, o outro Cavaleiro Branco chegou e o vestiu. Ele achou que era o elmo dele.

O Cavaleiro parecia tão solene ao contar isso que Alice não ousou rir.

— Acho que você acabou machucando o Cavaleiro — disse com a voz trêmula. — Por estar na cabeça dele.

— É claro que eu tive de chutá-lo — continuou o Cavaleiro, bastante sério. — Depois que ele tirou o elmo ainda demorou muitas horas para me tirar dali. Eu estava como em uma prisão... de ventre.

— São outras coisas que ficam presas nesse lugar... — discordou Alice.

O Cavaleiro meneou a cabeça:

— Ficar preso de um jeito ou de outro é tudo igual para mim — ele disse, levantando as mãos empolgado ao dizer isso e, instantaneamente, rolou da sela e caiu de cabeça em uma vala profunda.

Alice correu até a beira da valeta para vê-lo. Ela se assustou com a queda, pois ia muito melhor nos últimos minutos. Desta vez, temia que ele tivesse *realmente* se machucado. Contudo, embora só pudesse ver a sola de seus pés, ficou muito aliviada ao ouvi-lo falar normalmente.

— Todo tipo de prisão — ele repetiu. — Descuidado foi ele de colocar o capacete de outra pessoa... com a pessoa dentro.

— Como você *consegue* falar com tanta calma de cabeça para baixo? — perguntou Alice ao puxá-lo pelos pés até uma elevação na beira.

O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta:

— Não importa onde esteja meu corpo — ele disse. — Minha mente continua funcionando do mesmo jeito. Na verdade, quanto mais de cabeça para baixo eu fico, mais invento coisas

novas. — Mas a coisa mais inteligente que já inventei assim — continuou depois de uma pausa —, foi uma receita de almôndega enquanto a carne era servida.

— A tempo de cozinhá-la para o próximo prato? — perguntou Alice.

— Bem, não o *próximo* — disse o Cavaleiro em um tom lento e pensativo. — Não, certamente que não para o próximo *prato*.

— Então para o dia seguinte? Acho que não existe jantar com dois pratos de carne.

— Bem, não para o *próximo* dia — repetiu o Cavaleiro como antes. — Não para o próximo *dia*. Na verdade — continuou mantendo a cabeça para baixo e a voz cada vez mais distante —, acho que aquela carne *nunca* foi cozida! Na verdade, acho que aquela carne nunca *será* cozida! Mesmo assim, foi uma invenção inteligente de almôndega.

— Mas do que era feita? — perguntou Alice, tentando animá-lo, pois o pobre Cavaleiro parecia muito triste com a história.

— Começava com papel de mata-borrão — respondeu o Cavaleiro com uma lamúria.

— Isso não me parece muito bom...

— Não se for *só* isso — ele interrompeu, impaciente. — Mas você não faz ideia da diferença que faz quando misturado com outras coisas, como pólvora e parafina. É aqui que devo deixar você.

Haviam acabado de chegar ao final da floresta.

Alice não conseguia esconder sua confusão, nem parar de pensar na almôndega.

— Você está triste — disse o Cavaleiro em um tom ansioso. — Vou cantar uma canção para te agradar.

— É muito comprida? — perguntou Alice, pois já tinha ouvido um bom tanto de poesia naquele dia.

— É longa — disse o Cavaleiro —, mas muito, *muito* bonita. Todos que me ouvem cantando... ou *choram* ou então...

— Então o quê? — perguntou Alice, pois o Cavaleiro fez uma pausa súbita.

— Ou então não, sabe? O nome da canção é “Os olhos do bacalhau”.

— Ah, esse é o nome da canção, não é? — comentou Alice tentando se interessar.

— Não, você não entendeu — disse o Cavaleiro, um pouco irritado. — É assim que o nome se *chama*. O nome de verdade é “O velhinho velho”.

— Então eu deveria ter perguntado “como a canção é chamada”? — corrigiu-se.

— Não, não deveria. Isso é completamente outra coisa! A *canção* é chamada “Jeitos e trejeitos”. Mas é só como ela é *chamada*, entendeu?

— Bem, do que se *trata* a música, então? — perguntou Alice, já um tanto atordoada a esse ponto.

— Eu ia chegar lá — respondeu o Cavaleiro. — A canção é, de fato, “Sentado no portão” e a melodia é uma invenção minha.

E assim ele parou seu cavalo e largou as rédeas. Depois, marcando o tempo lentamente com uma das mãos e um sorriso discreto iluminando seu rosto bondoso e tolo, como se gostasse do ritmo de sua canção, começou.

De todas as coisas estranhas que Alice presenciou em sua jornada através do espelho, essa foi a de que ela se lembrou com mais nitidez. Anos mais tarde, ela ainda era capaz de reconstruir toda a cena em sua cabeça como se tivesse acontecido no dia anterior... os calmos olhos azuis e o sorriso gentil do Cavaleiro, o sol poente iluminando seus cabelos e a armadura brilhante que refletia a luz a encantaram. O cavalo andava com tranquilidade, suas rédeas pendendo sobre o pescoço, pastando o capim aos seus pés com as sombras negras da floresta atrás de si. Ela juntou tudo isso como em uma fotografia e, com uma das mãos protegendo seus olhos do sol, apoiou-se contra uma árvore, admirando a estranha dupla, ouvindo e quase sonhando com o ritmo melancólico da canção.

“Mas a melodia *não é* invenção dele”, pensou consigo mesma. “É ‘Te dou tudo, mais não posso te dar’.” Ficou parada, ouvindo tudo atentamente, mas nenhuma lágrima brotou de seus olhos.

— *Vou confessar meu evangelho;
Mas ele é muito resumido.*

*Vi um velhinho velho,
Que num portão tinha subido.*

“Quem é você, meu velho?” perguntei.

“Como é que você vive?”

Com o que ele disse eu me espantei

E por isso não me contive.

Ele falou: “Eu caço borboletas

Dorminhocas sobre o trigo:

Com elas faço porpetas

E as vendo aos meus amigos.

As vendo para qualquer um

Que esteja com fome;

É assim que faço algum

Pois a ganância me consome.”

Eu arquitetava um plano:

Tingir meus bigodes cor de amora,

E com minhas orelhas de abano

Escondê-los sem demora.

Mas sem palavras, diante

De tudo o que o velho me disse,

Berrei: “Mas diga como sobrevive!”

E o enxotei da mesmice.

Sua voz suave continuou o conto,

E disse que tinha seus meios:

*“Quando encontro um vale, pronto!
Meto fogo sem rodeios.
É assim que faço uma coisa esquisita
Chamada de brilhantina...
Mais barata que biritá,
Esta é a minha sina.”*

*Mas eu pensava num jeito
De viver só de ar,
E só de encher o peito
Conseguir engordar.
Chacoalhei o velho com furor,
Até ele ficar roxo:
“Me diga, como vive, que horror!
Como faz, seu velho coxo?”*

*Ele disse: “Coleciono olhos de bacalhau
Que caço nas praias no inverno.
Depois uso um pedaço de pau
Para que se tornem botões de terno.
Mas estes eu não vendo nem troco,
Seja por ouro ou por prata.
Por ser amigo do pároco,
Os vendo por pedaços de lata.*

*“Pego bolachas amanteigadas,
Ou armo truque para caranguejo;
Outras, procuro na várzea alagada,
Por um pão e um queijo.
É assim que eu faço” (piscou para mim)
“Para cavar minha riqueza.
É brinde para você, sim,
Que tem sobra de destreza.”*

*Terminei de ouvi-lo para o meu próprio bem.
E assim concluí meu plano.
Para preservar pontes que nos levam ao além
Basta passar-lhes um pano.
Agradei por tudo o que me ensinou,
De como ficou tão rico —
Mas principalmente porque brindou
Ao meu próprio bico.*

*Agora, toda vez que me meto
Em um mar de cola
Ou tento pintar branco com preto
Ou usar sapato sem sola,
Ou se tento aguentar
Grande peso com um só dedo,
Choro só de lembrar,
Daquele velhinho sem medo —*

*Cujo olhar era franco, cuja voz era calma,
Cujos cabelos eram brancos como sua alma,
Cujos olhos tinham jeito de ave pernalta,
Com olhos de brasa muito peraltas,
Que escondia sua aflição,
Balançando seus pés e mãos,
E resmungava falando de lado,
Como se seus lábios fossem colados,
Que fungava como um búfalo —
Naquela tarde de verão, há muito,
Sentado no portão.*

Enquanto o Cavaleiro cantava as últimas palavras da balada, apanhou as rédeas e voltou com seu cavalo para a estrada de onde tinham vindo.

— Só faltam alguns metros agora — ele disse. — Se descer a colina e passar por aquele riachinho, você será uma rainha. Mas antes disso, espere até que eu me vá — completou quando Alice se virou, ansiosa, na direção que ele apontou. — Não vou demorar. Espere e acene com seu lençinho quando eu sumir naquela curva da estrada. Vai me dar mais coragem, sabe?

— Mas claro que espero — disse Alice. — E muito obrigada por vir até aqui e pela canção... gostei muito.

— Espero que sim — disse o Cavaleiro em dúvida —, mas você não chorou como eu esperava.

Se despediram e o Cavaleiro trotou vagarosamente rumo à floresta.

— Espero que não demore muito para *desaparecer* — comentou Alice consigo mesma, em pé, enquanto o observava. — Lá vai ele! De cabeça para baixo, como sempre! Mas agora ele está bem melhor que antes... Deve ser em razão de tanta coisa pendurada em volta do cavalo...

E ela continuou falando sozinha e observando o cavalo caminhar tranquilamente pela estrada, o Cavaleiro despencando para um lado e depois para o outro. Depois da quarta ou quinta despencada, ele chegou à curva e foi quando Alice acenou com o lenço para ele, até que sumisse de vista.

— Espero que isso tenha lhe dado coragem — ela disse ao se virar e correr ladeira abaixo. — Agora, até o último riacho para ser uma rainha! Que demais isso tudo!

Em poucos passos, ela chegou à beira do riacho:

— A oitava casa, finalmente! — ela gritou ao pular por sobre ele.

* * * * *

... e se jogou para descansar sobre o gramado pontilhado de florzinhas, macio como musgo.

— Ai, que felicidade estar aqui! Mas o que é isso preso em mim? — exclamou em tom de surpresa, ao levantar as mãos e sentir algo muito pesado e bem encaixado em sua cabeça. — Como é *possível* eu ter chegado aqui sem ter percebido isto? —

comentou consigo, ao tirar o objeto e pousá-lo em seu colo para entender o que aquilo significava.

Era uma coroa de ouro.

RAINHA ALICE

Isto é demais! — exclamou Alice. — Nunca imaginei ser Rainha tão nova... E vou te contar uma coisa, Vossa Majestade — continuou em um tom sério (pois gostava de se autocensurar) —, nunca mais poderá se refestelar na grama como antes! As rainhas têm de ser dignas, sabia?

Assim, ela ficou em pé e deu uns passos. A princípio, um pouco tensa, com medo de que a coroa caísse, mas se tranquilizou, convencida de que ninguém estava por perto para bisbilhotar.

— Se sou mesmo uma Rainha — refletiu, sentando-se novamente. — Com o tempo ficarei cada vez melhor nisso.

Tudo acontecia de maneira tão esquisita que Alice não ficou muito surpresa ao ver que a Rainha Vermelha e a Rainha Branca estavam sentadas uma de cada lado: ela adoraria perguntar às duas como tinham aparecido ali, mas temeu que aquilo fugisse da etiqueta. Contudo, achou que não faria mal em perguntar se o jogo havia terminado.

— Por favor, poderiam me dizer... — começou, olhando timidamente para a Rainha Vermelha.

— Só fale quando falarem com você! — a Rainha interrompeu rudemente.

— Mas se todos obedecessem a essa regra — retrucou Alice, sempre pronta para uma discussão —, de falar só quando falam

com a gente, a outra pessoa sempre ficaria esperando *a gente* falar, e aí ninguém nunca falaria nada, então...

— Que ridículo! — berrou a Rainha. — Ora, criança, não percebe... — E de repente franziu a testa. Depois de pensar um pouco, rapidamente mudou de assunto. — O que quer dizer com “Se você é mesmo uma rainha”? O que te deu na cabeça? Sabia que não se vira rainha antes de passar por um exame completo? Quanto antes começarmos, melhor.

— Mas eu só disse “se”! — suplicou Alice em tom tristonho.

As duas rainhas se entreolharam, e a Rainha Vermelha comentou com um arrepio:

— Ela *diz* que só disse “se”...

— Mas quis dizer muito mais que isso! — gemeu a Rainha Branca, apertando as próprias mãos. — Muito mais!

— Muito mais, sabia? — disse a Rainha Vermelha para Alice. — Sempre diga a verdade, pense antes de falar e depois escreva.

— Eu não quis dizer... — começou Alice, mas a Rainha Vermelha a interrompeu, impaciente.

— É exatamente disso que estou reclamando! Você *deveria* querer dizer! Para que você acha que serve uma criança que não *quer* dizer? Até uma piada precisa dizer alguma coisa... e imagino que uma criança seja mais importante do que uma piada. É impossível negar, mesmo se tentasse com as duas mãos.

— Eu não nego as coisas com as *mãos* — discordou Alice.

— E por acaso eu disse isso? — retrucou a Rainha Vermelha. — Eu disse mesmo se você *tentasse*.

— Ela está naquela situação de quem quer negar *alguma coisa*, mas nem sabe o quê! — disse a Rainha Branca.

— Uma índole terrível e perigosa — observou a Rainha Vermelha.

Um desconfortável silêncio recaiu por uns dois minutos.

A Rainha Vermelha interrompeu, dirigindo-se à Rainha Branca:

— Quero te convidar para o banquete de Alice hoje à tarde.

A Rainha Branca deu um sorriso amarelo e disse:

— Também quero *te* convidar.

— Eu nem sabia que daria um banquete — disse Alice —, mas se vai haver um, acho que *eu* é quem deveria convidar as pessoas.

— Nós te demos a oportunidade — comentou a Rainha Vermelha —, mas me parece que você ainda não teve muitas aulas de etiqueta.

— Etiqueta não se ensina com aulas — disse Alice. — Aulas ensinam a fazer contas e coisas do tipo.

— E você sabe somar? — perguntou a Rainha Branca. — Quanto dá um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um?

— Não sei — disse Alice. — Perdi a conta.

— Ela não sabe somar — interrompeu a Rainha Vermelha. — Sabe subtrair? Oito menos nove.

— Não dá para tirar nove de oito, certo? — respondeu Alice rapidamente. — Mas...

— Também não sabe subtrair — disse a Rainha Branca. — Sabe dividir? Divida um bolo por uma faca... quanto dá?

— Eu acho... — Alice começou, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela:

— Pão com manteiga, é claro. Tente outra conta de menos. Um cachorro menos um osso: o que sobra?

Alice refletiu:

— É claro que não sobraria o osso se eu o tirasse... e também não sobraria o cachorro, pois ele viria me morder. Então eu também não sobraria!

— Então você acha que não sobraria nada? — indagou a Rainha Vermelha.

— Acho que é essa a resposta.

— Errada como sempre — disse a Rainha Vermelha. — Sobraria a paciência do cachorro.

— Mas como...

— Ora, atenção! — berrou a Rainha Vermelha. — O cão perderia a paciência, não é?

— Acho que sim — respondeu Alice, cuidadosamente.

— Então, se o cão fosse embora, só sobraria sua paciência! — exclamou a Rainha, triunfante.

Alice disse tão séria quanto podia:

— Sairiam em direções diferentes. — Mas não pôde evitar de pensar consigo mesma: “que absurdo medonho *é esse?*”.

— Não sabe *nada* de fazer contas! — as Rainhas disseram ao mesmo tempo com grande ênfase.

— E *você sabe? — Alice virou-se de repente para a Rainha Branca, pois não gostava de ser acusada assim tão abertamente.*

A Rainha engasgou e fechou os olhos:

— Sei somar se não me apressar. Mas, subtrair não consigo de jeito *nenhum!*

— Obviamente que *você sabe o alfabeto? — perguntou a Rainha Vermelha.*

— É claro que eu sei — disse Alice.

— Eu também — sussurrou a Rainha Branca. — Às vezes recitamos ele inteirinho juntas, menina. E vou te contar um segredo: sei ler palavras de uma letra só! Não é o *máximo? Mas não se intimide por isso. Uma hora *você também conseguirá.**

Foi quando a Rainha Vermelha começou novamente:

— Consegue responder perguntas úteis? Como se faz pão?

— *Essa eu sei! — gritou Alice entusiasmada. — Um pouco de farinha...*

— Onde *você colhe a farinha? — perguntou a Rainha Branca. — Em um jardim, uma moita?*

— Bom, não se *colhe farinha — explicou Alice. — Vem no saco...*

— Saco de presente? — disse a Rainha Branca. — *Você precisa ser mais específica.*

— Abane a cabeça dela! — interrompeu ansiosa a Rainha Vermelha. — Vai ficar febril de tanto pensar.

E se puseram a abaná-la com leques de folhas até que Alice implorou para que parassem, pois seus cabelos esvoaçavam

demais.

— Está boa de novo — disse a Rainha Vermelha. — Fala outras línguas? Como se diz violini-ni-no em francês?

— Violini-ni-no não é português — observou Alice seriamente.

— E quem disse que era? — retrucou a Rainha Vermelha.

Alice agora achava que havia encontrado uma saída:

— Se me disser em que língua dizem “violini-ni-no”, eu digo como se fala em francês! — exclamou, triunfante.

Mas a Rainha Vermelha ficou ainda mais séria e disse:

— Rainhas nunca negociam.

“Gostaria que rainhas nunca fizessem perguntas”, pensou Alice.

— Melhor não discutirmos — disse a Rainha Branca, em um tom nervoso. — O que cria os relâmpagos?

— Os relâmpagos são criados — Alice começou em um tom decidido, pois tinha muita certeza disso — pelos trovões... não, não! — corrigiu-se rapidamente. — Eu quis dizer o contrário.

— Tarde demais para corrigir — disse a Rainha Vermelha. — Depois de dizer uma coisa, não a conserte, assumas as consequências.

— O que me faz lembrar — disse a Rainha Branca, olhando para o chão, apertando e soltando as mãos, nervosa — que tivemos uma *baita* tempestade na terça-feira... ou seja, em um dos últimos conjuntos de terças, sabe?

Alice ficou pasma:

— Na *nossa* terra — frisou —, só temos um dia por data.

A Rainha Vermelha disse:

— Que jeito pobre de ver as coisas. Pois *aqui* temos uns dois ou três dias e noites por vez e, às vezes, no inverno temos até cinco noites ao mesmo tempo, para aquecer um pouco, sabe?

— Então cinco noites são mais quentes que uma? — Alice arriscou perguntar.

— Cinco vezes mais quentes, é claro.

— Mas por essa regra deveriam ser cinco vezes mais *frias*...

— Exatamente! — berrou a Rainha Vermelha. — Cinco vezes mais quentes *e* cinco vezes mais frias... assim como sou cinco vezes mais rica e cinco vezes mais esperta que você.

Alice suspirou e desistiu. “Isso é como uma charada sem resposta!”, pensou.

— Humpty Dumpty também viu — continuou a Rainha Branca com um sussurro, como se falasse sozinha. — Ele bateu à porta segurando um saca-rolha...

— O que ele queria? — perguntou a Rainha Vermelha.

— Disse que *entraria* — continuou a Rainha Branca —, pois procurava um hipopótamo. Mas não havia nenhum dentro da casa naquela manhã, sabe?

— E costuma haver algum? — perguntou Alice, espantada.

— Bem, só às quintas — disse a Rainha.

— Eu sei o que ele queria — continuou Alice. — Queria castigar o peixe, porque...

Foi quando a Rainha Branca recomeçou:

— Foi uma *baita* tempestade que nem dá pra imaginar! (“Ela *nunca* imaginou, sabia?”, disse a Rainha Vermelha.) Parte da casa foi destelhada e um monte de trovões caíram lá dentro. Rodavam pela sala derrubando tudo... fiquei tão apavorada que até esqueci do meu nome!

Alice pensou: “Eu nem *tentaria* lembrar do meu nome no meio de uma desgraça dessas! De que adiantaria?”, mas não falou em voz alta para não menosprezar os sentimentos da rainha.

— Vossa Majestade deve relevar — a Rainha Vermelha disse para Alice, ao pegar e acariciar uma das mãos da Rainha Branca.
— Ela tenta, mas não pode evitar de dizer tolices como de costume.

A Rainha Branca olhou timidamente para Alice, que achou que *deveria* dizer algo, mas não conseguiu pensar em nada no momento.

— Ela não teve uma educação decente — continuou a Rainha Vermelha —, mas é incrível como tem bom coração! Faça carinho na cabeça dela e veja como ela fica contente!

Mas Alice não teve coragem suficiente.

— Um pouquinho de carinho e papelotes nos cabelos fazem maravilhas para ela...

A Rainha Branca deu um longo suspiro e encostou sua cabeça no ombro de Alice.

— Estou com *tanto* sono — resmungou.

— Coitadinha, está tão cansada! — disse a Rainha. — Alise seus cabelos, empreste sua touca e cante uma musiquinha

relaxante para ela.

— Não trouxe a minha touca — respondeu Alice, tentando obedecer à primeira ordem. — E não sei cantar músicas relaxantes.

— Então deixe que eu faço — retrucou a Rainha Vermelha. E começou:

*— Quietinha minha linda, no colinho da Alice!
A festa será bem-vinda, pra sair dessa mesmice.
Quando a festa terminar, o baile vai começar...
As Rainhas Alva e Rubra com Alice vão dançar!*

— E agora que já sabe os versos — continuou, pousando sua cabeça no outro ombro de Alice —, cante para *mim*. Também estou ficando com sono.

A seguir, as duas rainhas dormiram e roncavam alto.

— O que *eu* vou fazer? — exclamou Alice olhando em volta, perplexa.

Uma cabeça e depois a outra rolaram de seus ombros e repousaram em seu colo como pesadas toras de madeira.

— Acho que *nunca* alguém teve que tomar conta de duas rainhas adormecidas ao mesmo tempo! Pelo menos, não que eu saiba, em toda a História da Inglaterra... porque nunca houve duas rainhas ao mesmo tempo. Acordem, suas grandalhonas! — continuou, impaciente. Mas a resposta foi somente as respirações profundas.

Os roncos ficavam mais fortes a cada momento; pareciam-se mais com uma melodia. Alice até conseguiu distinguir palavras e prestou tanta atenção que quando as duas grandes cabeças desapareceram de seu colo, ela mal notou.

Alice estava na frente de uma porta em arco sobre a qual estava escrito *Rainha Alice* em letras garrafais. Havia uma sineta de cada lado do arco. Uma dizia: *campainha dos visitantes* e a outra, *campainha dos empregados*.

“Vou esperar a música acabar”, pensou Alice, “para tocar a... qual delas?” E continuou, muito confusa com os nomes: “Não sou visitante, e não sou empregada. *Tinha* que haver outra para ‘rainhas’, não é?”

Foi quando a porta se entreabriu e uma criatura com um longo bico botou sua cabeça para fora e disse:

— Proibido entrar até a semana que vem! — E bateu a porta com força.

Alice bateu e tocou sem sucesso por um bom tempo; mas, afinal, um Sapo muito velho, sentado debaixo de uma árvore, levantou-se e manquitolou vagorosamente em sua direção: tinha uma roupa amarelo-vibrante e botas enormes.

— O que foi agora? — indagou o Sapo, em com um sussurro rouco e profundo.

Alice virou-se pronta para reclamar com quem quer que fosse:

— Onde está o empregado que atende a porta? — disparou furiosa.

— Qual porta? — perguntou o Sapo.

Alice quase pisoteou o chão, irritada com a lentidão da fala do Sapo.

— *Esta porta, obviamente!*

O Sapo olhou demoradamente para a porta com seus grandes olhos por um minuto, depois se aproximou e esfregou o dedão nela, como se quisesse tirar um pouco da tinta. Em seguida, olhou para Alice.

— Atender à porta? — perguntou. — O que ela pediu?

Sua voz era tão rouca que Alice mal podia ouvi-lo.

— Do que você está falando? — ela perguntou.

— Falo sua língua, não é? — continuou o Sapo. — Ou você é surda?

O que eu disse?

— Nada! — retrucou Alice, impaciente. — Eu estava batendo nela!

— Não se faz isso... não se faz — balbuciou o Sapo. — Coitada, sabia? — Em seguida, foi até a porta e deu-lhe um chute com sua grande botina. — Deixa *ela* em paz — resfolegou, ao mancar de volta para sua árvore —, e ela vai deixar *você* em paz, sabe?

Foi quando a porta se abriu e ouviu-se uma voz aguda cantando:

— *Alice disse ao Mundo do Espelho:*

“Tenho cetro e coroa, meu velho;

Que o povo do espelho, seja lá quem for

Jante com as rainhas e eu, meu amor.”

E centenas de vozes de juntaram ao coro:

*— Encham os copos logo até derramar,
Enfeitem a mesa com as flores do pomar:
Gatos no café e ratos no bule de chá...
Trinta vezes três vivas para Alice, a Rainha!*

Seguiu-se uma algazarra de ovação e Alice pensou: “Trinta vezes três são noventa. Quem será que está contando?”

Um minuto depois, o silêncio voltou e a mesma voz aguda cantou outro verso:

*— “Criaturas do espelho”, disse Alice, “venham todas!
Aproveitem a maior de todas as honras,
O maior privilégio que se pode imaginar:
Com as rainhas e comigo jantar!”*

E novamente seguiu-se o coro:

*— Encham os copos com mel e tinta até derramar,
Ou qualquer outra coisa gostosa de tomar:
Batam areia com cidra, vinho com sardinha...
Noventa vezes nove vivas para Alice, a Rainha!*

— Noventa vezes nove! — repetiu Alice, desesperada. — Isso não vai acabar nunca! É melhor eu entrar logo... — E houve um silêncio profundo quando ela apareceu.

Olhou nervosa para a mesa ao adentrar o grande salão e percebeu que havia cerca de cinquenta convidados de todos os tipos: alguns eram animais, outros, pássaros, e havia até flores entre eles.

“Que bom que vieram sem esperar meu convite”, ela pensou. “Eu nunca saberia quem convidar!”

Havia três cadeiras na cabeceira da mesa. As Rainhas Vermelha e Branca já estavam em duas delas, mas a do meio estava vazia. Alice se sentou, um tanto desconfortável com o silêncio à sua volta, torcendo para que alguém se pronunciasse.

Finalmente, a Rainha Vermelha começou:

— Perdeu a sopa de peixe — comentou. — Tragam o pernil!

Os garçons colocaram um quarto traseiro de carneiro diante de Alice, que ficou bastante aflita pois nunca havia fatiado um pernil antes.

— Está meio tímida. Deixe-me apresentar este pernil de carneiro para você — disse a Rainha Vermelha. — Alice, carneiro. Carneiro, Alice.

A perna de carneiro ficou em pé sobre a travessa e fez uma reverência para Alice, que retribuiu da mesma forma, sem saber se ficava maravilhada ou apavorada.

— Posso servir um pedaço? — disse, olhando de uma rainha para outra, com a faca e o garfo nas mãos.

— Mas é claro que não — a Rainha Vermelha se adiantou. — Não é polido cortar alguém que você conhece. Levem o pernil!

E os garçons o levaram e colocaram um grande manjar de ameixas no lugar.

— Não me apresentem ao manjar, por favor — disse Alice apressadamente —, senão ninguém o comerá. Posso servir para vocês.

Mas a Rainha Vermelha fechou a cara e resmungou:

— Manjar, Alice. Alice, manjar. Levem o manjar!

E os garçons o levaram tão rapidamente que Alice nem conseguiu retribuir a reverência.

Contudo, ela não entendia por que a Rainha Vermelha deveria ser a única a dar ordens. Por isso, para testar, ela chamou:

— Garçom! Traga de volta o manjar!

E lá estava o manjar novamente, como se ela tivesse declamado um encantamento. De tão grande, era impossível não se sentir *meio* acanhada, assim como aconteceu com o pernil do carneiro. De qualquer maneira, ela venceu a timidez, fatiou o pudim e ofereceu um pedaço à Rainha Vermelha.

— Mas que impertinente! — disse o Manjar. — Adoraria saber como você se sentiria se eu cortasse uma fatia *sua*, criaturinha!

Sua voz era meio grossa e amanteigada. Alice não tinha palavras para responder, então manteve-se sentada, estupefata.

— Comente alguma coisa — disse a Rainha Vermelha. — É ridículo que o manjar fique responsável pela conversa toda!

— Sabia que ouvi uma quantidade imensa de poesia hoje? — começou Alice, um tanto receosa de que, ao abrir a boca, o silêncio recaísse novamente e todos os olhos se voltassem para ela. — Achei isso uma coisa bem curiosa... De algum jeito, todos os poemas falavam algo sobre peixes. Sabe me dizer por que todos por aqui gostam tanto de peixes?

Ela se dirigiu à Rainha Vermelha, cuja resposta foi um tanto além da pergunta:

— Quanto aos peixes — disse, lenta e solenemente, levando a boca perto da orelha de Alice —, Sua Majestade Branca conhece uma charada adorável, toda em versos e toda sobre peixes. Quer que ela declame?

— É muita bondade Sua Majestade mencionar isso — murmurou a Rainha Branca na outra orelha. Sua voz lembrava o arrulho de um pombo. — Seria um *imenso* prazer! Posso?

— Por favor — respondeu Alice, muito educadamente.

A Rainha Branca gargalhou de alegria e apertou a bochecha de Alice antes de começar:

— *Primeiro, é preciso pegar o peixe.*

É fácil. Acho que até uma criança consegue, não?

Depois, vamos pagar pelo tal peixe.

É fácil. Acho que não custa nem um tostão.

Agora, asse o peixe para mim!
Que fácil, não leva nem um instante.
Coloque ele no prato. Assim!
Tão fácil, pois já estava nele antes.

Tragam o peixe aqui! Quero provar!
É fácil servi-lo na mesa de jantar.
Tire a tampa da travessa já!
Ai, que difícil, isso não vai dar!

Parece que a grudaram com cola...
A tampa do prato ficou travada.
Será mais fácil despratar o peixe
ou descobrir essa charada?

— Pense um pouco nisso e depois tente — disse a Rainha Vermelha. — Enquanto isso, um brinde à sua saúde... à saúde da Rainha Alice! — berrou a plenos pulmões, e todos os convidados beberam imediatamente e das maneiras mais esquisitas: alguns colocaram os copos sobre suas cabeças e os despejaram como baldes, tomando o que escorria pela cara. Outros tombaram as jarras e beberam o que pingava das bordas da mesa. Outros três (que se pareciam com cangurus) disputaram a travessa do assado de carneiro para lambar o molho. “Parecem porcos no cocho!”, pensou Alice.

— Você precisa agradecer o brinde com um bom discurso — disse a Rainha Vermelha com uma careta para Alice.

— Vamos te dar uma mãozinha, tá bom? — cochichou a Rainha Branca enquanto Alice se levantava, obediente, mas um tanto intimidada.

— Muito obrigada — sussurrou em resposta —, mas posso me virar sozinha.

— Mas não vai mesmo! — disse a Rainha Vermelha muito decidida e, assim, Alice tentou se submeter sem discussão.

(“E me deram *mesmo* uma mãozinha!”, Alice contou mais tarde para sua irmã sobre a história do banquete. “Parecia que queriam me espremer até esmagar!”)

Na verdade, era bem difícil para ela ficar parada no lugar enquanto discursava: as duas rainhas a empurravam tanto, cada uma de um lado, que quase a levantaram da cadeira:

— Me levanto para retribuir os agradecimentos... — começou Alice, pois *realmente* estava se levantando enquanto falava, vários palmos, mas conseguiu se agarrar na beirada da mesa e se segurou no assento.

— Cuidado! — berrou a Rainha Branca, pegando Alice pelos cabelos com ambas as mãos. — Alguma coisa vai acontecer!

Então (como Alice descreveria mais tarde), todo tipo de coisa aconteceu naquele momento. Todas as velas se esticaram até o teto, parecendo touceiras de juncos com fogos de artifício nas pontas. Quanto às garrafas, cada uma fez um par de asas com dois pratos e assim, com garfos servindo de pernas, saíram voando pelos ares. “Se parecem muito com pássaros”, pensou Alice tanto quanto podia, em meio àquela confusão espantosa que principiava.

Nesse momento, ela ouviu uma gargalhada rouca ao seu lado, e virou-se para ver o que havia acontecido com a Rainha Branca. Mas, em vez da Rainha, o pernil de carneiro era quem estava sentado na cadeira.

— Olha eu aqui! — gritou uma voz da sopeira, e Alice virou-se novamente, bem a tempo de ver o rosto largo e simpático da rainha a sorrir, antes de mergulhar da borda para a sopa.

Não havia um minuto sequer a perder. Vários dos convidados estavam deitados sobre as travessas e a concha de sopa caminhava pela toalha da mesa na direção de Alice, gesticulando impaciente para que saísse da sua frente.

— Não aguento mais isso! — gritou a menina, ao saltar para cima.

Alice agarrou a toalha de mesa com ambas as mãos e, com uma boa puxada, pratos, travessas, convidados e velas foram ao chão, todos ao mesmo tempo.

— E quanto a *você*... — continuou, voltando-se furiosa para a Rainha Vermelha, que Alice considerava a responsável por todo esse estrago... Mas a rainha não estava mais ao seu lado. Havia encolhido do tamanho de uma bonequinha e corria alegremente em círculos sobre a mesa, tentando pegar a ponta de seu próprio xale.

Alice ficaria surpresa com a cena em qualquer outra ocasião, mas *naquele momento* já estava tão chocada que nem ligou.

— Quanto a *você* — repetiu, pegando a criaturinha no meio de um pulo quando uma garrafa simplesmente apareceu rolando sobre a mesa —, vou te sacudir até virar uma gatinha, ah, se vou!

SACUDINDO

Ela a retirou da mesa sem parar de falar e a sacudiu para frente e para trás com toda força.

A Rainha Vermelha sequer tentou resistir. Seu rosto diminuiu cada vez mais e seus olhos ficaram maiores e verdes. Alice continuava chacoalhando sem parar e ela continuava diminuindo, ficando mais gordinha, mais macia, mais redonda, até que...

ACORDANDO

...acabou realmente *virando* uma gatinha.

QUEM SONHOU ISSO?

Vossa Majestade não devia miar tão alto — disse Alice coçando os olhos, dirigindo-se à gatinha respeitosamente, mas com certa severidade. — Você me acordou de um... céus! Um sonho tão incrível! E você estava lá comigo, Kitty... lá do outro lado, no Mundo do Espelho. Sabia, querida?

É um hábito inconveniente (Alice já tinha dito isso antes) que os gatinhos sempre reclamem roncando.

— Se roncassem para dizer “sim” e miassem para dizer “não”, ou alguma outra regra como essa — ela disse uma vez —, então poderíamos até conversar! Mas é *impossível* falar com alguém que só diz uma coisa.

Nessa ocasião a gatinha só ronronou: e era impossível adivinhar se aquilo era um “sim” ou um “não”.

Então Alice buscou por entre as peças de xadrez na mesa até encontrar a Rainha Vermelha. Em seguida, ajoelhou-se no tapete e colocou a gatinha e a Rainha frente a frente.

— Agora, Kitty! — exclamou batendo palmas, vitoriosa. — Confesse que você se transformou nela!

(— Mas ela nem olhava para a Rainha — disse Alice depois, quando explicava tudo para sua irmã. — Ela desviou a cabeça e fingiu que não estava vendo. Mas me pareceu estar *um pouco* envergonhada e, por isso, *deve* ter sido ela a Rainha Vermelha.)

— Fique sentada mais firme, querida! — gritou Alice com um sorriso alegre. — E reverencie enquanto pensa no que vai dizer... roncar. Economize tempo, lembre-se! — Alçou a gatinha e deu-lhe um beijinho. — Por respeito a você ter sido uma Rainha Vermelha.

— Floco de Neve, minha bichana! — continuou, olhando para a gatinha branca por sobre o ombro, que se limpava pacientemente. — Adoraria saber quando é que Diná vai *terminar* sua toailete, Vossa Majestade Branca. Acho que era por isso que apareceu tão desgrenhada em meu sonho... Diná! Sabia que você está esfregando uma Rainha Branca? Céus, quanto desrespeito!

— E no que *Diná* se transformou? — continuou com sua encenação, enquanto se acomodava para olhar as gatinhas com um cotovelo no tapete e o queixo apoiado no punho. — Conte, Diná, você era o Humpty Dumpty? *Acho* que era... mas se eu fosse, você não contaria para ninguém ainda, pois não tenho certeza.

— Aliás, Kitty, se você realmente estivesse no meu sonho, teria *adorado* uma coisa... o tanto de versos que recitaram para mim, todos sobre peixes! Amanhã cedo você vai ganhar um grande de presente. Enquanto você estiver tomando seu café da manhã, vou recitar “A Morsa e o Carpinteiro” para você fingir que está comendo ostras, querida!

— Agora, Kitty, vamos descobrir quem foi que sonhou tudo isso. É uma pergunta muito importante, minha cara, para você ficar lambendo sua pata... Diná já a limpou de manhã! Sabe, Kitty, *deve* ter sido eu ou o Rei Vermelho. É claro que ele também era parte do meu sonho... Mas eu também era parte do sonho

dele! *Foi* o Rei Vermelho, Kitty. Você era sua esposa, minha querida, então deve estar ciente de... Ai, Kitty, me *ajude* a resolver isso! Sua patinha pode esperar!

Mas, só para provocar, a gatinha começou a lambe a outra pata, fingindo que nada tinha ouvido.

Quem *você* acha que sonhou?

*Um bote sob o céu claro,
Desliza sem devido preparo
Em um verão de brilho raro.*

*A três crianças chegam mais perto,
Com seus ouvidos e olhos espertos,
Para ouvir a história boquiabertos.*

*O sol já se apagou e morreu:
Memória antiga como camafeu.
O verão já não é mais seu.*

*Como um fantasma ela me assombra.
Alice se move como uma sombra,
Ninguém acordado a encontra.*

*A história os deixa boquiabertos
Com seus ouvidos e olhos abertos,
Adoráveis, vêm para perto.*

*Dormem no País das Maravilhas,
Seus sonhos afundam como ilhas,
O tempo sobre o verão se empilha.*

Descendo pela correnteza...
Como se fossem parte da realeza,
A vida nada tem de pobreza.



Charles Lutwidge Dodgson é mais conhecido como Lewis Carroll. Matemático, tornou-se célebre por ter escrito as aventuras da menina Alice. Nasceu em 27 de janeiro de 1832, no condado de Cheshire, no Reino Unido. Lecionou matemática a maior parte de sua vida no Christ College, em Oxford. Apaixonado por fotografia e celibatário, projetava seu ideal de infância feliz e o desencanto com a vida adulta em versos e paródias presentes em

sua obra literária. Morreu em Guildford, na Inglaterra, em 14 de janeiro de 1898.

ALICE

THROUGH THE LOOKING-GLASS

Lewis Carroll

CHAPTER I. LOOKING-GLASS HOUSE

One thing was certain, that the *white* kitten had had nothing to do with it:—it was the black kitten's fault entirely. For the white kitten had been having its face washed by the old cat for the last quarter of an hour (and bearing it pretty well, considering); so you see that it *couldn't* have had any hand in the mischief.

The way Dinah washed her children's faces was this: first she held the poor thing down by its ear with one paw, and then with the other paw she rubbed its face all over, the wrong way, beginning at the nose: and just now, as I said, she was hard at work on the white kitten, which was lying quite still and trying to purr—no doubt feeling that it was all meant for its good.

But the black kitten had been finished with earlier in the afternoon, and so, while Alice was sitting curled up in a corner of the great arm-chair, half talking to herself and half asleep, the kitten had been having a grand game of romps with the ball of worsted Alice had been trying to wind up, and had been rolling it up and down till it had all come undone again; and there it was, spread over the hearth-rug, all knots and tangles, with the kitten running after its own tail in the middle.

'Oh, you wicked little thing!' cried Alice, catching up the kitten, and giving it a little kiss to make it understand that it was

in disgrace. 'Really, Dinah ought to have taught you better manners! You *ought*, Dinah, you know you ought!' she added, looking reproachfully at the old cat, and speaking in as cross a voice as she could manage—and then she scrambled back into the arm-chair, taking the kitten and the worsted with her, and began winding up the ball again. But she didn't get on very fast, as she was talking all the time, sometimes to the kitten, and sometimes to herself. Kitty sat very demurely on her knee, pretending to watch the progress of the winding, and now and then putting out one paw and gently touching the ball, as if it would be glad to help, if it might.

'Do you know what to-morrow is, Kitty?' Alice began. 'You'd have guessed if you'd been up in the window with me—only Dinah was making you tidy, so you couldn't. I was watching the boys getting in sticks for the bonfire—and it wants plenty of sticks, Kitty! Only it got so cold, and it snowed so, they had to leave off. Never mind, Kitty, we'll go and see the bonfire to-morrow.' Here Alice wound two or three turns of the worsted round the kitten's neck, just to see how it would look: this led to a scramble, in which the ball rolled down upon the floor, and yards and yards of it got unwound again.

'Do you know, I was so angry, Kitty,' Alice went on as soon as they were comfortably settled again, 'when I saw all the mischief you had been doing, I was very nearly opening the window, and putting you out into the snow! And you'd have deserved it, you little mischievous darling! What have you got to say for yourself? Now don't interrupt me!' she went on, holding up one finger. 'I'm going to tell you all your faults. Number one: you squeaked

twice while Dinah was washing your face this morning. Now you can't deny it, Kitty: I heard you! What's that you say?' (pretending that the kitten was speaking.) 'Her paw went into your eye? Well, that's *your* fault, for keeping your eyes open—if you'd shut them tight up, it wouldn't have happened. Now don't make any more excuses, but listen! Number two: you pulled Snowdrop away by the tail just as I had put down the saucer of milk before her! What, you were thirsty, were you? How do you know she wasn't thirsty too? Now for number three: you unwound every bit of the worsted while I wasn't looking!

'That's three faults, Kitty, and you've not been punished for any of them yet. You know I'm saving up all your punishments for Wednesday week—Suppose they had saved up all *my* punishments!' she went on, talking more to herself than the kitten. 'What *would* they do at the end of a year? I should be sent to prison, I suppose, when the day came. Or—let me see—suppose each punishment was to be going without a dinner: then, when the miserable day came, I should have to go without fifty dinners at once! Well, I shouldn't mind *that* much! I'd far rather go without them than eat them!

'Do you hear the snow against the window-panes, Kitty? How nice and soft it sounds! Just as if some one was kissing the window all over outside. I wonder if the snow *loves* the trees and fields, that it kisses them so gently? And then it covers them up snug, you know, with a white quilt; and perhaps it says, "Go to sleep, darlings, till the summer comes again." And when they wake up in the summer, Kitty, they dress themselves all in green, and dance about—whenever the wind blows—oh, that's very

pretty!' cried Alice, dropping the ball of worsted to clap her hands. 'And I do so *wish* it was true! I'm sure the woods look sleepy in the autumn, when the leaves are getting brown.

'Kitty, can you play chess? Now, don't smile, my dear, I'm asking it seriously. Because, when we were playing just now, you watched just as if you understood it: and when I said "Check!" you purred! Well, it *was* a nice check, Kitty, and really I might have won, if it hadn't been for that nasty Knight, that came wiggling down among my pieces. Kitty, dear, let's pretend—' And here I wish I could tell you half the things Alice used to say, beginning with her favourite phrase 'Let's pretend.' She had had quite a long argument with her sister only the day before—all because Alice had begun with 'Let's pretend we're kings and queens;' and her sister, who liked being very exact, had argued that they couldn't, because there were only two of them, and Alice had been reduced at last to say, 'Well, *you* can be one of them then, and *I'll* be all the rest.' And once she had really frightened her old nurse by shouting suddenly in her ear, 'Nurse! Do let's pretend that I'm a hungry hyaena, and you're a bone.'

But this is taking us away from Alice's speech to the kitten. 'Let's pretend that you're the Red Queen, Kitty! Do you know, I think if you sat up and folded your arms, you'd look exactly like her. Now do try, there's a dear!' And Alice got the Red Queen off the table, and set it up before the kitten as a model for it to imitate: however, the thing didn't succeed, principally, Alice said, because the kitten wouldn't fold its arms properly. So, to punish it, she held it up to the Looking-glass, that it might see how sulky

it was—‘and if you’re not good directly,’ she added, ‘I’ll put you through into Looking-glass House. How would you like *that*?’

‘Now, if you’ll only attend, Kitty, and not talk so much, I’ll tell you all my ideas about Looking-glass House. First, there’s the room you can see through the glass—that’s just the same as our drawing room, only the things go the other way. I can see all of it when I get upon a chair—all but the bit behind the fireplace. Oh! I do so wish I could see *that* bit! I want so much to know whether they’ve a fire in the winter: you never *can* tell, you know, unless our fire smokes, and then smoke comes up in that room too—but that may be only pretence, just to make it look as if they had a fire. Well then, the books are something like our books, only the words go the wrong way; I know that, because I’ve held up one of our books to the glass, and then they hold up one in the other room.

‘How would you like to live in Looking-glass House, Kitty? I wonder if they’d give you milk in there? Perhaps Looking-glass milk isn’t good to drink—But oh, Kitty! now we come to the passage. You can just see a little *peep* of the passage in Looking-glass House, if you leave the door of our drawing-room wide open: and it’s very like our passage as far as you can see, only you know it may be quite different on beyond. Oh, Kitty! how nice it would be if we could only get through into Looking-glass House! I’m sure it’s got, oh! such beautiful things in it! Let’s pretend there’s a way of getting through into it, somehow, Kitty. Let’s pretend the glass has got all soft like gauze, so that we can get through. Why, it’s turning into a sort of mist now, I declare! It’ll be easy enough to get through—’ She was up on the chimney-

piece while she said this, though she hardly knew how she had got there. And certainly the glass *was* beginning to melt away, just like a bright silvery mist.

In another moment Alice was through the glass, and had jumped lightly down into the Looking-glass room. The very first thing she did was to look whether there was a fire in the fireplace, and she was quite pleased to find that there was a real one, blazing away as brightly as the one she had left behind. 'So I shall be as warm here as I was in the old room,' thought Alice: 'warmer, in fact, because there'll be no one here to scold me away from the fire. Oh, what fun it'll be, when they see me through the glass in here, and can't get at me!'

Then she began looking about, and noticed that what could be seen from the old room was quite common and uninteresting, but that all the rest was as different as possible. For instance, the pictures on the wall next the fire seemed to be all alive, and the very clock on the chimney-piece (you know you can only see the back of it in the Looking-glass) had got the face of a little old man, and grinned at her.

'They don't keep this room so tidy as the other,' Alice thought to herself, as she noticed several of the chessmen down in the hearth among the cinders: but in another moment, with a little 'Oh!' of surprise, she was down on her hands and knees watching them. The chessmen were walking about, two and two!

'Here are the Red King and the Red Queen,' Alice said (in a whisper, for fear of frightening them), 'and there are the White King and the White Queen sitting on the edge of the shovel—and here are two castles walking arm in arm—I don't think they can

hear me,' she went on, as she put her head closer down, 'and I'm nearly sure they can't see me. I feel somehow as if I were invisible—'

Here something began squeaking on the table behind Alice, and made her turn her head just in time to see one of the White Pawns roll over and begin kicking: she watched it with great curiosity to see what would happen next.

'It is the voice of my child!' the White Queen cried out as she rushed past the King, so violently that she knocked him over among the cinders. 'My precious Lily! My imperial kitten!' and she began scrambling wildly up the side of the fender.

'Imperial fiddlestick!' said the King, rubbing his nose, which had been hurt by the fall. He had a right to be a *little* annoyed with the Queen, for he was covered with ashes from head to foot.

Alice was very anxious to be of use, and, as the poor little Lily was nearly screaming herself into a fit, she hastily picked up the Queen and set her on the table by the side of her noisy little daughter.

The Queen gasped, and sat down: the rapid journey through the air had quite taken away her breath and for a minute or two she could do nothing but hug the little Lily in silence. As soon as she had recovered her breath a little, she called out to the White King, who was sitting sulkily among the ashes, 'Mind the volcano!'

'What volcano?' said the King, looking up anxiously into the fire, as if he thought that was the most likely place to find one.

‘Blew—me—up,’ panted the Queen, who was still a little out of breath. ‘Mind you come up—the regular way—don’t get blown up!’

Alice watched the White King as he slowly struggled up from bar to bar, till at last she said, ‘Why, you’ll be hours and hours getting to the table, at that rate. I’d far better help you, hadn’t I?’ But the King took no notice of the question: it was quite clear that he could neither hear her nor see her.

So Alice picked him up very gently, and lifted him across more slowly than she had lifted the Queen, that she mightn’t take his breath away: but, before she put him on the table, she thought she might as well dust him a little, he was so covered with ashes.

She said afterwards that she had never seen in all her life such a face as the King made, when he found himself held in the air by an invisible hand, and being dusted: he was far too much astonished to cry out, but his eyes and his mouth went on getting larger and larger, and rounder and rounder, till her hand shook so with laughing that she nearly let him drop upon the floor.

‘Oh! *please* don’t make such faces, my dear!’ she cried out, quite forgetting that the King couldn’t hear her. ‘You make me laugh so that I can hardly hold you! And don’t keep your mouth so wide open! All the ashes will get into it—there, now I think you’re tidy enough!’ she added, as she smoothed his hair, and set him upon the table near the Queen.

The King immediately fell flat on his back, and lay perfectly still: and Alice was a little alarmed at what she had done, and went round the room to see if she could find any water to throw

over him. However, she could find nothing but a bottle of ink, and when she got back with it she found he had recovered, and he and the Queen were talking together in a frightened whisper—so low, that Alice could hardly hear what they said.

The King was saying, ‘I assure, you my dear, I turned cold to the very ends of my whiskers!’

To which the Queen replied, ‘You haven’t got any whiskers.’

‘The horror of that moment,’ the King went on, ‘I shall never, *never* forget!’

‘You will, though,’ the Queen said, ‘if you don’t make a memorandum of it.’

Alice looked on with great interest as the King took an enormous memorandum-book out of his pocket, and began writing. A sudden thought struck her, and she took hold of the end of the pencil, which came some way over his shoulder, and began writing for him.

The poor King looked puzzled and unhappy, and struggled with the pencil for some time without saying anything; but Alice was too strong for him, and at last he panted out, ‘My dear! I really *must* get a thinner pencil. I can’t manage this one a bit; it writes all manner of things that I don’t intend—’

‘What manner of things?’ said the Queen, looking over the book (in which Alice had put ‘*The White Knight is sliding down the poker. He balances very badly*’) ‘That’s not a memorandum of *your* feelings!’

There was a book lying near Alice on the table, and while she sat watching the White King (for she was still a little anxious

about him, and had the ink all ready to throw over him, in case he fainted again), she turned over the leaves, to find some part that she could read, ‘—for it’s all in some language I don’t know,’ she said to herself.

It was like this.

YKCOWREBBAJ

*sevot yhtils eht dna, gillirb sawT’
ebaw eht ni elbmig dna eryg diD
,sevogorob eht erew ysmim lla
.ebargtuo shtar emom eht dnA*

She puzzled over this for some time, but at last a bright thought struck her. ‘Why, it’s a Looking-glass book, of course! And if I hold it up to a glass, the words will all go the right way again.’

This was the poem that Alice read.

JABBERWOCKY

*’Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe;
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe.*

*’Beware the Jabberwock, my son!
The jaws that bite, the claws that catch!
Beware the Jubjub bird, and shun
The frumious Bandersnatch!’*

He took his vorpal sword in hand:

*Long time the manxome foe he sought—
So rested he by the Tumtum tree,
And stood awhile in thought.*

*And as in uffish thought he stood,
The Jabberwock, with eyes of flame,
Came whiffling through the tulgey wood,
And burbled as it came!*

*One, two! One, two! And through and
through
The vorpal blade went snicker-snack!
He left it dead, and with its head
He went galumphing back.*

*'And hast thou slain the Jabberwock?
Come to my arms, my beamish boy!
O frabjous day! Callooh! Callay!'
He chortled in his joy.*

*'Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe;
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe.*

'It seems very pretty,' she said when she had finished it, 'but it's *rather* hard to understand!' (You see she didn't like to confess, ever to herself, that she couldn't make it out at all.) 'Somehow it seems to fill my head with ideas—only I don't exactly know what they are! However, *somebody* killed *something*: that's clear, at any rate—'

'But oh!' thought Alice, suddenly jumping up, 'if I don't make haste I shall have to go back through the Looking-glass, before

I've seen what the rest of the house is like! Let's have a look at the garden first!' She was out of the room in a moment, and ran down stairs—or, at least, it wasn't exactly running, but a new invention of hers for getting down stairs quickly and easily, as Alice said to herself. She just kept the tips of her fingers on the hand-rail, and floated gently down without even touching the stairs with her feet; then she floated on through the hall, and would have gone straight out at the door in the same way, if she hadn't caught hold of the door-post. She was getting a little giddy with so much floating in the air, and was rather glad to find herself walking again in the natural way.

CHAPTER II. THE GARDEN OF LIVE FLOWERS

‘I should see the garden far better,’ said Alice to herself, ‘if I could get to the top of that hill: and here’s a path that leads straight to it—at least, no, it doesn’t do that—’ (after going a few yards along the path, and turning several sharp corners), ‘but I suppose it will at last. But how curiously it twists! It’s more like a corkscrew than a path! Well, *this* turn goes to the hill, I suppose—no, it doesn’t! This goes straight back to the house! Well then, I’ll try it the other way.’

And so she did: wandering up and down, and trying turn after turn, but always coming back to the house, do what she would. Indeed, once, when she turned a corner rather more quickly than usual, she ran against it before she could stop herself.

‘It’s no use talking about it,’ Alice said, looking up at the house and pretending it was arguing with her. ‘I’m *not* going in again yet. I know I should have to get through the Looking-glass again—back into the old room—and there’d be an end of all my adventures!’

So, resolutely turning her back upon the house, she set out once more down the path, determined to keep straight on till she got to the hill. For a few minutes all went on well, and she was just saying, ‘I really *shall* do it this time—’ when the path gave a

sudden twist and shook itself (as she described it afterwards), and the next moment she found herself actually walking in at the door.

‘Oh, it’s too bad!’ she cried. ‘I never saw such a house for getting in the way! Never!’

However, there was the hill full in sight, so there was nothing to be done but start again. This time she came upon a large flower-bed, with a border of daisies, and a willow-tree growing in the middle.

‘O Tiger-lily,’ said Alice, addressing herself to one that was waving gracefully about in the wind, ‘I *wish* you could talk!’

‘We *can* talk,’ said the Tiger-lily: ‘when there’s anybody worth talking to.’

Alice was so astonished that she could not speak for a minute: it quite seemed to take her breath away. At length, as the Tiger-lily only went on waving about, she spoke again, in a timid voice—almost in a whisper. ‘And can *all* the flowers talk?’

‘As well as *you* can,’ said the Tiger-lily. ‘And a great deal louder.’

‘It isn’t manners for us to begin, you know,’ said the Rose, ‘and I really was wondering when you’d speak! Said I to myself, “Her face has got *some* sense in it, though it’s not a clever one!” Still, you’re the right colour, and that goes a long way.’

‘I don’t care about the colour,’ the Tiger-lily remarked. ‘If only her petals curled up a little more, she’d be all right.’

Alice didn’t like being criticised, so she began asking questions. ‘Aren’t you sometimes frightened at being planted out

here, with nobody to take care of you?’

‘There’s the tree in the middle,’ said the Rose: ‘what else is it good for?’

‘But what could it do, if any danger came?’ Alice asked.

‘It says “Bough-wough!”’ cried a Daisy: ‘that’s why its branches are called boughs!’

‘Didn’t you know *that*?’ cried another Daisy, and here they all began shouting together, till the air seemed quite full of little shrill voices. ‘Silence, every one of you!’ cried the Tiger-lily, waving itself passionately from side to side, and trembling with excitement. ‘They know I can’t get at them!’ it panted, bending its quivering head towards Alice, ‘or they wouldn’t dare to do it!’

‘Never mind!’ Alice said in a soothing tone, and stooping down to the daisies, who were just beginning again, she whispered, ‘If you don’t hold your tongues, I’ll pick you!’

There was silence in a moment, and several of the pink daisies turned white.

‘That’s right!’ said the Tiger-lily. ‘The daisies are worst of all. When one speaks, they all begin together, and it’s enough to make one wither to hear the way they go on!’

‘How is it you can all talk so nicely?’ Alice said, hoping to get it into a better temper by a compliment. ‘I’ve been in many gardens before, but none of the flowers could talk.’

‘Put your hand down, and feel the ground,’ said the Tiger-lily. ‘Then you’ll know why.’

Alice did so. ‘It’s very hard,’ she said, ‘but I don’t see what that has to do with it.’

‘In most gardens,’ the Tiger-lily said, ‘they make the beds too soft—so that the flowers are always asleep.’

This sounded a very good reason, and Alice was quite pleased to know it. ‘I never thought of that before!’ she said.

‘It’s *my* opinion that you never think *at all*,’ the Rose said in a rather severe tone.

‘I never saw anybody that looked stupider,’ a Violet said, so suddenly, that Alice quite jumped; for it hadn’t spoken before.

‘Hold *your* tongue!’ cried the Tiger-lily. ‘As if *you* ever saw anybody! You keep your head under the leaves, and snore away there, till you know no more what’s going on in the world, than if you were a bud!’

‘Are there any more people in the garden besides me?’ Alice said, not choosing to notice the Rose’s last remark.

‘There’s one other flower in the garden that can move about like you,’ said the Rose. ‘I wonder how you do it—’ (‘You’re always wondering,’ said the Tiger-lily), ‘but she’s more bushy than you are.’

‘Is she like me?’ Alice asked eagerly, for the thought crossed her mind, ‘There’s another little girl in the garden, somewhere!’

‘Well, she has the same awkward shape as you,’ the Rose said, ‘but she’s redder—and her petals are shorter, I think.’

‘Her petals are done up close, almost like a dahlia,’ the Tiger-lily interrupted: ‘not tumbled about anyhow, like yours.’

‘But that’s not *your* fault,’ the Rose added kindly: ‘you’re beginning to fade, you know—and then one can’t help one’s petals getting a little untidy.’

Alice didn't like this idea at all: so, to change the subject, she asked 'Does she ever come out here?'

'I daresay you'll see her soon,' said the Rose. 'She's one of the thorny kind.'

'Where does she wear the thorns?' Alice asked with some curiosity.

'Why all round her head, of course,' the Rose replied. 'I was wondering *you* hadn't got some too. I thought it was the regular rule.'

'She's coming!' cried the Larkspur. 'I hear her footstep, thump, thump, thump, along the gravel-walk!'

Alice looked round eagerly, and found that it was the Red Queen. 'She's grown a good deal!' was her first remark. She had indeed: when Alice first found her in the ashes, she had been only three inches high—and here she was, half a head taller than Alice herself!

'It's the fresh air that does it,' said the Rose: 'wonderfully fine air it is, out here.'

'I think I'll go and meet her,' said Alice, for, though the flowers were interesting enough, she felt that it would be far grander to have a talk with a real Queen.

'You can't possibly do that,' said the Rose: '*I* should advise you to walk the other way.'

This sounded nonsense to Alice, so she said nothing, but set off at once towards the Red Queen. To her surprise, she lost sight of her in a moment, and found herself walking in at the front-door again.

A little provoked, she drew back, and after looking everywhere for the queen (whom she spied out at last, a long way off), she thought she would try the plan, this time, of walking in the opposite direction.

It succeeded beautifully. She had not been walking a minute before she found herself face to face with the Red Queen, and full in sight of the hill she had been so long aiming at.

‘Where do you come from?’ said the Red Queen. ‘And where are you going? Look up, speak nicely, and don’t twiddle your fingers all the time.’

Alice attended to all these directions, and explained, as well as she could, that she had lost her way.

‘I don’t know what you mean by *your* way,’ said the Queen: ‘all the ways about here belong to *me*—but why did you come out here at all?’ she added in a kinder tone. ‘Curtsey while you’re thinking what to say, it saves time.’

Alice wondered a little at this, but she was too much in awe of the Queen to disbelieve it. ‘I’ll try it when I go home,’ she thought to herself, ‘the next time I’m a little late for dinner.’

‘It’s time for you to answer now,’ the Queen said, looking at her watch: ‘open your mouth a *little* wider when you speak, and always say “your Majesty.”’

‘I only wanted to see what the garden was like, your Majesty —’

‘That’s right,’ said the Queen, patting her on the head, which Alice didn’t like at all, ‘though, when you say “garden,”—*I’ve* seen gardens, compared with which this would be a wilderness.’

Alice didn't dare to argue the point, but went on: '—and I thought I'd try and find my way to the top of that hill—'

'When you say "hill," the Queen interrupted, 'I could show you hills, in comparison with which you'd call that a valley.'

'No, I shouldn't,' said Alice, surprised into contradicting her at last: 'a hill *can't* be a valley, you know. That would be nonsense —'

The Red Queen shook her head, 'You may call it "nonsense" if you like,' she said, 'but *I've* heard nonsense, compared with which that would be as sensible as a dictionary!'

Alice curtseyed again, as she was afraid from the Queen's tone that she was a *little* offended: and they walked on in silence till they got to the top of the little hill.

For some minutes Alice stood without speaking, looking out in all directions over the country—and a most curious country it was. There were a number of tiny little brooks running straight across it from side to side, and the ground between was divided up into squares by a number of little green hedges, that reached from brook to brook.

'I declare it's marked out just like a large chessboard!' Alice said at last. 'There ought to be some men moving about somewhere—and so there are!' She added in a tone of delight, and her heart began to beat quick with excitement as she went on. 'It's a great huge game of chess that's being played—all over the world—if this *is* the world at all, you know. Oh, what fun it is! How I *wish* I was one of them! I wouldn't mind being a Pawn,

if only I might join—though of course I should *like* to be a Queen, best.’

She glanced rather shyly at the real Queen as she said this, but her companion only smiled pleasantly, and said, ‘That’s easily managed. You can be the White Queen’s Pawn, if you like, as Lily’s too young to play; and you’re in the Second Square to begin with: when you get to the Eighth Square you’ll be a Queen —’ Just at this moment, somehow or other, they began to run.

Alice never could quite make out, in thinking it over afterwards, how it was that they began: all she remembers is, that they were running hand in hand, and the Queen went so fast that it was all she could do to keep up with her: and still the Queen kept crying ‘Faster! Faster!’ but Alice felt she *could not* go faster, though she had not breath left to say so.

The most curious part of the thing was, that the trees and the other things round them never changed their places at all: however fast they went, they never seemed to pass anything. ‘I wonder if all the things move along with us?’ thought poor puzzled Alice. And the Queen seemed to guess her thoughts, for she cried, ‘Faster! Don’t try to talk!’

Not that Alice had any idea of doing *that*. She felt as if she would never be able to talk again, she was getting so much out of breath: and still the Queen cried ‘Faster! Faster!’ and dragged her along. ‘Are we nearly there?’ Alice managed to pant out at last.

‘Nearly there!’ the Queen repeated. ‘Why, we passed it ten minutes ago! Faster!’ And they ran on for a time in silence, with

the wind whistling in Alice's ears, and almost blowing her hair off her head, she fancied.

'Now! Now!' cried the Queen. 'Faster! Faster!' And they went so fast that at last they seemed to skim through the air, hardly touching the ground with their feet, till suddenly, just as Alice was getting quite exhausted, they stopped, and she found herself sitting on the ground, breathless and giddy.

The Queen propped her up against a tree, and said kindly, 'You may rest a little now.'

Alice looked round her in great surprise. 'Why, I do believe we've been under this tree the whole time! Everything's just as it was!'

'Of course it is,' said the Queen, 'what would you have it?'

'Well, in *our* country,' said Alice, still panting a little, 'you'd generally get to somewhere else—if you ran very fast for a long time, as we've been doing.'

'A slow sort of country!' said the Queen. 'Now, *here*, you see, it takes all the running *you* can do, to keep in the same place. If you want to get somewhere else, you must run at least twice as fast as that!'

'I'd rather not try, please!' said Alice. 'I'm quite content to stay here—only I *am* so hot and thirsty!'

'I know what *you'd* like!' the Queen said good-naturedly, taking a little box out of her pocket. 'Have a biscuit?'

Alice thought it would not be civil to say 'No,' though it wasn't at all what she wanted. So she took it, and ate it as well as

she could: and it was *very* dry; and she thought she had never been so nearly choked in all her life.

‘While you’re refreshing yourself,’ said the Queen, ‘I’ll just take the measurements.’ And she took a ribbon out of her pocket, marked in inches, and began measuring the ground, and sticking little pegs in here and there.

‘At the end of two yards,’ she said, putting in a peg to mark the distance, ‘I shall give you your directions—have another biscuit?’

‘No, thank you,’ said Alice: ‘one’s *quite* enough!’

‘Thirst quenched, I hope?’ said the Queen.

Alice did not know what to say to this, but luckily the Queen did not wait for an answer, but went on. ‘At the end of *three* yards I shall repeat them—for fear of your forgetting them. At the end of *four*, I shall say good-bye. And at the end of *five*, I shall go!’

She had got all the pegs put in by this time, and Alice looked on with great interest as she returned to the tree, and then began slowly walking down the row.

At the two-yard peg she faced round, and said, ‘A pawn goes two squares in its first move, you know. So you’ll go *very* quickly through the Third Square—by railway, I should think—and you’ll find yourself in the Fourth Square in no time. Well, *that* square belongs to Tweedledum and Tweedledee—the Fifth is mostly water—the Sixth belongs to Humpty Dumpty—But you make no remark?’

‘I—I didn’t know I had to make one—just then,’ Alice faltered out.

‘You *should* have said, “It’s extremely kind of you to tell me all this”—however, we’ll suppose it said—the Seventh Square is all forest—however, one of the Knights will show you the way—and in the Eighth Square we shall be Queens together, and it’s all feasting and fun!’ Alice got up and curtsyed, and sat down again.

At the next peg the Queen turned again, and this time she said, ‘Speak in French when you can’t think of the English for a thing—turn out your toes as you walk—and remember who you are!’ She did not wait for Alice to curtsy this time, but walked on quickly to the next peg, where she turned for a moment to say ‘good-bye,’ and then hurried on to the last.

How it happened, Alice never knew, but exactly as she came to the last peg, she was gone. Whether she vanished into the air, or whether she ran quickly into the wood (‘and she *can* run very fast!’ thought Alice), there was no way of guessing, but she was gone, and Alice began to remember that she was a Pawn, and that it would soon be time for her to move.

CHAPTER III. LOOKING-GLASS INSECTS

Of course the first thing to do was to make a grand survey of the country she was going to travel through. 'It's something very like learning geography,' thought Alice, as she stood on tiptoe in hopes of being able to see a little further. 'Principal rivers—there *are* none. Principal mountains—I'm on the only one, but I don't think it's got any name. Principal towns—why, what *are* those creatures, making honey down there? They can't be bees—nobody ever saw bees a mile off, you know—' and for some time she stood silent, watching one of them that was bustling about among the flowers, poking its proboscis into them, 'just as if it was a regular bee,' thought Alice.

However, this was anything but a regular bee: in fact it was an elephant—as Alice soon found out, though the idea quite took her breath away at first. 'And what enormous flowers they must be!' was her next idea. 'Something like cottages with the roofs taken off, and stalks put to them—and what quantities of honey they must make! I think I'll go down and—no, I won't *just* yet,' she went on, checking herself just as she was beginning to run down the hill, and trying to find some excuse for turning shy so suddenly. 'It'll never do to go down among them without a good long branch to brush them away—and what fun it'll be when they ask me how I like my walk. I shall say—"Oh, I like it well

enough—“ (here came the favourite little toss of the head), “only it was so dusty and hot, and the elephants did tease so!””

‘I think I’ll go down the other way,’ she said after a pause: ‘and perhaps I may visit the elephants later on. Besides, I do so want to get into the Third Square!’

So with this excuse she ran down the hill and jumped over the first of the six little brooks.

* * * * *

‘Tickets, please!’ said the Guard, putting his head in at the window. In a moment everybody was holding out a ticket: they were about the same size as the people, and quite seemed to fill the carriage.

‘Now then! Show your ticket, child!’ the Guard went on, looking angrily at Alice. And a great many voices all said together (‘like the chorus of a song,’ thought Alice), ‘Don’t keep him waiting, child! Why, his time is worth a thousand pounds a minute!’

‘I’m afraid I haven’t got one,’ Alice said in a frightened tone: ‘there wasn’t a ticket-office where I came from.’ And again the chorus of voices went on. ‘There wasn’t room for one where she came from. The land there is worth a thousand pounds an inch!’

‘Don’t make excuses,’ said the Guard: ‘you should have bought one from the engine-driver.’ And once more the chorus of voices went on with ‘The man that drives the engine. Why, the smoke alone is worth a thousand pounds a puff!’

Alice thought to herself, 'Then there's no use in speaking.' The voices didn't join in this time, as she hadn't spoken, but to her great surprise, they all *thought* in chorus (I hope you understand what *thinking in chorus* means—for I must confess that *I* don't), 'Better say nothing at all. Language is worth a thousand pounds a word!'

'I shall dream about a thousand pounds tonight, I know I shall!' thought Alice.

All this time the Guard was looking at her, first through a telescope, then through a microscope, and then through an opera-glass. At last he said, 'You're travelling the wrong way,' and shut up the window and went away.

'So young a child,' said the gentleman sitting opposite to her (he was dressed in white paper), 'ought to know which way she's going, even if she doesn't know her own name!'

A Goat, that was sitting next to the gentleman in white, shut his eyes and said in a loud voice, 'She ought to know her way to the ticket-office, even if she doesn't know her alphabet!'

There was a Beetle sitting next to the Goat (it was a very queer carriage-full of passengers altogether), and, as the rule seemed to be that they should all speak in turn, *he* went on with 'She'll have to go back from here as luggage!'

Alice couldn't see who was sitting beyond the Beetle, but a hoarse voice spoke next. 'Change engines—' it said, and was obliged to leave off.

'It sounds like a horse,' Alice thought to herself. And an extremely small voice, close to her ear, said, 'You might make a

joke on that—something about “horse” and “hoarse,” you know.’

Then a very gentle voice in the distance said, ‘She must be labelled “Lass, with care,” you know—’

And after that other voices went on (‘What a number of people there are in the carriage!’ thought Alice), saying, ‘She must go by post, as she’s got a head on her—’ ‘She must be sent as a message by the telegraph—’ ‘She must draw the train herself the rest of the way—’ and so on.

But the gentleman dressed in white paper leaned forwards and whispered in her ear, ‘Never mind what they all say, my dear, but take a return-ticket every time the train stops.’

‘Indeed I shan’t!’ Alice said rather impatiently. ‘I don’t belong to this railway journey at all—I was in a wood just now—and I wish I could get back there.’

‘You might make a joke on *that*,’ said the little voice close to her ear: ‘something about “you *would* if you could,” you know.’

‘Don’t tease so,’ said Alice, looking about in vain to see where the voice came from; ‘if you’re so anxious to have a joke made, why don’t you make one yourself?’

The little voice sighed deeply: it was *very* unhappy, evidently, and Alice would have said something pitying to comfort it, ‘If it would only sigh like other people!’ she thought. But this was such a wonderfully small sigh, that she wouldn’t have heard it at all, if it hadn’t come *quite* close to her ear. The consequence of this was that it tickled her ear very much, and quite took off her thoughts from the unhappiness of the poor little creature.

‘I know you are a friend,’ the little voice went on; ‘a dear friend, and an old friend. And you won’t hurt me, though I *am* an insect.’

‘What kind of insect?’ Alice inquired a little anxiously. What she really wanted to know was, whether it could sting or not, but she thought this wouldn’t be quite a civil question to ask.

‘What, then you don’t—’ the little voice began, when it was drowned by a shrill scream from the engine, and everybody jumped up in alarm, Alice among the rest.

The Horse, who had put his head out of the window, quietly drew it in and said, ‘It’s only a brook we have to jump over.’ Everybody seemed satisfied with this, though Alice felt a little nervous at the idea of trains jumping at all. ‘However, it’ll take us into the Fourth Square, that’s some comfort!’ she said to herself. In another moment she felt the carriage rise straight up into the air, and in her fright she caught at the thing nearest to her hand, which happened to be the Goat’s beard.

* * * * *

But the beard seemed to melt away as she touched it, and she found herself sitting quietly under a tree—while the Gnat (for that was the insect she had been talking to) was balancing itself on a twig just over her head, and fanning her with its wings.

It certainly was a *very* large Gnat: ‘about the size of a chicken,’ Alice thought. Still, she couldn’t feel nervous with it, after they had been talking together so long.

‘—then you don’t like all insects?’ the Gnat went on, as quietly as if nothing had happened.

‘I like them when they can talk,’ Alice said. ‘None of them ever talk, where *I* come from.’

‘What sort of insects do you rejoice in, where *you* come from?’ the Gnat inquired.

‘I don’t *rejoice* in insects at all,’ Alice explained, ‘because I’m rather afraid of them—at least the large kinds. But I can tell you the names of some of them.’

‘Of course they answer to their names?’ the Gnat remarked carelessly.

‘I never knew them to do it.’

‘What’s the use of their having names,’ the Gnat said, ‘if they won’t answer to them?’

‘No use to *them*,’ said Alice; ‘but it’s useful to the people who name them, I suppose. If not, why do things have names at all?’

‘I can’t say,’ the Gnat replied. ‘Further on, in the wood down there, they’ve got no names—however, go on with your list of insects: you’re wasting time.’

‘Well, there’s the Horse-fly,’ Alice began, counting off the names on her fingers.

‘All right,’ said the Gnat: ‘half way up that bush, you’ll see a Rocking-horse-fly, if you look. It’s made entirely of wood, and gets about by swinging itself from branch to branch.’

‘What does it live on?’ Alice asked, with great curiosity.

‘Sap and sawdust,’ said the Gnat. ‘Go on with the list.’

Alice looked up at the Rocking-horse-fly with great interest, and made up her mind that it must have been just repainted, it looked so bright and sticky; and then she went on.

‘And there’s the Dragon-fly.’

‘Look on the branch above your head,’ said the Gnat, ‘and there you’ll find a snap-dragon-fly. Its body is made of plum-pudding, its wings of holly-leaves, and its head is a raisin burning in brandy.’

‘And what does it live on?’

‘Frumenty and mince pie,’ the Gnat replied; ‘and it makes its nest in a Christmas box.’

‘And then there’s the Butterfly,’ Alice went on, after she had taken a good look at the insect with its head on fire, and had thought to herself, ‘I wonder if that’s the reason insects are so fond of flying into candles—because they want to turn into Snap-dragon-flies!’

‘Crawling at your feet,’ said the Gnat (Alice drew her feet back in some alarm), ‘you may observe a Bread-and-Butterfly. Its wings are thin slices of Bread-and-butter, its body is a crust, and its head is a lump of sugar.’

‘And what does *it* live on?’

‘Weak tea with cream in it.’

A new difficulty came into Alice’s head. ‘Supposing it couldn’t find any?’ she suggested.

‘Then it would die, of course.’

‘But that must happen very often,’ Alice remarked thoughtfully.

‘It always happens,’ said the Gnat.

After this, Alice was silent for a minute or two, pondering. The Gnat amused itself meanwhile by humming round and round her head: at last it settled again and remarked, ‘I suppose you don’t want to lose your name?’

‘No, indeed,’ Alice said, a little anxiously.

‘And yet I don’t know,’ the Gnat went on in a careless tone: ‘only think how convenient it would be if you could manage to go home without it! For instance, if the governess wanted to call you to your lessons, she would call out “come here—,” and there she would have to leave off, because there wouldn’t be any name for her to call, and of course you wouldn’t have to go, you know.’

‘That would never do, I’m sure,’ said Alice: ‘the governess would never think of excusing me lessons for that. If she couldn’t remember my name, she’d call me “Miss!” as the servants do.’

‘Well, if she said “Miss,” and didn’t say anything more,’ the Gnat remarked, ‘of course you’d miss your lessons. That’s a joke. I wish *you* had made it.’

‘Why do you wish *I* had made it?’ Alice asked. ‘It’s a very bad one.’

But the Gnat only sighed deeply, while two large tears came rolling down its cheeks.

‘You shouldn’t make jokes,’ Alice said, ‘if it makes you so unhappy.’

Then came another of those melancholy little sighs, and this time the poor Gnat really seemed to have sighed itself away, for, when Alice looked up, there was nothing whatever to be seen on the twig, and, as she was getting quite chilly with sitting still so long, she got up and walked on.

She very soon came to an open field, with a wood on the other side of it: it looked much darker than the last wood, and Alice felt a *little* timid about going into it. However, on second thoughts, she made up her mind to go on: ‘for I certainly won’t go *back*,’ she thought to herself, and this was the only way to the Eighth Square.

‘This must be the wood,’ she said thoughtfully to herself, ‘where things have no names. I wonder what’ll become of *my* name when I go in? I shouldn’t like to lose it at all—because they’d have to give me another, and it would be almost certain to be an ugly one. But then the fun would be trying to find the creature that had got my old name! That’s just like the advertisements, you know, when people lose dogs—“*answers to the name of ‘Dash:’ had on a brass collar*”—just fancy calling everything you met “Alice,” till one of them answered! Only they wouldn’t answer at all, if they were wise.’

She was rambling on in this way when she reached the wood: it looked very cool and shady. ‘Well, at any rate it’s a great comfort,’ she said as she stepped under the trees, ‘after being so hot, to get into the—into *what?*’ she went on, rather surprised at not being able to think of the word. ‘I mean to get under the—under the—under *this*, you know!’ putting her hand on the trunk

of the tree. 'What *does* it call itself, I wonder? I do believe it's got no name—why, to be sure it hasn't!'

She stood silent for a minute, thinking: then she suddenly began again. 'Then it really *has* happened, after all! And now, who am I? I *will* remember, if I can! I'm determined to do it!' But being determined didn't help much, and all she could say, after a great deal of puzzling, was, 'L, I *know* it begins with L!'

Just then a Fawn came wandering by: it looked at Alice with its large gentle eyes, but didn't seem at all frightened. 'Here then! Here then!' Alice said, as she held out her hand and tried to stroke it; but it only started back a little, and then stood looking at her again.

'What do you call yourself?' the Fawn said at last. Such a soft sweet voice it had!

'I wish I knew!' thought poor Alice. She answered, rather sadly, 'Nothing, just now.'

'Think again,' it said: 'that won't do.'

Alice thought, but nothing came of it. 'Please, would you tell me what *you* call yourself?' she said timidly. 'I think that might help a little.'

'I'll tell you, if you'll move a little further on,' the Fawn said. 'I can't remember here.'

So they walked on together through the wood, Alice with her arms clasped lovingly round the soft neck of the Fawn, till they came out into another open field, and here the Fawn gave a sudden bound into the air, and shook itself free from Alice's arms. 'I'm a Fawn!' it cried out in a voice of delight, 'and, dear

me! you're a human child!' A sudden look of alarm came into its beautiful brown eyes, and in another moment it had darted away at full speed.

Alice stood looking after it, almost ready to cry with vexation at having lost her dear little fellow-traveller so suddenly.

'However, I know my name now.' she said, 'that's *some* comfort. Alice—Alice—I won't forget it again. And now, which of these finger-posts ought I to follow, I wonder?'

It was not a very difficult question to answer, as there was only one road through the wood, and the two finger-posts both pointed along it. 'I'll settle it,' Alice said to herself, 'when the road divides and they point different ways.'

But this did not seem likely to happen. She went on and on, a long way, but wherever the road divided there were sure to be two finger-posts pointing the same way, one marked 'TO TWEEDLEDUM'S HOUSE' and the other 'TO THE HOUSE OF TWEEDLEDEE.'

'I do believe,' said Alice at last, 'that they live in the same house! I wonder I never thought of that before—But I can't stay there long. I'll just call and say "how d'you do?" and ask them the way out of the wood. If I could only get to the Eighth Square before it gets dark!' So she wandered on, talking to herself as she went, till, on turning a sharp corner, she came upon two fat little men, so suddenly that she could not help starting back, but in another moment she recovered herself, feeling sure that they must be.

CHAPTER IV. TWEEDLEDUM AND TWEEDLEDEE

They were standing under a tree, each with an arm round the other's neck, and Alice knew which was which in a moment, because one of them had 'DUM' embroidered on his collar, and the other 'DEE.' 'I suppose they've each got "TWEEDLE" round at the back of the collar,' she said to herself.

They stood so still that she quite forgot they were alive, and she was just looking round to see if the word "TWEEDLE" was written at the back of each collar, when she was startled by a voice coming from the one marked 'DUM.'

'If you think we're wax-works,' he said, 'you ought to pay, you know. Wax-works weren't made to be looked at for nothing, nohow!'

'Contrariwise,' added the one marked 'DEE,' 'if you think we're alive, you ought to speak.'

'I'm sure I'm very sorry,' was all Alice could say; for the words of the old song kept ringing through her head like the ticking of a clock, and she could hardly help saying them out loud:—

*'Tweedledum and Tweedledee
Agreed to have a battle;
For Tweedledum said Tweedledee
Had spoiled his nice new rattle.'*

*Just then flew down a monstrous crow,
As black as a tar-barrel;
Which frightened both the heroes so,
They quite forgot their quarrel.'*

'I know what you're thinking about,' said Tweedledum: 'but it isn't so, nohow.'

'Contrariwise,' continued Tweedledee, 'if it was so, it might be; and if it were so, it would be; but as it isn't, it ain't. That's logic.'

'I was thinking,' Alice said very politely, 'which is the best way out of this wood: it's getting so dark. Would you tell me, please?'

But the little men only looked at each other and grinned.

They looked so exactly like a couple of great schoolboys, that Alice couldn't help pointing her finger at Tweedledum, and saying 'First Boy!'

'Nohow!' Tweedledum cried out briskly, and shut his mouth up again with a snap.

'Next Boy!' said Alice, passing on to Tweedledee, though she felt quite certain he would only shout out 'Contrariwise!' and so he did.

'You've been wrong!' cried Tweedledum. 'The first thing in a visit is to say "How d'ye do?" and shake hands!' And here the two brothers gave each other a hug, and then they held out the two hands that were free, to shake hands with her.

Alice did not like shaking hands with either of them first, for fear of hurting the other one's feelings; so, as the best way out of

the difficulty, she took hold of both hands at once: the next moment they were dancing round in a ring. This seemed quite natural (she remembered afterwards), and she was not even surprised to hear music playing: it seemed to come from the tree under which they were dancing, and it was done (as well as she could make it out) by the branches rubbing one across the other, like fiddles and fiddle-sticks.

‘But it certainly *was* funny,’ (Alice said afterwards, when she was telling her sister the history of all this,) ‘to find myself singing “*Here we go round the mulberry bush.*” I don’t know when I began it, but somehow I felt as if I’d been singing it a long long time!’

The other two dancers were fat, and very soon out of breath. ‘Four times round is enough for one dance,’ Tweedledum panted out, and they left off dancing as suddenly as they had begun: the music stopped at the same moment.

Then they let go of Alice’s hands, and stood looking at her for a minute: there was a rather awkward pause, as Alice didn’t know how to begin a conversation with people she had just been dancing with. ‘It would never do to say “How d’ye do?” *now*,’ she said to herself: ‘we seem to have got beyond that, somehow!’

‘I hope you’re not much tired?’ she said at last.

‘Nohow. And thank you *very* much for asking,’ said Tweedledum.

‘So *much* obliged!’ added Tweedledee. ‘You like poetry?’

‘Ye-es, pretty well—*some* poetry,’ Alice said doubtfully. ‘Would you tell me which road leads out of the wood?’

‘What shall I repeat to her?’ said Tweedledee, looking round at Tweedledum with great solemn eyes, and not noticing Alice’s question.

“*The Walrus and the Carpenter*” is the longest,’ Tweedledum replied, giving his brother an affectionate hug.

Tweedledee began instantly:

‘The sun was shining—’

Here Alice ventured to interrupt him. ‘If it’s *very* long,’ she said, as politely as she could, ‘would you please tell me first which road—’

Tweedledee smiled gently, and began again:

*‘The sun was shining on the sea,
Shining with all his might:
He did his very best to make
The billows smooth and bright—
And this was odd, because it was
The middle of the night.*

*The moon was shining sulkily,
Because she thought the sun
Had got no business to be there
After the day was done—
“It’s very rude of him,” she said,
“To come and spoil the fun!”*

*The sea was wet as wet could be,
The sands were dry as dry.
You could not see a cloud, because*

No cloud was in the sky:
No birds were flying over head—
There were no birds to fly.

The Walrus and the Carpenter
Were walking close at hand;
They wept like anything to see
Such quantities of sand:
"If this were only cleared away,"
They said, "it would be grand!"

"If seven maids with seven mops
Swept it for half a year,
Do you suppose," the Walrus said,
"That they could get it clear?"
"I doubt it," said the Carpenter,
And shed a bitter tear.

"O Oysters, come and walk with us!"
The Walrus did beseech.
"A pleasant walk, a pleasant talk,
Along the briny beach:
We cannot do with more than four,
To give a hand to each."

The eldest Oyster looked at him.
But never a word he said:
The eldest Oyster winked his eye,
And shook his heavy head—
Meaning to say he did not choose
To leave the oyster-bed.

But four young oysters hurried up,
All eager for the treat:

*Their coats were brushed, their faces
washed,*

*Their shoes were clean and neat—
And this was odd, because, you know,
They hadn't any feet.*

*Four other Oysters followed them,
And yet another four;
And thick and fast they came at last,
And more, and more, and more—
All hopping through the frothy waves,
And scrambling to the shore.*

*The Walrus and the Carpenter
Walked on a mile or so,
And then they rested on a rock
Conveniently low:
And all the little Oysters stood
And waited in a row.*

*"The time has come," the Walrus said,
"To talk of many things:
Of shoes—and ships—and sealing-wax—
Of cabbages—and kings—
And why the sea is boiling hot—
And whether pigs have wings."*

*"But wait a bit," the Oysters cried,
"Before we have our chat;
For some of us are out of breath,
And all of us are fat!"
"No hurry!" said the Carpenter.
They thanked him much for that.*

"A loaf of bread," the Walrus said,
"Is what we chiefly need:
Pepper and vinegar besides
Are very good indeed—
Now if you're ready Oysters dear,
We can begin to feed."

"But not on us!" the Oysters cried,
Turning a little blue,
"After such kindness, that would be
A dismal thing to do!"
"The night is fine," the Walrus said
"Do you admire the view?"

"It was so kind of you to come!
And you are very nice!"
The Carpenter said nothing but
"Cut us another slice:
I wish you were not quite so deaf—
I've had to ask you twice!"

"It seems a shame," the Walrus said,
"To play them such a trick,
After we've brought them out so far,
And made them trot so quick!"
The Carpenter said nothing but
"The butter's spread too thick!"

"I weep for you," the Walrus said.
"I deeply sympathize."
With sobs and tears he sorted out
Those of the largest size.
Holding his pocket handkerchief
Before his streaming eyes.

"O Oysters," said the Carpenter.
"You've had a pleasant run!
Shall we be trotting home again?"
But answer came there none—
And that was scarcely odd, because
They'd eaten every one.'

'I like the Walrus best,' said Alice: 'because you see he was a *little* sorry for the poor oysters.'

'He ate more than the Carpenter, though,' said Tweedledee. 'You see he held his handkerchief in front, so that the Carpenter couldn't count how many he took: contrariwise.'

'That was mean!' Alice said indignantly. 'Then I like the Carpenter best—if he didn't eat so many as the Walrus.'

'But he ate as many as he could get,' said Tweedledum.

This was a puzzler. After a pause, Alice began, 'Well! They were *both* very unpleasant characters—' Here she checked herself in some alarm, at hearing something that sounded to her like the puffing of a large steam-engine in the wood near them, though she feared it was more likely to be a wild beast. 'Are there any lions or tigers about here?' she asked timidly.

'It's only the Red King snoring,' said Tweedledee.

'Come and look at him!' the brothers cried, and they each took one of Alice's hands, and led her up to where the King was sleeping.

'Isn't he a *lovely* sight?' said Tweedledum.

Alice couldn't say honestly that he was. He had a tall red night-cap on, with a tassel, and he was lying crumpled up into a sort of untidy heap, and snoring loud—'fit to snore his head off!' as Tweedledum remarked.

'I'm afraid he'll catch cold with lying on the damp grass,' said Alice, who was a very thoughtful little girl.

'He's dreaming now,' said Tweedledee: 'and what do you think he's dreaming about?'

Alice said 'Nobody can guess that.'

'Why, about *you*!' Tweedledee exclaimed, clapping his hands triumphantly. 'And if he left off dreaming about you, where do you suppose you'd be?'

'Where I am now, of course,' said Alice.

'Not you!' Tweedledee retorted contemptuously. 'You'd be nowhere. Why, you're only a sort of thing in his dream!'

'If that there King was to wake,' added Tweedledum, 'you'd go out—bang!—just like a candle!'

'I shouldn't!' Alice exclaimed indignantly. 'Besides, if *I'm* only a sort of thing in his dream, what are *you*, I should like to know?'

'Ditto' said Tweedledum.

'Ditto, ditto' cried Tweedledee.

He shouted this so loud that Alice couldn't help saying, 'Hush! You'll be waking him, I'm afraid, if you make so much noise.'

'Well, it no use *your* talking about waking him,' said Tweedledum, 'when you're only one of the things in his dream. You know very well you're not real.'

'I *am* real!' said Alice and began to cry.

'You won't make yourself a bit realler by crying,' Tweedledee remarked: 'there's nothing to cry about.'

'If I wasn't real,' Alice said—half-laughing through her tears, it all seemed so ridiculous—'I shouldn't be able to cry.'

'I hope you don't suppose those are real tears?' Tweedledum interrupted in a tone of great contempt.

'I know they're talking nonsense,' Alice thought to herself: 'and it's foolish to cry about it.' So she brushed away her tears, and went on as cheerfully as she could. 'At any rate I'd better be getting out of the wood, for really it's coming on very dark. Do you think it's going to rain?'

Tweedledum spread a large umbrella over himself and his brother, and looked up into it. 'No, I don't think it is,' he said: 'at least—not under *here*. Nohow.'

'But it may rain *outside*?'

'It may—if it chooses,' said Tweedledee: 'we've no objection. Contrariwise.'

'Selfish things!' thought Alice, and she was just going to say 'Good-night' and leave them, when Tweedledum sprang out from under the umbrella and seized her by the wrist.

'Do you see *that*?' he said, in a voice choking with passion, and his eyes grew large and yellow all in a moment, as he pointed with a trembling finger at a small white thing lying under the tree.

'It's only a rattle,' Alice said, after a careful examination of the little white thing. 'Not a rattle-*snake*, you know,' she added

hastily, thinking that he was frightened: 'only an old rattle—quite old and broken.'

'I knew it was!' cried Tweedledum, beginning to stamp about wildly and tear his hair. 'It's spoilt, of course!' Here he looked at Tweedledee, who immediately sat down on the ground, and tried to hide himself under the umbrella.

Alice laid her hand upon his arm, and said in a soothing tone, 'You needn't be so angry about an old rattle.'

'But it isn't old!' Tweedledum cried, in a greater fury than ever. 'It's new, I tell you—I bought it yesterday—my nice new RATTLE!' and his voice rose to a perfect scream.

All this time Tweedledee was trying his best to fold up the umbrella, with himself in it: which was such an extraordinary thing to do, that it quite took off Alice's attention from the angry brother. But he couldn't quite succeed, and it ended in his rolling over, bundled up in the umbrella, with only his head out: and there he lay, opening and shutting his mouth and his large eyes—'looking more like a fish than anything else,' Alice thought.

'Of course you agree to have a battle?' Tweedledum said in a calmer tone.

'I suppose so,' the other sulkily replied, as he crawled out of the umbrella: 'only *she* must help us to dress up, you know.'

So the two brothers went off hand-in-hand into the wood, and returned in a minute with their arms full of things—such as bolsters, blankets, hearth-rugs, table-cloths, dish-covers and coal-scuttles. 'I hope you're a good hand at pinning and tying

strings?’ Tweedledum remarked. ‘Every one of these things has got to go on, somehow or other.’

Alice said afterwards she had never seen such a fuss made about anything in all her life—the way those two bustled about—and the quantity of things they put on—and the trouble they gave her in tying strings and fastening buttons—‘Really they’ll be more like bundles of old clothes than anything else, by the time they’re ready!’ she said to herself, as she arranged a bolster round the neck of Tweedledee, ‘to keep his head from being cut off,’ as he said.

‘You know,’ he added very gravely, ‘it’s one of the most serious things that can possibly happen to one in a battle—to get one’s head cut off.’

Alice laughed aloud: but she managed to turn it into a cough, for fear of hurting his feelings.

‘Do I look very pale?’ said Tweedledum, coming up to have his helmet tied on. (He *called* it a helmet, though it certainly looked much more like a saucepan.)

‘Well—yes—a *little*,’ Alice replied gently.

‘I’m very brave generally,’ he went on in a low voice: ‘only to-day I happen to have a headache.’

‘And *I’ve* got a toothache!’ said Tweedledee, who had overheard the remark. ‘I’m far worse off than you!’

‘Then you’d better not fight to-day,’ said Alice, thinking it a good opportunity to make peace.

‘We *must* have a bit of a fight, but I don’t care about going on long,’ said Tweedledum. ‘What’s the time now?’

Tweedledee looked at his watch, and said 'Half-past four.'

'Let's fight till six, and then have dinner,' said Tweedledum.

'Very well,' the other said, rather sadly: 'and *she* can watch us—only you'd better not come *very* close,' he added: 'I generally hit everything I can see—when I get really excited.'

'And *I* hit everything within reach,' cried Tweedledum, 'whether I can see it or not!'

Alice laughed. 'You must hit the *trees* pretty often, I should think,' she said.

Tweedledum looked round him with a satisfied smile. 'I don't suppose,' he said, 'there'll be a tree left standing, for ever so far round, by the time we've finished!'

'And all about a rattle!' said Alice, still hoping to make them a *little* ashamed of fighting for such a trifle.

'I shouldn't have minded it so much,' said Tweedledum, 'if it hadn't been a new one.'

'I wish the monstrous crow would come!' thought Alice.

'There's only one sword, you know,' Tweedledum said to his brother: 'but you can have the umbrella—it's quite as sharp. Only we must begin quick. It's getting as dark as it can.'

'And darker,' said Tweedledee.

It was getting dark so suddenly that Alice thought there must be a thunderstorm coming on. 'What a thick black cloud that is!' she said. 'And how fast it comes! Why, I do believe it's got wings!'

'It's the crow!' Tweedledum cried out in a shrill voice of alarm: and the two brothers took to their heels and were out of

sight in a moment.

Alice ran a little way into the wood, and stopped under a large tree. 'It can never get at me *here*,' she thought: 'it's far too large to squeeze itself in among the trees. But I wish it wouldn't flap its wings so—it makes quite a hurricane in the wood—here's somebody's shawl being blown away!'

CHAPTER V. WOOL AND WATER

She caught the shawl as she spoke, and looked about for the owner: in another moment the White Queen came running wildly through the wood, with both arms stretched out wide, as if she were flying, and Alice very civilly went to meet her with the shawl.

'I'm very glad I happened to be in the way,' Alice said, as she helped her to put on her shawl again.

The White Queen only looked at her in a helpless frightened sort of way, and kept repeating something in a whisper to herself that sounded like 'bread-and-butter, bread-and-butter,' and Alice felt that if there was to be any conversation at all, she must manage it herself. So she began rather timidly: 'Am I addressing the White Queen?'

'Well, yes, if you call that a-dressing,' The Queen said. 'It isn't *my* notion of the thing, at all.'

Alice thought it would never do to have an argument at the very beginning of their conversation, so she smiled and said, 'If your Majesty will only tell me the right way to begin, I'll do it as well as I can.'

'But I don't want it done at all!' groaned the poor Queen. 'I've been a-dressing myself for the last two hours.'

It would have been all the better, as it seemed to Alice, if she had got some one else to dress her, she was so dreadfully untidy.

‘Every single thing’s crooked,’ Alice thought to herself, ‘and she’s all over pins!—may I put your shawl straight for you?’ she added aloud.

‘I don’t know what’s the matter with it!’ the Queen said, in a melancholy voice. ‘It’s out of temper, I think. I’ve pinned it here, and I’ve pinned it there, but there’s no pleasing it!’

‘It *can’t* go straight, you know, if you pin it all on one side,’ Alice said, as she gently put it right for her; ‘and, dear me, what a state your hair is in!’

‘The brush has got entangled in it!’ the Queen said with a sigh. ‘And I lost the comb yesterday.’

Alice carefully released the brush, and did her best to get the hair into order. ‘Come, you look rather better now!’ she said, after altering most of the pins. ‘But really you should have a lady’s maid!’

‘I’m sure I’ll take you with pleasure!’ the Queen said. ‘Twopence a week, and jam every other day.’

Alice couldn’t help laughing, as she said, ‘I don’t want you to hire *me*—and I don’t care for jam.’

‘It’s very good jam,’ said the Queen.

‘Well, I don’t want any *to-day*, at any rate.’

‘You couldn’t have it if you *did* want it,’ the Queen said. ‘The rule is, jam to-morrow and jam yesterday—but never jam to-day.’

‘It *must* come sometimes to “jam to-day,”’ Alice objected.

‘No, it can’t,’ said the Queen. ‘It’s jam every *other* day: to-day isn’t any *other* day, you know.’

‘I don’t understand you,’ said Alice. ‘It’s dreadfully confusing!’

‘That’s the effect of living backwards,’ the Queen said kindly: ‘it always makes one a little giddy at first—’

‘Living backwards!’ Alice repeated in great astonishment. ‘I never heard of such a thing!’

‘—but there’s one great advantage in it, that one’s memory works both ways.’

‘I’m sure *mine* only works one way,’ Alice remarked. ‘I can’t remember things before they happen.’

‘It’s a poor sort of memory that only works backwards,’ the Queen remarked.

‘What sort of things do *you* remember best?’ Alice ventured to ask.

‘Oh, things that happened the week after next,’ the Queen replied in a careless tone. ‘For instance, now,’ she went on, sticking a large piece of plaster on her finger as she spoke, ‘there’s the King’s Messenger. He’s in prison now, being punished: and the trial doesn’t even begin till next Wednesday: and of course the crime comes last of all.’

‘Suppose he never commits the crime?’ said Alice.

‘That would be all the better, wouldn’t it?’ the Queen said, as she bound the plaster round her finger with a bit of ribbon.

Alice felt there was no denying *that*. ‘Of course it would be all the better,’ she said: ‘but it wouldn’t be all the better his being punished.’

‘You’re wrong *there*, at any rate,’ said the Queen: ‘were *you* ever punished?’

‘Only for faults,’ said Alice.

‘And you were all the better for it, I know!’ the Queen said triumphantly.

‘Yes, but then I *had* done the things I was punished for,’ said Alice: ‘that makes all the difference.’

‘But if you *hadn’t* done them,’ the Queen said, ‘that would have been better still; better, and better, and better!’ Her voice went higher with each ‘better,’ till it got quite to a squeak at last.

Alice was just beginning to say ‘There’s a mistake somewhere —,’ when the Queen began screaming so loud that she had to leave the sentence unfinished. ‘Oh, oh, oh!’ shouted the Queen, shaking her hand about as if she wanted to shake it off. ‘My finger’s bleeding! Oh, oh, oh, oh!’

Her screams were so exactly like the whistle of a steam-engine, that Alice had to hold both her hands over her ears.

‘What *is* the matter?’ she said, as soon as there was a chance of making herself heard. ‘Have you pricked your finger?’

‘I haven’t pricked it *yet*,’ the Queen said, ‘but I soon shall—oh, oh, oh!’

‘When do you expect to do it?’ Alice asked, feeling very much inclined to laugh.

‘When I fasten my shawl again,’ the poor Queen groaned out: ‘the brooch will come undone directly. Oh, oh!’ As she said the words the brooch flew open, and the Queen clutched wildly at it, and tried to clasp it again.

‘Take care!’ cried Alice. ‘You’re holding it all crooked!’ And she caught at the brooch; but it was too late: the pin had slipped, and the Queen had pricked her finger.

‘That accounts for the bleeding, you see,’ she said to Alice with a smile. ‘Now you understand the way things happen here.’

‘But why don’t you scream now?’ Alice asked, holding her hands ready to put over her ears again.

‘Why, I’ve done all the screaming already,’ said the Queen. ‘What would be the good of having it all over again?’

By this time it was getting light. ‘The crow must have flown away, I think,’ said Alice: ‘I’m so glad it’s gone. I thought it was the night coming on.’

‘I wish *I* could manage to be glad!’ the Queen said. ‘Only I never can remember the rule. You must be very happy, living in this wood, and being glad whenever you like!’

‘Only it is so *very* lonely here!’ Alice said in a melancholy voice; and at the thought of her loneliness two large tears came rolling down her cheeks.

‘Oh, don’t go on like that!’ cried the poor Queen, wringing her hands in despair. ‘Consider what a great girl you are. Consider what a long way you’ve come to-day. Consider what o’clock it is. Consider anything, only don’t cry!’

Alice could not help laughing at this, even in the midst of her tears. ‘Can *you* keep from crying by considering things?’ she asked.

‘That’s the way it’s done,’ the Queen said with great decision: ‘nobody can do two things at once, you know. Let’s consider

your age to begin with—how old are you?’

‘I’m seven and a half exactly.’

‘You needn’t say “exactly,”’ the Queen remarked: ‘I can believe it without that. Now I’ll give *you* something to believe. I’m just one hundred and one, five months and a day.’

‘I can’t believe *that!*’ said Alice.

‘Can’t you?’ the Queen said in a pitying tone. ‘Try again: draw a long breath, and shut your eyes.’

Alice laughed. ‘There’s no use trying,’ she said: ‘one *can’t* believe impossible things.’

‘I daresay you haven’t had much practice,’ said the Queen. ‘When I was your age, I always did it for half-an-hour a day. Why, sometimes I’ve believed as many as six impossible things before breakfast. There goes the shawl again!’

The brooch had come undone as she spoke, and a sudden gust of wind blew the Queen’s shawl across a little brook. The Queen spread out her arms again, and went flying after it, and this time she succeeded in catching it for herself. ‘I’ve got it!’ she cried in a triumphant tone. ‘Now you shall see me pin it on again, all by myself!’

‘Then I hope your finger is better now?’ Alice said very politely, as she crossed the little brook after the Queen.

* * * * *

‘Oh, much better!’ cried the Queen, her voice rising to a squeak as she went on. ‘Much be-etter! Be-etter! Be-e-e-etter! Be-e-ehh!’ The last word ended in a long bleat, so like a sheep that Alice quite started.

She looked at the Queen, who seemed to have suddenly wrapped herself up in wool. Alice rubbed her eyes, and looked again. She couldn’t make out what had happened at all. Was she in a shop? And was that really—was it really a *sheep* that was sitting on the other side of the counter? Rub as she could, she could make nothing more of it: she was in a little dark shop, leaning with her elbows on the counter, and opposite to her was an old Sheep, sitting in an arm-chair knitting, and every now and then leaving off to look at her through a great pair of spectacles.

‘What is it you want to buy?’ the Sheep said at last, looking up for a moment from her knitting.

‘I don’t *quite* know yet,’ Alice said, very gently. ‘I should like to look all round me first, if I might.’

‘You may look in front of you, and on both sides, if you like,’ said the Sheep: ‘but you can’t look *all* round you—unless you’ve got eyes at the back of your head.’

But these, as it happened, Alice had *not* got: so she contented herself with turning round, looking at the shelves as she came to them.

The shop seemed to be full of all manner of curious things—but the oddest part of it all was, that whenever she looked hard at any shelf, to make out exactly what it had on it, that particular

shelf was always quite empty: though the others round it were crowded as full as they could hold.

‘Things flow about so here!’ she said at last in a plaintive tone, after she had spent a minute or so in vainly pursuing a large bright thing, that looked sometimes like a doll and sometimes like a work-box, and was always in the shelf next above the one she was looking at. ‘And this one is the most provoking of all—but I’ll tell you what—’ she added, as a sudden thought struck her, ‘I’ll follow it up to the very top shelf of all. It’ll puzzle it to go through the ceiling, I expect!’

But even this plan failed: the ‘thing’ went through the ceiling as quietly as possible, as if it were quite used to it.

‘Are you a child or a teetotum?’ the Sheep said, as she took up another pair of needles. ‘You’ll make me giddy soon, if you go on turning round like that.’ She was now working with fourteen pairs at once, and Alice couldn’t help looking at her in great astonishment.

‘How *can* she knit with so many?’ the puzzled child thought to herself. ‘She gets more and more like a porcupine every minute!’

‘Can you row?’ the Sheep asked, handing her a pair of knitting-needles as she spoke.

‘Yes, a little—but not on land—and not with needles—’ Alice was beginning to say, when suddenly the needles turned into oars in her hands, and she found they were in a little boat, gliding along between banks: so there was nothing for it but to do her best.

‘Feather!’ cried the Sheep, as she took up another pair of needles.

This didn’t sound like a remark that needed any answer, so Alice said nothing, but pulled away. There was something very queer about the water, she thought, as every now and then the oars got fast in it, and would hardly come out again.

‘Feather! Feather!’ the Sheep cried again, taking more needles. ‘You’ll be catching a crab directly.’

‘A dear little crab!’ thought Alice. ‘I should like that.’

‘Didn’t you hear me say “Feather”?’ the Sheep cried angrily, taking up quite a bunch of needles.

‘Indeed I did,’ said Alice: ‘you’ve said it very often—and very loud. Please, where *are* the crabs?’

‘In the water, of course!’ said the Sheep, sticking some of the needles into her hair, as her hands were full. ‘Feather, I say!’

‘*Why* do you say “feather” so often?’ Alice asked at last, rather vexed. ‘I’m not a bird!’

‘You are,’ said the Sheep: ‘you’re a little goose.’

This offended Alice a little, so there was no more conversation for a minute or two, while the boat glided gently on, sometimes among beds of weeds (which made the oars stick fast in the water, worse than ever), and sometimes under trees, but always with the same tall river-banks frowning over their heads.

‘Oh, please! There are some scented rushes!’ Alice cried in a sudden transport of delight. ‘There really are—and *such* beauties!’

‘You needn’t say “please” to *me* about ‘em,’ the Sheep said, without looking up from her knitting: ‘I didn’t put ‘em there, and I’m not going to take ‘em away.’

‘No, but I meant—please, may we wait and pick some?’ Alice pleaded. ‘If you don’t mind stopping the boat for a minute.’

‘How am *I* to stop it?’ said the Sheep. ‘If you leave off rowing, it’ll stop of itself.’

So the boat was left to drift down the stream as it would, till it glided gently in among the waving rushes. And then the little sleeves were carefully rolled up, and the little arms were plunged in elbow-deep to get the rushes a good long way down before breaking them off—and for a while Alice forgot all about the Sheep and the knitting, as she bent over the side of the boat, with just the ends of her tangled hair dipping into the water—while with bright eager eyes she caught at one bunch after another of the darling scented rushes.

‘I only hope the boat won’t tipple over!’ she said to herself. ‘Oh, *what* a lovely one! Only I couldn’t quite reach it.’ ‘And it certainly *did* seem a little provoking (‘almost as if it happened on purpose,’ she thought) that, though she managed to pick plenty of beautiful rushes as the boat glided by, there was always a more lovely one that she couldn’t reach.

‘The prettiest are always further!’ she said at last, with a sigh at the obstinacy of the rushes in growing so far off, as, with flushed cheeks and dripping hair and hands, she scrambled back into her place, and began to arrange her new-found treasures.

What mattered it to her just then that the rushes had begun to fade, and to lose all their scent and beauty, from the very moment that she picked them? Even real scented rushes, you know, last only a very little while—and these, being dream-rushes, melted away almost like snow, as they lay in heaps at her feet—but Alice hardly noticed this, there were so many other curious things to think about.

They hadn't gone much farther before the blade of one of the oars got fast in the water and *wouldn't* come out again (so Alice explained it afterwards), and the consequence was that the handle of it caught her under the chin, and, in spite of a series of little shrieks of 'Oh, oh, oh!' from poor Alice, it swept her straight off the seat, and down among the heap of rushes.

However, she wasn't hurt, and was soon up again: the Sheep went on with her knitting all the while, just as if nothing had happened. 'That was a nice crab you caught!' she remarked, as Alice got back into her place, very much relieved to find herself still in the boat.

'Was it? I didn't see it,' Said Alice, peeping cautiously over the side of the boat into the dark water. 'I wish it hadn't let go—I should so like to see a little crab to take home with me!' But the Sheep only laughed scornfully, and went on with her knitting.

'Are there many crabs here?' said Alice.

'Crabs, and all sorts of things,' said the Sheep: 'plenty of choice, only make up your mind. Now, what *do* you want to buy?'

'To buy!' Alice echoed in a tone that was half astonished and half frightened—for the oars, and the boat, and the river, had

vanished all in a moment, and she was back again in the little dark shop.

‘I should like to buy an egg, please,’ she said timidly. ‘How do you sell them?’

‘Fivepence farthing for one—Twopence for two,’ the Sheep replied.

‘Then two are cheaper than one?’ Alice said in a surprised tone, taking out her purse.

‘Only you *must* eat them both, if you buy two,’ said the Sheep.

‘Then I’ll have *one*, please,’ said Alice, as she put the money down on the counter. For she thought to herself, ‘They mightn’t be at all nice, you know.’

The Sheep took the money, and put it away in a box: then she said ‘I never put things into people’s hands—that would never do—you must get it for yourself.’ And so saying, she went off to the other end of the shop, and set the egg upright on a shelf.

‘I wonder *why* it wouldn’t do?’ thought Alice, as she groped her way among the tables and chairs, for the shop was very dark towards the end. ‘The egg seems to get further away the more I walk towards it. Let me see, is this a chair? Why, it’s got branches, I declare! How very odd to find trees growing here! And actually here’s a little brook! Well, this is the very queerest shop I ever saw!’

* * * * *

So she went on, wondering more and more at every step, as everything turned into a tree the moment she came up to it, and she quite expected the egg to do the same.

CHAPTER VI. HUMPTY DUMPTY

However, the egg only got larger and larger, and more and more human: when she had come within a few yards of it, she saw that it had eyes and a nose and mouth; and when she had come close to it, she saw clearly that it was HUMPTY DUMPTY himself. 'It can't be anybody else!' she said to herself. 'I'm as certain of it, as if his name were written all over his face.'

It might have been written a hundred times, easily, on that enormous face. Humpty Dumpty was sitting with his legs crossed, like a Turk, on the top of a high wall—such a narrow one that Alice quite wondered how he could keep his balance—and, as his eyes were steadily fixed in the opposite direction, and he didn't take the least notice of her, she thought he must be a stuffed figure after all.

'And how exactly like an egg he is!' she said aloud, standing with her hands ready to catch him, for she was every moment expecting him to fall.

'It's *very* provoking,' Humpty Dumpty said after a long silence, looking away from Alice as he spoke, 'to be called an egg—*Very!*'

'I said you *looked* like an egg, Sir,' Alice gently explained. 'And some eggs are very pretty, you know' she added, hoping to turn her remark into a sort of a compliment.

‘Some people,’ said Humpty Dumpty, looking away from her as usual, ‘have no more sense than a baby!’

Alice didn’t know what to say to this: it wasn’t at all like conversation, she thought, as he never said anything to *her*; in fact, his last remark was evidently addressed to a tree—so she stood and softly repeated to herself:—

*‘Humpty Dumpty sat on a wall:
Humpty Dumpty had a great fall.
All the King’s horses and all the King’s
men
Couldn’t put Humpty Dumpty in his place
again.’*

‘That last line is much too long for the poetry,’ she added, almost out loud, forgetting that Humpty Dumpty would hear her.

‘Don’t stand there chattering to yourself like that,’ Humpty Dumpty said, looking at her for the first time, ‘but tell me your name and your business.’

‘My *name* is Alice, but—’

‘It’s a stupid enough name!’ Humpty Dumpty interrupted impatiently. ‘What does it mean?’

‘*Must* a name mean something?’ Alice asked doubtfully.

‘Of course it must,’ Humpty Dumpty said with a short laugh: ‘*my* name means the shape I am—and a good handsome shape it is, too. With a name like yours, you might be any shape, almost.’

‘Why do you sit out here all alone?’ said Alice, not wishing to begin an argument.

‘Why, because there’s nobody with me!’ cried Humpty Dumpty. ‘Did you think I didn’t know the answer to *that*? Ask another.’

‘Don’t you think you’d be safer down on the ground?’ Alice went on, not with any idea of making another riddle, but simply in her good-natured anxiety for the queer creature. ‘That wall is so *very* narrow!’

‘What tremendously easy riddles you ask!’ Humpty Dumpty growled out. ‘Of course I don’t think so! Why, if ever I *did* fall off—which there’s no chance of—but *if* I did—’ Here he pursed his lips and looked so solemn and grand that Alice could hardly help laughing. ‘*If* I did fall,’ he went on, ‘*The King has promised me—with his very own mouth—to—to—*’

‘To send all his horses and all his men,’ Alice interrupted, rather unwisely.

‘Now I declare that’s too bad!’ Humpty Dumpty cried, breaking into a sudden passion. ‘You’ve been listening at doors—and behind trees—and down chimneys—or you couldn’t have known it!’

‘I haven’t, indeed!’ Alice said very gently. ‘It’s in a book.’

‘Ah, well! They may write such things in a *book*,’ Humpty Dumpty said in a calmer tone. ‘That’s what you call a History of England, that is. Now, take a good look at me! I’m one that has spoken to a King, *I* am: mayhap you’ll never see such another: and to show you I’m not proud, you may shake hands with me!’

And he grinned almost from ear to ear, as he leant forwards (and as nearly as possible fell off the wall in doing so) and offered Alice his hand. She watched him a little anxiously as she took it. 'If he smiled much more, the ends of his mouth might meet behind,' she thought: 'and then I don't know what would happen to his head! I'm afraid it would come off!'

'Yes, all his horses and all his men,' Humpty Dumpty went on. 'They'd pick me up again in a minute, *they* would! However, this conversation is going on a little too fast: let's go back to the last remark but one.'

'I'm afraid I can't quite remember it,' Alice said very politely.

'In that case we start fresh,' said Humpty Dumpty, 'and it's my turn to choose a subject—' ('He talks about it just as if it was a game!' thought Alice.) 'So here's a question for you. How old did you say you were?'

Alice made a short calculation, and said 'Seven years and six months.'

'Wrong!' Humpty Dumpty exclaimed triumphantly. 'You never said a word like it!'

'I though you meant "How old *are* you?"' Alice explained.

'If I'd meant that, I'd have said it,' said Humpty Dumpty.

Alice didn't want to begin another argument, so she said nothing.

'Seven years and six months!' Humpty Dumpty repeated thoughtfully. 'An uncomfortable sort of age. Now if you'd asked *my* advice, I'd have said "Leave off at seven"—but it's too late now.'

‘I never ask advice about growing,’ Alice said indignantly.

‘Too proud?’ the other inquired.

Alice felt even more indignant at this suggestion. ‘I mean,’ she said, ‘that one can’t help growing older.’

‘*One* can’t, perhaps,’ said Humpty Dumpty, ‘but *two* can. With proper assistance, you might have left off at seven.’

‘What a beautiful belt you’ve got on!’ Alice suddenly remarked.

(They had had quite enough of the subject of age, she thought: and if they really were to take turns in choosing subjects, it was her turn now.) ‘At least,’ she corrected herself on second thoughts, ‘a beautiful cravat, I should have said—no, a belt, I mean—I beg your pardon!’ she added in dismay, for Humpty Dumpty looked thoroughly offended, and she began to wish she hadn’t chosen that subject. ‘If I only knew,’ she thought to herself, ‘which was neck and which was waist!’

Evidently Humpty Dumpty was very angry, though he said nothing for a minute or two. When he *did* speak again, it was in a deep growl.

‘It is a—*most—provoking—thing*,’ he said at last, ‘when a person doesn’t know a cravat from a belt!’

‘I know it’s very ignorant of me,’ Alice said, in so humble a tone that Humpty Dumpty relented.

‘It’s a cravat, child, and a beautiful one, as you say. It’s a present from the White King and Queen. There now!’

‘Is it really?’ said Alice, quite pleased to find that she *had* chosen a good subject, after all.

‘They gave it me,’ Humpty Dumpty continued thoughtfully, as he crossed one knee over the other and clasped his hands round it, ‘they gave it me—for an un-birthday present.’

‘I beg your pardon?’ Alice said with a puzzled air.

‘I’m not offended,’ said Humpty Dumpty.

‘I mean, what *is* an un-birthday present?’

‘A present given when it isn’t your birthday, of course.’

Alice considered a little. ‘I like birthday presents best,’ she said at last.

‘You don’t know what you’re talking about!’ cried Humpty Dumpty. ‘How many days are there in a year?’

‘Three hundred and sixty-five,’ said Alice.

‘And how many birthdays have you?’

‘One.’

‘And if you take one from three hundred and sixty-five, what remains?’

‘Three hundred and sixty-four, of course.’

Humpty Dumpty looked doubtful. ‘I’d rather see that done on paper,’ he said.

Alice couldn’t help smiling as she took out her memorandum-book, and worked the sum for him:

365

1

Humpty Dumpty took the book, and looked at it carefully. 'That seems to be done right—' he began.

'You're holding it upside down!' Alice interrupted.

'To be sure I was!' Humpty Dumpty said gaily, as she turned it round for him. 'I thought it looked a little queer. As I was saying, that *seems* to be done right—though I haven't time to look it over thoroughly just now—and that shows that there are three hundred and sixty-four days when you might get un-birthday presents—'

'Certainly,' said Alice.

'And only *one* for birthday presents, you know. There's glory for you!'

'I don't know what you mean by "glory,"' Alice said.

Humpty Dumpty smiled contemptuously. 'Of course you don't—till I tell you. I meant "there's a nice knock-down argument for you!"'

'But "glory" doesn't mean "a nice knock-down argument,"' Alice objected.

'When *I* use a word,' Humpty Dumpty said in rather a scornful tone, 'it means just what I choose it to mean—neither more nor less.'

'The question is,' said Alice, 'whether you *can* make words mean so many different things.'

‘The question is,’ said Humpty Dumpty, ‘which is to be master—that’s all.’

Alice was too much puzzled to say anything, so after a minute Humpty Dumpty began again. ‘They’ve a temper, some of them—particularly verbs, they’re the proudest—adjectives you can do anything with, but not verbs—however, *I* can manage the whole lot of them! Impenetrability! That’s what *I* say!’

‘Would you tell me, please,’ said Alice ‘what that means?’

‘Now you talk like a reasonable child,’ said Humpty Dumpty, looking very much pleased. ‘I meant by “impenetrability” that we’ve had enough of that subject, and it would be just as well if you’d mention what you mean to do next, as I suppose you don’t mean to stop here all the rest of your life.’

‘That’s a great deal to make one word mean,’ Alice said in a thoughtful tone.

‘When I make a word do a lot of work like that,’ said Humpty Dumpty, ‘I always pay it extra.’

‘Oh!’ said Alice. She was too much puzzled to make any other remark.

‘Ah, you should see ‘em come round me of a Saturday night,’ Humpty Dumpty went on, wagging his head gravely from side to side: ‘for to get their wages, you know.’

(Alice didn’t venture to ask what he paid them with; and so you see I can’t tell *you*.)

‘You seem very clever at explaining words, Sir,’ said Alice. ‘Would you kindly tell me the meaning of the poem called “Jabberwocky”?’

‘Let’s hear it,’ said Humpty Dumpty. ‘I can explain all the poems that were ever invented—and a good many that haven’t been invented just yet.’

This sounded very hopeful, so Alice repeated the first verse:

*’Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe;
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe.*

‘That’s enough to begin with,’ Humpty Dumpty interrupted: ‘there are plenty of hard words there. “*Brillig*” means four o’clock in the afternoon—the time when you begin *broiling* things for dinner.’

‘That’ll do very well,’ said Alice: ‘and “*slithy*”?’

‘Well, “*slithy*” means “lithe and slimy.” “Lithe” is the same as “active.” You see it’s like a portmanteau—there are two meanings packed up into one word.’

‘I see it now,’ Alice remarked thoughtfully: ‘and what are “*toves*”?’

‘Well, “*toves*” are something like badgers—they’re something like lizards—and they’re something like corkscrews.’

‘They must be very curious looking creatures.’

‘They are that,’ said Humpty Dumpty: ‘also they make their nests under sun-dials—also they live on cheese.’

‘And what’s the “*gyre*” and to “*gimble*”?’

‘To “gyre” is to go round and round like a gyroscope. To “gimble” is to make holes like a gimlet.’

‘And “the wabe” is the grass-plot round a sun-dial, I suppose?’ said Alice, surprised at her own ingenuity.

‘Of course it is. It’s called “wabe,” you know, because it goes a long way before it, and a long way behind it—’

‘And a long way beyond it on each side,’ Alice added.

‘Exactly so. Well, then, “mimsy” is “flimsy and miserable” (there’s another portmanteau for you). And a “borogove” is a thin shabby-looking bird with its feathers sticking out all round—something like a live mop.’

‘And then “mome raths”?’ said Alice. ‘I’m afraid I’m giving you a great deal of trouble.’

‘Well, a “rath” is a sort of green pig: but “mome” I’m not certain about. I think it’s short for “from home”—meaning that they’d lost their way, you know.’

‘And what does “outgrabe” mean?’

‘Well, “outgrabing” is something between bellowing and whistling, with a kind of sneeze in the middle: however, you’ll hear it done, maybe—down in the wood yonder—and when you’ve once heard it you’ll be *quite* content. Who’s been repeating all that hard stuff to you?’

‘I read it in a book,’ said Alice. ‘But I had some poetry repeated to me, much easier than that, by—Tweedledee, I think it was.’

‘As to poetry, you know,’ said Humpty Dumpty, stretching out one of his great hands, ‘I can repeat poetry as well as other folk, if

it comes to that—'

'Oh, it needn't come to that!' Alice hastily said, hoping to keep him from beginning.

'The piece I'm going to repeat,' he went on without noticing her remark, 'was written entirely for your amusement.'

Alice felt that in that case she really *ought* to listen to it, so she sat down, and said 'Thank you' rather sadly.

*'In winter, when the fields are white,
I sing this song for your delight—*

only I don't sing it,' he added, as an explanation.

'I see you don't,' said Alice.

'If you can *see* whether I'm singing or not, you've sharper eyes than most.' Humpty Dumpty remarked severely. Alice was silent.

*'In spring, when woods are getting green,
I'll try and tell you what I mean.'*

'Thank you very much,' said Alice.

*'In summer, when the days are long,
Perhaps you'll understand the song:
In autumn, when the leaves are brown,
Take pen and ink, and write it down.'*

'I will, if I can remember it so long,' said Alice.

'You needn't go on making remarks like that,' Humpty Dumpty said: 'they're not sensible, and they put me out.'

*'I sent a message to the fish:
I told them "This is what I wish."*

*The little fishes of the sea,
They sent an answer back to me.*

*The little fishes' answer was
"We cannot do it, Sir, because—"*

'I'm afraid I don't quite understand,' said Alice.

'It gets easier further on,' Humpty Dumpty replied.

*'I sent to them again to say
"It will be better to obey."*

*The fishes answered with a grin,
"Why, what a temper you are in!"*

*I told them once, I told them twice:
They would not listen to advice.*

*I took a kettle large and new,
Fit for the deed I had to do.*

*My heart went hop, my heart went thump;
I filled the kettle at the pump.*

Then some one came to me and said,

"The little fishes are in bed."

*I said to him, I said it plain,
"Then you must wake them up again."*

*I said it very loud and clear;
I went and shouted in his ear.'*

Humpty Dumpty raised his voice almost to a scream as he repeated this verse, and Alice thought with a shudder, 'I wouldn't have been the messenger for *anything!*'

*'But he was very stiff and proud;
He said "You needn't shout so loud!"*

*And he was very proud and stiff;
He said "I'd go and wake them, if—"*

*I took a corkscrew from the shelf:
I went to wake them up myself.*

*And when I found the door was locked,
I pulled and pushed and kicked and
knocked.*

*And when I found the door was shut,
I tried to turn the handle, but—'*

There was a long pause.

'Is that all?' Alice timidly asked.

'That's all,' said Humpty Dumpty. 'Good-bye.'

This was rather sudden, Alice thought: but, after such a *very* strong hint that she ought to be going, she felt that it would hardly be civil to stay. So she got up, and held out her hand. ‘Good-bye, till we meet again!’ she said as cheerfully as she could.

‘I shouldn’t know you again if we *did* meet,’ Humpty Dumpty replied in a discontented tone, giving her one of his fingers to shake; ‘you’re so exactly like other people.’

‘The face is what one goes by, generally,’ Alice remarked in a thoughtful tone.

‘That’s just what I complain of,’ said Humpty Dumpty. ‘Your face is the same as everybody has—the two eyes, so—’ (marking their places in the air with this thumb) ‘nose in the middle, mouth under. It’s always the same. Now if you had the two eyes on the same side of the nose, for instance—or the mouth at the top—that would be *some* help.’

‘It wouldn’t look nice,’ Alice objected. But Humpty Dumpty only shut his eyes and said ‘Wait till you’ve tried.’

Alice waited a minute to see if he would speak again, but as he never opened his eyes or took any further notice of her, she said ‘Good-bye!’ once more, and, getting no answer to this, she quietly walked away: but she couldn’t help saying to herself as she went, ‘Of all the unsatisfactory—’ (she repeated this aloud, as it was a great comfort to have such a long word to say) ‘of all the unsatisfactory people I *ever* met—’ She never finished the sentence, for at this moment a heavy crash shook the forest from end to end.

CHAPTER VII. THE LION AND THE UNICORN

The next moment soldiers came running through the wood, at first in twos and threes, then ten or twenty together, and at last in such crowds that they seemed to fill the whole forest. Alice got behind a tree, for fear of being run over, and watched them go by.

She thought that in all her life she had never seen soldiers so uncertain on their feet: they were always tripping over something or other, and whenever one went down, several more always fell over him, so that the ground was soon covered with little heaps of men.

Then came the horses. Having four feet, these managed rather better than the foot-soldiers: but even *they* stumbled now and then; and it seemed to be a regular rule that, whenever a horse stumbled the rider fell off instantly. The confusion got worse every moment, and Alice was very glad to get out of the wood into an open place, where she found the White King seated on the ground, busily writing in his memorandum-book.

‘I’ve sent them all!’ the King cried in a tone of delight, on seeing Alice. ‘Did you happen to meet any soldiers, my dear, as you came through the wood?’

‘Yes, I did,’ said Alice: ‘several thousand, I should think.’

‘Four thousand two hundred and seven, that’s the exact number,’ the King said, referring to his book. ‘I couldn’t send all the horses, you know, because two of them are wanted in the game. And I haven’t sent the two Messengers, either. They’re both gone to the town. Just look along the road, and tell me if you can see either of them.’

‘I see nobody on the road,’ said Alice.

‘I only wish *I* had such eyes,’ the King remarked in a fretful tone. ‘To be able to see Nobody! And at that distance, too! Why, it’s as much as *I* can do to see real people, by this light!’

All this was lost on Alice, who was still looking intently along the road, shading her eyes with one hand. ‘I see somebody now!’ she exclaimed at last. ‘But he’s coming very slowly—and what curious attitudes he goes into!’ (For the messenger kept skipping up and down, and wriggling like an eel, as he came along, with his great hands spread out like fans on each side.)

‘Not at all,’ said the King. ‘He’s an Anglo-Saxon Messenger—and those are Anglo-Saxon attitudes. He only does them when he’s happy. His name is Haigha.’ (He pronounced it so as to rhyme with ‘mayor.’)

‘I love my love with an H,’ Alice couldn’t help beginning, ‘because he is Happy. I hate him with an H, because he is Hideous. I fed him with—with—with Ham-sandwiches and Hay. His name is Haigha, and he lives—’

‘He lives on the Hill,’ the King remarked simply, without the least idea that he was joining in the game, while Alice was still hesitating for the name of a town beginning with H. ‘The other

Messenger's called Hatta. I must have *two*, you know—to come and go. One to come, and one to go.'

'I beg your pardon?' said Alice.

'It isn't respectable to beg,' said the King.

'I only meant that I didn't understand,' said Alice. 'Why one to come and one to go?'

'Didn't I tell you?' the King repeated impatiently. 'I must have *two*—to fetch and carry. One to fetch, and one to carry.'

At this moment the Messenger arrived: he was far too much out of breath to say a word, and could only wave his hands about, and make the most fearful faces at the poor King.

'This young lady loves you with an H,' the King said, introducing Alice in the hope of turning off the Messenger's attention from himself—but it was no use—the Anglo-Saxon attitudes only got more extraordinary every moment, while the great eyes rolled wildly from side to side.

'You alarm me!' said the King. 'I feel faint—Give me a ham sandwich!'

On which the Messenger, to Alice's great amusement, opened a bag that hung round his neck, and handed a sandwich to the King, who devoured it greedily.

'Another sandwich!' said the King.

'There's nothing but hay left now,' the Messenger said, peeping into the bag.

'Hay, then,' the King murmured in a faint whisper.

Alice was glad to see that it revived him a good deal. 'There's nothing like eating hay when you're faint,' he remarked to her, as he munched away.

'I should think throwing cold water over you would be better,' Alice suggested: 'or some sal-volatile.'

'I didn't say there was nothing *better*,' the King replied. 'I said there was nothing *like* it.' Which Alice did not venture to deny.

'Who did you pass on the road?' the King went on, holding out his hand to the Messenger for some more hay.

'Nobody,' said the Messenger.

'Quite right,' said the King: 'this young lady saw him too. So of course Nobody walks slower than you.'

'I do my best,' the Messenger said in a sulky tone. 'I'm sure nobody walks much faster than I do!'

'He can't do that,' said the King, 'or else he'd have been here first. However, now you've got your breath, you may tell us what's happened in the town.'

'I'll whisper it,' said the Messenger, putting his hands to his mouth in the shape of a trumpet, and stooping so as to get close to the King's ear. Alice was sorry for this, as she wanted to hear the news too. However, instead of whispering, he simply shouted at the top of his voice 'They're at it again!'

'Do you call *that* a whisper?' cried the poor King, jumping up and shaking himself. 'If you do such a thing again, I'll have you buttered! It went through and through my head like an earthquake!'

'It would have to be a very tiny earthquake!' thought Alice. 'Who are at it again?' she ventured to ask.

'Why the Lion and the Unicorn, of course,' said the King.

'Fighting for the crown?'

'Yes, to be sure,' said the King: 'and the best of the joke is, that it's *my* crown all the while! Let's run and see them.' And they trotted off, Alice repeating to herself, as she ran, the words of the old song:—

'The Lion and the Unicorn were fighting for the crown:

The Lion beat the Unicorn all round the town.

Some gave them white bread, some gave them brown;

Some gave them plum-cake and drummed them out of town.'

'Does—the one—that wins—get the crown?' she asked, as well as she could, for the run was putting her quite out of breath.

'Dear me, no!' said the King. 'What an idea!'

'Would you—be good enough,' Alice panted out, after running a little further, 'to stop a minute—just to get—one's breath again?'

'I'm *good* enough,' the King said, 'only I'm not strong enough. You see, a minute goes by so fearfully quick. You might as well try to stop a Bandersnatch!'

Alice had no more breath for talking, so they trotted on in silence, till they came in sight of a great crowd, in the middle of which the Lion and Unicorn were fighting. They were in such a cloud of dust, that at first Alice could not make out which was which: but she soon managed to distinguish the Unicorn by his horn.

They placed themselves close to where Hatta, the other messenger, was standing watching the fight, with a cup of tea in one hand and a piece of bread-and-butter in the other.

‘He’s only just out of prison, and he hadn’t finished his tea when he was sent in,’ Haigha whispered to Alice: ‘and they only give them oyster-shells in there—so you see he’s very hungry and thirsty. How are you, dear child?’ he went on, putting his arm affectionately round Hatta’s neck.

Hatta looked round and nodded, and went on with his bread and butter.

‘Were you happy in prison, dear child?’ said Haigha.

Hatta looked round once more, and this time a tear or two trickled down his cheek: but not a word would he say.

‘Speak, can’t you!’ Haigha cried impatiently. But Hatta only munched away, and drank some more tea.

‘Speak, won’t you!’ cried the King. ‘How are they getting on with the fight?’

Hatta made a desperate effort, and swallowed a large piece of bread-and-butter. ‘They’re getting on very well,’ he said in a choking voice: ‘each of them has been down about eighty-seven times.’

‘Then I suppose they’ll soon bring the white bread and the brown?’ Alice ventured to remark.

‘It’s waiting for ‘em now,’ said Hatta: ‘this is a bit of it as I’m eating.’

There was a pause in the fight just then, and the Lion and the Unicorn sat down, panting, while the King called out ‘Ten minutes allowed for refreshments!’ Haigha and Hatta set to work at once, carrying rough trays of white and brown bread. Alice took a piece to taste, but it was *very* dry.

‘I don’t think they’ll fight any more to-day,’ the King said to Hatta: ‘go and order the drums to begin.’ And Hatta went bounding away like a grasshopper.

For a minute or two Alice stood silent, watching him. Suddenly she brightened up. ‘Look, look!’ she cried, pointing eagerly. ‘There’s the White Queen running across the country! She came flying out of the wood over yonder—How fast those Queens *can* run!’

‘There’s some enemy after her, no doubt,’ the King said, without even looking round. ‘That wood’s full of them.’

‘But aren’t you going to run and help her?’ Alice asked, very much surprised at his taking it so quietly.

‘No use, no use!’ said the King. ‘She runs so fearfully quick. You might as well try to catch a Bandersnatch! But I’ll make a memorandum about her, if you like—She’s a dear good creature,’ he repeated softly to himself, as he opened his memorandum-book. ‘Do you spell “creature” with a double “e”?’

At this moment the Unicorn sauntered by them, with his hands in his pockets. 'I had the best of it this time?' he said to the King, just glancing at him as he passed.

'A little—a little,' the King replied, rather nervously. 'You shouldn't have run him through with your horn, you know.'

'It didn't hurt him,' the Unicorn said carelessly, and he was going on, when his eye happened to fall upon Alice: he turned round rather instantly, and stood for some time looking at her with an air of the deepest disgust.

'What—is—this?' he said at last.

'This is a child!' Haigha replied eagerly, coming in front of Alice to introduce her, and spreading out both his hands towards her in an Anglo-Saxon attitude. 'We only found it to-day. It's as large as life, and twice as natural!'

'I always thought they were fabulous monsters!' said the Unicorn. 'Is it alive?'

'It can talk,' said Haigha, solemnly.

The Unicorn looked dreamily at Alice, and said 'Talk, child.'

Alice could not help her lips curling up into a smile as she began: 'Do you know, I always thought Unicorns were fabulous monsters, too! I never saw one alive before!'

'Well, now that we *have* seen each other,' said the Unicorn, 'if you'll believe in me, I'll believe in you. Is that a bargain?'

'Yes, if you like,' said Alice.

'Come, fetch out the plum-cake, old man!' the Unicorn went on, turning from her to the King. 'None of your brown bread for

me!’

‘Certainly—certainly!’ the King muttered, and beckoned to Haigha. ‘Open the bag!’ he whispered. ‘Quick! Not that one—that’s full of hay!’

Haigha took a large cake out of the bag, and gave it to Alice to hold, while he got out a dish and carving-knife. How they all came out of it Alice couldn’t guess. It was just like a conjuring-trick, she thought.

The Lion had joined them while this was going on: he looked very tired and sleepy, and his eyes were half shut. ‘What’s this!’ he said, blinking lazily at Alice, and speaking in a deep hollow tone that sounded like the tolling of a great bell.

‘Ah, what *is* it, now?’ the Unicorn cried eagerly. ‘You’ll never guess! *I* couldn’t.’

The Lion looked at Alice wearily. ‘Are you animal—vegetable—or mineral?’ he said, yawning at every other word.

‘It’s a fabulous monster!’ the Unicorn cried out, before Alice could reply.

‘Then hand round the plum-cake, Monster,’ the Lion said, lying down and putting his chin on his paws. ‘And sit down, both of you,’ (to the King and the Unicorn): ‘fair play with the cake, you know!’

The King was evidently very uncomfortable at having to sit down between the two great creatures; but there was no other place for him.

‘What a fight we might have for the crown, *now!*’ the Unicorn said, looking slyly up at the crown, which the poor King was

nearly shaking off his head, he trembled so much.

‘I should win easy,’ said the Lion.

‘I’m not so sure of that,’ said the Unicorn.

‘Why, I beat you all round the town, you chicken!’ the Lion replied angrily, half getting up as he spoke.

Here the King interrupted, to prevent the quarrel going on: he was very nervous, and his voice quite quivered. ‘All round the town?’ he said. ‘That’s a good long way. Did you go by the old bridge, or the market-place? You get the best view by the old bridge.’

‘I’m sure I don’t know,’ the Lion growled out as he lay down again. ‘There was too much dust to see anything. What a time the Monster is, cutting up that cake!’

Alice had seated herself on the bank of a little brook, with the great dish on her knees, and was sawing away diligently with the knife. ‘It’s very provoking!’ she said, in reply to the Lion (she was getting quite used to being called ‘the Monster’). ‘I’ve cut several slices already, but they always join on again!’

‘You don’t know how to manage Looking-glass cakes,’ the Unicorn remarked. ‘Hand it round first, and cut it afterwards.’

This sounded nonsense, but Alice very obediently got up, and carried the dish round, and the cake divided itself into three pieces as she did so. ‘*Now* cut it up,’ said the Lion, as she returned to her place with the empty dish.

‘I say, this isn’t fair!’ cried the Unicorn, as Alice sat with the knife in her hand, very much puzzled how to begin. ‘The Monster has given the Lion twice as much as me!’

‘She’s kept none for herself, anyhow,’ said the Lion. ‘Do you like plum-cake, Monster?’

But before Alice could answer him, the drums began.

Where the noise came from, she couldn’t make out: the air seemed full of it, and it rang through and through her head till she felt quite deafened. She started to her feet and sprang across the little brook in her terror,

* * * * * * *
* * * * * * *
* * * * * * *

and had just time to see the Lion and the Unicorn rise to their feet, with angry looks at being interrupted in their feast, before she dropped to her knees, and put her hands over her ears, vainly trying to shut out the dreadful uproar.

‘If *that* doesn’t “drum them out of town,” she thought to herself, ‘nothing ever will!’

CHAPTER VIII. 'IT'S MY OWN INVENTION'

After a while the noise seemed gradually to die away, till all was dead silence, and Alice lifted up her head in some alarm. There was no one to be seen, and her first thought was that she must have been dreaming about the Lion and the Unicorn and those queer Anglo-Saxon Messengers. However, there was the great dish still lying at her feet, on which she had tried to cut the plum-cake, 'So I wasn't dreaming, after all,' she said to herself, 'unless—unless we're all part of the same dream. Only I do hope it's *my* dream, and not the Red King's! I don't like belonging to another person's dream,' she went on in a rather complaining tone: 'I've a great mind to go and wake him, and see what happens!'

At this moment her thoughts were interrupted by a loud shouting of 'Ahoy! Ahoy! Check!' and a Knight dressed in crimson armour came galloping down upon her, brandishing a great club. Just as he reached her, the horse stopped suddenly: 'You're my prisoner!' the Knight cried, as he tumbled off his horse.

Startled as she was, Alice was more frightened for him than for herself at the moment, and watched him with some anxiety as he mounted again. As soon as he was comfortably in the saddle, he began once more 'You're my—' but here another voice

broke in 'Ahoy! Ahoy! Check!' and Alice looked round in some surprise for the new enemy.

This time it was a White Knight. He drew up at Alice's side, and tumbled off his horse just as the Red Knight had done: then he got on again, and the two Knights sat and looked at each other for some time without speaking. Alice looked from one to the other in some bewilderment.

'She's *my* prisoner, you know!' the Red Knight said at last.

'Yes, but then *I* came and rescued her!' the White Knight replied.

'Well, we must fight for her, then,' said the Red Knight, as he took up his helmet (which hung from the saddle, and was something the shape of a horse's head), and put it on.

'You will observe the Rules of Battle, of course?' the White Knight remarked, putting on his helmet too.

'I always do,' said the Red Knight, and they began banging away at each other with such fury that Alice got behind a tree to be out of the way of the blows.

'I wonder, now, what the Rules of Battle are,' she said to herself, as she watched the fight, timidly peeping out from her hiding-place: 'one Rule seems to be, that if one Knight hits the other, he knocks him off his horse, and if he misses, he tumbles off himself—and another Rule seems to be that they hold their clubs with their arms, as if they were Punch and Judy—What a noise they make when they tumble! Just like a whole set of fire-irons falling into the fender! And how quiet the horses are! They let them get on and off them just as if they were tables!'

Another Rule of Battle, that Alice had not noticed, seemed to be that they always fell on their heads, and the battle ended with their both falling off in this way, side by side: when they got up again, they shook hands, and then the Red Knight mounted and galloped off.

‘It was a glorious victory, wasn’t it?’ said the White Knight, as he came up panting.

‘I don’t know,’ Alice said doubtfully. ‘I don’t want to be anybody’s prisoner. I want to be a Queen.’

‘So you will, when you’ve crossed the next brook,’ said the White Knight. ‘I’ll see you safe to the end of the wood—and then I must go back, you know. That’s the end of my move.’

‘Thank you very much,’ said Alice. ‘May I help you off with your helmet?’ It was evidently more than he could manage by himself; however, she managed to shake him out of it at last.

‘Now one can breathe more easily,’ said the Knight, putting back his shaggy hair with both hands, and turning his gentle face and large mild eyes to Alice. She thought she had never seen such a strange-looking soldier in all her life.

He was dressed in tin armour, which seemed to fit him very badly, and he had a queer-shaped little deal box fastened across his shoulder, upside-down, and with the lid hanging open. Alice looked at it with great curiosity.

‘I see you’re admiring my little box,’ the Knight said in a friendly tone. ‘It’s my own invention—to keep clothes and sandwiches in. You see I carry it upside-down, so that the rain can’t get in.’

‘But the things can get *out*,’ Alice gently remarked. ‘Do you know the lid’s open?’

‘I didn’t know it,’ the Knight said, a shade of vexation passing over his face. ‘Then all the things must have fallen out! And the box is no use without them.’ He unfastened it as he spoke, and was just going to throw it into the bushes, when a sudden thought seemed to strike him, and he hung it carefully on a tree. ‘Can you guess why I did that?’ he said to Alice.

Alice shook her head.

‘In hopes some bees may make a nest in it—then I should get the honey.’

‘But you’ve got a bee-hive—or something like one—fastened to the saddle,’ said Alice.

‘Yes, it’s a very good bee-hive,’ the Knight said in a discontented tone, ‘one of the best kind. But not a single bee has come near it yet. And the other thing is a mouse-trap. I suppose the mice keep the bees out—or the bees keep the mice out, I don’t know which.’

‘I was wondering what the mouse-trap was for,’ said Alice. ‘It isn’t very likely there would be any mice on the horse’s back.’

‘Not very likely, perhaps,’ said the Knight: ‘but if they *do* come, I don’t choose to have them running all about.’

‘You see,’ he went on after a pause, ‘it’s as well to be provided for *everything*. That’s the reason the horse has all those anklets round his feet.’

‘But what are they for?’ Alice asked in a tone of great curiosity.

‘To guard against the bites of sharks,’ the Knight replied. ‘It’s an invention of my own. And now help me on. I’ll go with you to the end of the wood—What’s the dish for?’

‘It’s meant for plum-cake,’ said Alice.

‘We’d better take it with us,’ the Knight said. ‘It’ll come in handy if we find any plum-cake. Help me to get it into this bag.’

This took a very long time to manage, though Alice held the bag open very carefully, because the Knight was so *very* awkward in putting in the dish: the first two or three times that he tried he fell in himself instead. ‘It’s rather a tight fit, you see,’ he said, as they got it in at last; ‘There are so many candlesticks in the bag.’ And he hung it to the saddle, which was already loaded with bunches of carrots, and fire-irons, and many other things.

‘I hope you’ve got your hair well fastened on?’ he continued, as they set off.

‘Only in the usual way,’ Alice said, smiling.

‘That’s hardly enough,’ he said, anxiously. ‘You see the wind is so *very* strong here. It’s as strong as soup.’

‘Have you invented a plan for keeping the hair from being blown off?’ Alice enquired.

‘Not yet,’ said the Knight. ‘But I’ve got a plan for keeping it from *falling* off.’

‘I should like to hear it, very much.’

‘First you take an upright stick,’ said the Knight. ‘Then you make your hair creep up it, like a fruit-tree. Now the reason hair falls off is because it hangs *down*—things never fall *upwards*, you know. It’s a plan of my own invention. You may try it if you like.’

It didn't sound a comfortable plan, Alice thought, and for a few minutes she walked on in silence, puzzling over the idea, and every now and then stopping to help the poor Knight, who certainly was *not* a good rider.

Whenever the horse stopped (which it did very often), he fell off in front; and whenever it went on again (which it generally did rather suddenly), he fell off behind. Otherwise he kept on pretty well, except that he had a habit of now and then falling off sideways; and as he generally did this on the side on which Alice was walking, she soon found that it was the best plan not to walk *quite* close to the horse.

'I'm afraid you've not had much practice in riding,' she ventured to say, as she was helping him up from his fifth tumble.

The Knight looked very much surprised, and a little offended at the remark. 'What makes you say that?' he asked, as he scrambled back into the saddle, keeping hold of Alice's hair with one hand, to save himself from falling over on the other side.

'Because people don't fall off quite so often, when they've had much practice.'

'I've had plenty of practice,' the Knight said very gravely: 'plenty of practice!'

Alice could think of nothing better to say than 'Indeed?' but she said it as heartily as she could. They went on a little way in silence after this, the Knight with his eyes shut, muttering to himself, and Alice watching anxiously for the next tumble.

'The great art of riding,' the Knight suddenly began in a loud voice, waving his right arm as he spoke, 'is to keep—' Here the

sentence ended as suddenly as it had begun, as the Knight fell heavily on the top of his head exactly in the path where Alice was walking. She was quite frightened this time, and said in an anxious tone, as she picked him up, 'I hope no bones are broken?'

'None to speak of,' the Knight said, as if he didn't mind breaking two or three of them. 'The great art of riding, as I was saying, is—to keep your balance properly. Like this, you know—'

He let go the bridle, and stretched out both his arms to show Alice what he meant, and this time he fell flat on his back, right under the horse's feet.

'Plenty of practice!' he went on repeating, all the time that Alice was getting him on his feet again. 'Plenty of practice!'

'It's too ridiculous!' cried Alice, losing all her patience this time. 'You ought to have a wooden horse on wheels, that you ought!'

'Does that kind go smoothly?' the Knight asked in a tone of great interest, clasping his arms round the horse's neck as he spoke, just in time to save himself from tumbling off again.

'Much more smoothly than a live horse,' Alice said, with a little scream of laughter, in spite of all she could do to prevent it.

'I'll get one,' the Knight said thoughtfully to himself. 'One or two—several.'

There was a short silence after this, and then the Knight went on again. 'I'm a great hand at inventing things. Now, I daresay you noticed, that last time you picked me up, that I was looking rather thoughtful?'

'You *were* a little grave,' said Alice.

‘Well, just then I was inventing a new way of getting over a gate—would you like to hear it?’

‘Very much indeed,’ Alice said politely.

‘I’ll tell you how I came to think of it,’ said the Knight. ‘You see, I said to myself, “The only difficulty is with the feet: the *head* is high enough already.” Now, first I put my head on the top of the gate—then I stand on my head—then the feet are high enough, you see—then I’m over, you see.’

‘Yes, I suppose you’d be over when that was done,’ Alice said thoughtfully: ‘but don’t you think it would be rather hard?’

‘I haven’t tried it yet,’ the Knight said, gravely: ‘so I can’t tell for certain—but I’m afraid it *would* be a little hard.’

He looked so vexed at the idea, that Alice changed the subject hastily. ‘What a curious helmet you’ve got!’ she said cheerfully. ‘Is that your invention too?’

The Knight looked down proudly at his helmet, which hung from the saddle. ‘Yes,’ he said, ‘but I’ve invented a better one than that—like a sugar loaf. When I used to wear it, if I fell off the horse, it always touched the ground directly. So I had a *very* little way to fall, you see—But there *was* the danger of falling *into* it, to be sure. That happened to me once—and the worst of it was, before I could get out again, the other White Knight came and put it on. He thought it was his own helmet.’

The knight looked so solemn about it that Alice did not dare to laugh. ‘I’m afraid you must have hurt him,’ she said in a trembling voice, ‘being on the top of his head.’

‘I had to kick him, of course,’ the Knight said, very seriously. ‘And then he took the helmet off again—but it took hours and hours to get me out. I was as fast as—as lightning, you know.’

‘But that’s a different kind of fastness,’ Alice objected.

The Knight shook his head. ‘It was all kinds of fastness with me, I can assure you!’ he said. He raised his hands in some excitement as he said this, and instantly rolled out of the saddle, and fell headlong into a deep ditch.

Alice ran to the side of the ditch to look for him. She was rather startled by the fall, as for some time he had kept on very well, and she was afraid that he really *was* hurt this time. However, though she could see nothing but the soles of his feet, she was much relieved to hear that he was talking on in his usual tone. ‘All kinds of fastness,’ he repeated: ‘but it was careless of him to put another man’s helmet on—with the man in it, too.’

‘How *can* you go on talking so quietly, head downwards?’ Alice asked, as she dragged him out by the feet, and laid him in a heap on the bank.

The Knight looked surprised at the question. ‘What does it matter where my body happens to be?’ he said. ‘My mind goes on working all the same. In fact, the more head downwards I am, the more I keep inventing new things.’

‘Now the cleverest thing of the sort that I ever did,’ he went on after a pause, ‘was inventing a new pudding during the meat-course.’

‘In time to have it cooked for the next course?’ said Alice. ‘Well, not the *next* course,’ the Knight said in a slow thoughtful

tone: 'no, certainly not the next *course*.'

'Then it would have to be the next day. I suppose you wouldn't have two pudding-courses in one dinner?'

'Well, not the *next* day,' the Knight repeated as before: 'not the next *day*. In fact,' he went on, holding his head down, and his voice getting lower and lower, 'I don't believe that pudding ever *was* cooked! In fact, I don't believe that pudding ever *will* be cooked! And yet it was a very clever pudding to invent.'

'What did you mean it to be made of?' Alice asked, hoping to cheer him up, for the poor Knight seemed quite low-spirited about it.

'It began with blotting paper,' the Knight answered with a groan.

'That wouldn't be very nice, I'm afraid—'

'Not very nice *alone*,' he interrupted, quite eagerly: 'but you've no idea what a difference it makes mixing it with other things—such as gunpowder and sealing-wax. And here I must leave you.' They had just come to the end of the wood.

Alice could only look puzzled: she was thinking of the pudding.

'You are sad,' the Knight said in an anxious tone: 'let me sing you a song to comfort you.'

'Is it very long?' Alice asked, for she had heard a good deal of poetry that day.

'It's long,' said the Knight, 'but very, *very* beautiful. Everybody that hears me sing it—either it brings the *tears* into their eyes, or else—'

‘Or else what?’ said Alice, for the Knight had made a sudden pause.

‘Or else it doesn’t, you know. The name of the song is called “*Haddocks’ Eyes*.”’

‘Oh, that’s the name of the song, is it?’ Alice said, trying to feel interested.

‘No, you don’t understand,’ the Knight said, looking a little vexed. ‘That’s what the name is *called*. The name really is “*The Aged Aged Man*.”’

‘Then I ought to have said “That’s what the *song* is called”?’ Alice corrected herself.

‘No, you oughtn’t: that’s quite another thing! The *song* is called “*Ways and Means*”: but that’s only what it’s *called*, you know!’

‘Well, what *is* the song, then?’ said Alice, who was by this time completely bewildered.

‘I was coming to that,’ the Knight said. ‘The song really is “*Asitting On A Gate*”: and the tune’s my own invention.’

So saying, he stopped his horse and let the reins fall on its neck: then, slowly beating time with one hand, and with a faint smile lighting up his gentle foolish face, as if he enjoyed the music of his song, he began.

Of all the strange things that Alice saw in her journey Through The Looking-Glass, this was the one that she always remembered most clearly. Years afterwards she could bring the whole scene back again, as if it had been only yesterday—the mild blue eyes and kindly smile of the Knight—the setting sun

gleaming through his hair, and shining on his armour in a blaze of light that quite dazzled her—the horse quietly moving about, with the reins hanging loose on his neck, cropping the grass at her feet—and the black shadows of the forest behind—all this she took in like a picture, as, with one hand shading her eyes, she leant against a tree, watching the strange pair, and listening, in a half dream, to the melancholy music of the song.

‘But the tune *isn't* his own invention,’ she said to herself: ‘it’s “*I give thee all, I can no more.*”’ She stood and listened very attentively, but no tears came into her eyes.

*‘I’ll tell thee everything I can;
There’s little to relate.
I saw an aged aged man,
A-sitting on a gate.
“Who are you, aged man?” I said,
“and how is it you live?”
And his answer trickled through my head
Like water through a sieve.*

*He said “I look for butterflies
That sleep among the wheat:
I make them into mutton-pies,
And sell them in the street.
I sell them unto men,” he said,
“Who sail on stormy seas;
And that’s the way I get my bread—
A trifle, if you please.”*

*But I was thinking of a plan
To dye one’s whiskers green,*

And always use so large a fan
That they could not be seen.
So, having no reply to give
To what the old man said,
I cried, "Come, tell me how you live!"
And thumped him on the head.

His accents mild took up the tale:
He said "I go my ways,
And when I find a mountain-rill,
I set it in a blaze;
And thence they make a stuff they call
Rolands' Macassar Oil—
Yet twopence-halfpenny is all
They give me for my toil."

But I was thinking of a way
To feed oneself on batter,
And so go on from day to day
Getting a little fatter.
I shook him well from side to side,
Until his face was blue:
"Come, tell me how you live," I cried,
"And what it is you do!"

He said "I hunt for haddocks' eyes
Among the heather bright,
And work them into waistcoat-buttons
In the silent night.
And these I do not sell for gold
Or coin of silvery shine
But for a copper halfpenny,
And that will purchase nine.

*"I sometimes dig for buttered rolls,
Or set limed twigs for crabs;
I sometimes search the grassy knolls
For wheels of Hansom-cabs.
And that's the way" (he gave a wink)
"By which I get my wealth—
And very gladly will I drink
Your Honour's noble health."*

*I heard him then, for I had just
Completed my design
To keep the Menai bridge from rust
By boiling it in wine.
I thanked him much for telling me
The way he got his wealth,
But chiefly for his wish that he
Might drink my noble health.*

*And now, if e'er by chance I put
My fingers into glue
Or madly squeeze a right-hand foot
Into a left-hand shoe,
Or if I drop upon my toe
A very heavy weight,
I weep, for it reminds me so,
Of that old man I used to know—*

*Whose look was mild, whose speech was
slow,*

*Whose hair was whiter than the snow,
Whose face was very like a crow,
With eyes, like cinders, all aglow,
Who seemed distracted with his woe,
Who rocked his body to and fro,*

*And muttered mumblingly and low,
As if his mouth were full of dough,
Who snorted like a buffalo—
That summer evening, long ago,
A-sitting on a gate.'*

As the Knight sang the last words of the ballad, he gathered up the reins, and turned his horse's head along the road by which they had come. 'You've only a few yards to go,' he said, 'down the hill and over that little brook, and then you'll be a Queen—But you'll stay and see me off first?' he added as Alice turned with an eager look in the direction to which he pointed. 'I shan't be long. You'll wait and wave your handkerchief when I get to that turn in the road? I think it'll encourage me, you see.'

'Of course I'll wait,' said Alice: 'and thank you very much for coming so far—and for the song—I liked it very much.'

'I hope so,' the Knight said doubtfully: 'but you didn't cry so much as I thought you would.'

So they shook hands, and then the Knight rode slowly away into the forest. 'It won't take long to see him *off*, I expect,' Alice said to herself, as she stood watching him. 'There he goes! Right on his head as usual! However, he gets on again pretty easily—that comes of having so many things hung round the horse—' So she went on talking to herself, as she watched the horse walking leisurely along the road, and the Knight tumbling off, first on one side and then on the other. After the fourth or fifth tumble he reached the turn, and then she waved her handkerchief to him, and waited till he was out of sight.

‘I hope it encouraged him,’ she said, as she turned to run down the hill: ‘and now for the last brook, and to be a Queen! How grand it sounds!’ A very few steps brought her to the edge of the brook. ‘The Eighth Square at last!’ she cried as she bounded across,

* * * * *

and threw herself down to rest on a lawn as soft as moss, with little flower-beds dotted about it here and there. ‘Oh, how glad I am to get here! And what *is* this on my head?’ she exclaimed in a tone of dismay, as she put her hands up to something very heavy, and fitted tight all round her head.

‘But how *can* it have got there without my knowing it?’ she said to herself, as she lifted it off, and set it on her lap to make out what it could possibly be.

It was a golden crown.

CHAPTER IX. QUEEN ALICE

‘Well, this *is* grand!’ said Alice. ‘I never expected I should be a Queen so soon—and I’ll tell you what it is, your majesty,’ she went on in a severe tone (she was always rather fond of scolding herself), ‘it’ll never do for you to be lolling about on the grass like that! Queens have to be dignified, you know!’

So she got up and walked about—rather stiffly just at first, as she was afraid that the crown might come off: but she comforted herself with the thought that there was nobody to see her, ‘and if I really am a Queen,’ she said as she sat down again, ‘I shall be able to manage it quite well in time.’

Everything was happening so oddly that she didn’t feel a bit surprised at finding the Red Queen and the White Queen sitting close to her, one on each side: she would have liked very much to ask them how they came there, but she feared it would not be quite civil. However, there would be no harm, she thought, in asking if the game was over. ‘Please, would you tell me—’ she began, looking timidly at the Red Queen.

‘Speak when you’re spoken to!’ The Queen sharply interrupted her.

‘But if everybody obeyed that rule,’ said Alice, who was always ready for a little argument, ‘and if you only spoke when you were spoken to, and the other person always waited for *you* to begin, you see nobody would ever say anything, so that—’

‘Ridiculous!’ cried the Queen. ‘Why, don’t you see, child—’ here she broke off with a frown, and, after thinking for a minute, suddenly changed the subject of the conversation. ‘What do you mean by “If you really are a Queen”? What right have you to call yourself so? You can’t be a Queen, you know, till you’ve passed the proper examination. And the sooner we begin it, the better.’

‘I only said “if”!’ poor Alice pleaded in a piteous tone.

The two Queens looked at each other, and the Red Queen remarked, with a little shudder, ‘She *says* she only said “if”—’

‘But she said a great deal more than that!’ the White Queen moaned, wringing her hands. ‘Oh, ever so much more than that!’

‘So you did, you know,’ the Red Queen said to Alice. ‘Always speak the truth—think before you speak—and write it down afterwards.’

‘I’m sure I didn’t mean—’ Alice was beginning, but the Red Queen interrupted her impatiently.

‘That’s just what I complain of! You *should* have meant! What do you suppose is the use of child without any meaning? Even a joke should have some meaning—and a child’s more important than a joke, I hope. You couldn’t deny that, even if you tried with both hands.’

‘I don’t deny things with my *hands*,’ Alice objected.

‘Nobody said you did,’ said the Red Queen. ‘I said you couldn’t if you tried.’

‘She’s in that state of mind,’ said the White Queen, ‘that she wants to deny *something*—only she doesn’t know what to deny!’

‘A nasty, vicious temper,’ the Red Queen remarked; and then there was an uncomfortable silence for a minute or two.

The Red Queen broke the silence by saying to the White Queen, ‘I invite you to Alice’s dinner-party this afternoon.’

The White Queen smiled feebly, and said ‘And I invite *you*.’

‘I didn’t know I was to have a party at all,’ said Alice; ‘but if there is to be one, I think *I* ought to invite the guests.’

‘We gave you the opportunity of doing it,’ the Red Queen remarked: ‘but I daresay you’ve not had many lessons in manners yet?’

‘Manners are not taught in lessons,’ said Alice. ‘Lessons teach you to do sums, and things of that sort.’

‘And you do Addition?’ the White Queen asked. ‘What’s one and one and one and one and one and one and one and one and one and one?’

‘I don’t know,’ said Alice. ‘I lost count.’

‘She can’t do Addition,’ the Red Queen interrupted. ‘Can you do Subtraction? Take nine from eight.’

‘Nine from eight I can’t, you know,’ Alice replied very readily: ‘but—’

‘She can’t do Subtraction,’ said the White Queen. ‘Can you do Division? Divide a loaf by a knife—what’s the answer to that?’

‘I suppose—’ Alice was beginning, but the Red Queen answered for her. ‘Bread-and-butter, of course. Try another Subtraction sum. Take a bone from a dog: what remains?’

Alice considered. ‘The bone wouldn’t remain, of course, if I took it—and the dog wouldn’t remain; it would come to bite me—and I’m sure *I* shouldn’t remain!’

‘Then you think nothing would remain?’ said the Red Queen.

‘I think that’s the answer.’

‘Wrong, as usual,’ said the Red Queen: ‘the dog’s temper would remain.’

‘But I don’t see how—’

‘Why, look here!’ the Red Queen cried. ‘The dog would lose its temper, wouldn’t it?’

‘Perhaps it would,’ Alice replied cautiously.

‘Then if the dog went away, its temper would remain!’ the Queen exclaimed triumphantly.

Alice said, as gravely as she could, ‘They might go different ways.’ But she couldn’t help thinking to herself, ‘What dreadful nonsense we *are* talking!’

‘She can’t do sums a *bit*!’ the Queens said together, with great emphasis.

‘Can *you* do sums?’ Alice said, turning suddenly on the White Queen, for she didn’t like being found fault with so much.

The Queen gasped and shut her eyes. ‘I can do Addition, if you give me time—but I can’t do Subtraction, under *any* circumstances!’

‘Of course you know your A B C?’ said the Red Queen.

‘To be sure I do.’ said Alice.

‘So do I,’ the White Queen whispered: ‘we’ll often say it over together, dear. And I’ll tell you a secret—I can read words of one letter! Isn’t *that* grand! However, don’t be discouraged. You’ll come to it in time.’

Here the Red Queen began again. ‘Can you answer useful questions?’ she said. ‘How is bread made?’

‘I know *that!*’ Alice cried eagerly. ‘You take some flour—’

‘Where do you pick the flower?’ the White Queen asked. ‘In a garden, or in the hedges?’

‘Well, it isn’t *picked* at all,’ Alice explained: ‘it’s *ground*—’

‘How many acres of ground?’ said the White Queen. ‘You mustn’t leave out so many things.’

‘Fan her head!’ the Red Queen anxiously interrupted. ‘She’ll be feverish after so much thinking.’ So they set to work and fanned her with bunches of leaves, till she had to beg them to leave off, it blew her hair about so.

‘She’s all right again now,’ said the Red Queen. ‘Do you know Languages? What’s the French for fiddle-de-dee?’

‘Fiddle-de-dee’s not English,’ Alice replied gravely.

‘Who ever said it was?’ said the Red Queen.

Alice thought she saw a way out of the difficulty this time. ‘If you’ll tell me what language “fiddle-de-dee” is, I’ll tell you the French for it!’ she exclaimed triumphantly.

But the Red Queen drew herself up rather stiffly, and said ‘Queens never make bargains.’

‘I wish Queens never asked questions,’ Alice thought to herself.

‘Don’t let us quarrel,’ the White Queen said in an anxious tone. ‘What is the cause of lightning?’

‘The cause of lightning,’ Alice said very decidedly, for she felt quite certain about this, ‘is the thunder—no, no!’ she hastily corrected herself. ‘I meant the other way.’

‘It’s too late to correct it,’ said the Red Queen: ‘when you’ve once said a thing, that fixes it, and you must take the consequences.’

‘Which reminds me—’ the White Queen said, looking down and nervously clasping and unclasping her hands, ‘we had *such* a thunderstorm last Tuesday—I mean one of the last set of Tuesdays, you know.’

Alice was puzzled. ‘In *our* country,’ she remarked, ‘there’s only one day at a time.’

The Red Queen said, ‘That’s a poor thin way of doing things. Now *here*, we mostly have days and nights two or three at a time, and sometimes in the winter we take as many as five nights together—for warmth, you know.’

‘Are five nights warmer than one night, then?’ Alice ventured to ask.

‘Five times as warm, of course.’

‘But they should be five times as *cold*, by the same rule—’

‘Just so!’ cried the Red Queen. ‘Five times as warm, *and* five times as cold—just as I’m five times as rich as you are, *and* five times as clever!’

Alice sighed and gave it up. 'It's exactly like a riddle with no answer!' she thought.

'Humpty Dumpty saw it too,' the White Queen went on in a low voice, more as if she were talking to herself. 'He came to the door with a corkscrew in his hand—'

'What did he want?' said the Red Queen.

'He said he *would* come in,' the White Queen went on, 'because he was looking for a hippopotamus. Now, as it happened, there wasn't such a thing in the house, that morning.'

'Is there generally?' Alice asked in an astonished tone.

'Well, only on Thursdays,' said the Queen.

'I know what he came for,' said Alice: 'he wanted to punish the fish, because—'

Here the White Queen began again. 'It was *such* a thunderstorm, you can't think!' ('She *never* could, you know,' said the Red Queen.) 'And part of the roof came off, and ever so much thunder got in—and it went rolling round the room in great lumps—and knocking over the tables and things—till I was so frightened, I couldn't remember my own name!'

Alice thought to herself, 'I never should *try* to remember my name in the middle of an accident! Where would be the use of it?' but she did not say this aloud, for fear of hurting the poor Queen's feeling.

'Your Majesty must excuse her,' the Red Queen said to Alice, taking one of the White Queen's hands in her own, and gently stroking it: 'she means well, but she can't help saying foolish things, as a general rule.'

The White Queen looked timidly at Alice, who felt she *ought* to say something kind, but really couldn't think of anything at the moment.

'She never was really well brought up,' the Red Queen went on: 'but it's amazing how good-tempered she is! Pat her on the head, and see how pleased she'll be!' But this was more than Alice had courage to do.

'A little kindness—and putting her hair in papers—would do wonders with her—'

The White Queen gave a deep sigh, and laid her head on Alice's shoulder. 'I *am* so sleepy?' she moaned.

'She's tired, poor thing!' said the Red Queen. 'Smooth her hair—lend her your nightcap—and sing her a soothing lullaby.'

'I haven't got a nightcap with me,' said Alice, as she tried to obey the first direction: 'and I don't know any soothing lullabies.'

'I must do it myself, then,' said the Red Queen, and she began:

*'Hush-a-by lady, in Alice's lap!
Till the feast's ready, we've time for a
nap:
When the feast's over, we'll go to the ball—
Red Queen, and White Queen, and Alice, and
all!*

'And now you know the words,' she added, as she put her head down on Alice's other shoulder, 'just sing it through to *me*. I'm getting sleepy, too.' In another moment both Queens were fast asleep, and snoring loud.

‘What *am* I to do?’ exclaimed Alice, looking about in great perplexity, as first one round head, and then the other, rolled down from her shoulder, and lay like a heavy lump in her lap. ‘I don’t think it *ever* happened before, that any one had to take care of two Queens asleep at once! No, not in all the History of England—it couldn’t, you know, because there never was more than one Queen at a time. Do wake up, you heavy things!’ she went on in an impatient tone; but there was no answer but a gentle snoring.

The snoring got more distinct every minute, and sounded more like a tune: at last she could even make out the words, and she listened so eagerly that, when the two great heads vanished from her lap, she hardly missed them.

She was standing before an arched doorway over which were the words QUEEN ALICE in large letters, and on each side of the arch there was a bell-handle; one was marked ‘Visitors’ Bell,’ and the other ‘Servants’ Bell.’

‘I’ll wait till the song’s over,’ thought Alice, ‘and then I’ll ring—the—*which* bell must I ring?’ she went on, very much puzzled by the names. ‘I’m not a visitor, and I’m not a servant. There *ought* to be one marked “Queen,” you know—’

Just then the door opened a little way, and a creature with a long beak put its head out for a moment and said ‘No admittance till the week after next!’ and shut the door again with a bang.

Alice knocked and rang in vain for a long time, but at last, a very old Frog, who was sitting under a tree, got up and hobbled

slowly towards her: he was dressed in bright yellow, and had enormous boots on.

‘What is it, now?’ the Frog said in a deep hoarse whisper.

Alice turned round, ready to find fault with anybody.

‘Where’s the servant whose business it is to answer the door?’ she began angrily.

‘Which door?’ said the Frog.

Alice almost stamped with irritation at the slow drawl in which he spoke. ‘*This* door, of course!’

The Frog looked at the door with his large dull eyes for a minute: then he went nearer and rubbed it with his thumb, as if he were trying whether the paint would come off; then he looked at Alice.

‘To answer the door?’ he said. ‘What’s it been asking of?’ He was so hoarse that Alice could scarcely hear him.

‘I don’t know what you mean,’ she said.

‘I talks English, doesn’t I?’ the Frog went on. ‘Or are you deaf? What did it ask you?’

‘Nothing!’ Alice said impatiently. ‘I’ve been knocking at it!’

‘Shouldn’t do that—shouldn’t do that—’ the Frog muttered. ‘Vexes it, you know.’ Then he went up and gave the door a kick with one of his great feet. ‘You let *it* alone,’ he panted out, as he hobbled back to his tree, ‘and it’ll let *you* alone, you know.’

At this moment the door was flung open, and a shrill voice was heard singing:

*'To the Looking-Glass world it was Alice
that said,
"I've a sceptre in hand, I've a crown on my
head;
Let the Looking-Glass creatures, whatever
they be,
Come and dine with the Red Queen, the White
Queen, and me.'"*

And hundreds of voices joined in the chorus:

*'Then fill up the glasses as quick as you
can,
And sprinkle the table with buttons and bran:
Put cats in the coffee, and mice in the tea—
And welcome Queen Alice with thirty-times-
three!'*

Then followed a confused noise of cheering, and Alice thought to herself, "Thirty times three makes ninety. I wonder if any one's counting?" In a minute there was silence again, and the same shrill voice sang another verse;

*"O Looking-Glass creatures," quoth Alice,
"draw near!
'Tis an honour to see me, a favour to hear:
'Tis a privilege high to have dinner and tea
Along with the Red Queen, the White Queen,
and me!'"*

Then came the chorus again:—

*'Then fill up the glasses with treacle and
ink,
Or anything else that is pleasant to drink:
Mix sand with the cider, and wool with the
wine—
And welcome Queen Alice with ninety-times-
nine!'*

'Ninety times nine!' Alice repeated in despair, 'Oh, that'll never be done! I'd better go in at once—' and there was a dead silence the moment she appeared.

Alice glanced nervously along the table, as she walked up the large hall, and noticed that there were about fifty guests, of all kinds: some were animals, some birds, and there were even a few flowers among them. 'I'm glad they've come without waiting to be asked,' she thought: 'I should never have known who were the right people to invite!'

There were three chairs at the head of the table; the Red and White Queens had already taken two of them, but the middle one was empty. Alice sat down in it, rather uncomfortable in the silence, and longing for some one to speak.

At last the Red Queen began. 'You've missed the soup and fish,' she said. 'Put on the joint!' And the waiters set a leg of mutton before Alice, who looked at it rather anxiously, as she had never had to carve a joint before.

‘You look a little shy; let me introduce you to that leg of mutton,’ said the Red Queen. ‘Alice—Mutton; Mutton—Alice.’ The leg of mutton got up in the dish and made a little bow to Alice; and Alice returned the bow, not knowing whether to be frightened or amused.

‘May I give you a slice?’ she said, taking up the knife and fork, and looking from one Queen to the other.

‘Certainly not,’ the Red Queen said, very decidedly: ‘it isn’t etiquette to cut any one you’ve been introduced to. Remove the joint!’ And the waiters carried it off, and brought a large plum-pudding in its place.

‘I won’t be introduced to the pudding, please,’ Alice said rather hastily, ‘or we shall get no dinner at all. May I give you some?’

But the Red Queen looked sulky, and growled ‘Pudding—Alice; Alice—Pudding. Remove the pudding!’ and the waiters took it away so quickly that Alice couldn’t return its bow.

However, she didn’t see why the Red Queen should be the only one to give orders, so, as an experiment, she called out ‘Waiter! Bring back the pudding!’ and there it was again in a moment like a conjuring-trick. It was so large that she couldn’t help feeling a *little* shy with it, as she had been with the mutton; however, she conquered her shyness by a great effort and cut a slice and handed it to the Red Queen.

‘What impertinence!’ said the Pudding. ‘I wonder how you’d like it, if I were to cut a slice out of *you*, you creature!’

It spoke in a thick, suety sort of voice, and Alice hadn't a word to say in reply: she could only sit and look at it and gasp.

'Make a remark,' said the Red Queen: 'it's ridiculous to leave all the conversation to the pudding!'

'Do you know, I've had such a quantity of poetry repeated to me to-day,' Alice began, a little frightened at finding that, the moment she opened her lips, there was dead silence, and all eyes were fixed upon her; 'and it's a very curious thing, I think—every poem was about fishes in some way. Do you know why they're so fond of fishes, all about here?'

She spoke to the Red Queen, whose answer was a little wide of the mark. 'As to fishes,' she said, very slowly and solemnly, putting her mouth close to Alice's ear, 'her White Majesty knows a lovely riddle—all in poetry—all about fishes. Shall she repeat it?'

'Her Red Majesty's very kind to mention it,' the White Queen murmured into Alice's other ear, in a voice like the cooing of a pigeon. 'It would be *such* a treat! May I?'

'Please do,' Alice said very politely.

The White Queen laughed with delight, and stroked Alice's cheek. Then she began:

"First, the fish must be caught."

That is easy: a baby, I think, could have caught it.

"Next, the fish must be bought."

That is easy: a penny, I think, would have bought it.

"Now cook me the fish!"
That is easy, and will not take more than a
minute.

"Let it lie in a dish!"
That is easy, because it already is in it.

"Bring it here! Let me sup!"
It is easy to set such a dish on the table.

"Take the dish-cover up!"
Ah, that is so hard that I fear I'm unable!

For it holds it like glue—
Holds the lid to the dish, while it lies in
the middle:

Which is easiest to do,
Un-dish-cover the fish, or dishcover the
riddle?'

'Take a minute to think about it, and then guess,' said the Red Queen. 'Meanwhile, we'll drink your health—Queen Alice's health!' she screamed at the top of her voice, and all the guests began drinking it directly, and very queerly they managed it: some of them put their glasses upon their heads like extinguishers, and drank all that trickled down their faces—others upset the decanters, and drank the wine as it ran off the edges of the table—and three of them (who looked like kangaroos) scrambled into the dish of roast mutton, and began eagerly lapping up the gravy, 'just like pigs in a trough!' thought Alice.

‘You ought to return thanks in a neat speech,’ the Red Queen said, frowning at Alice as she spoke.

‘We must support you, you know,’ the White Queen whispered, as Alice got up to do it, very obediently, but a little frightened.

‘Thank you very much,’ she whispered in reply, ‘but I can do quite well without.’

‘That wouldn’t be at all the thing,’ the Red Queen said very decidedly: so Alice tried to submit to it with a good grace.

(‘And they *did* push so!’ she said afterwards, when she was telling her sister the history of the feast. ‘You would have thought they wanted to squeeze me flat!’)

In fact it was rather difficult for her to keep in her place while she made her speech: the two Queens pushed her so, one on each side, that they nearly lifted her up into the air: ‘I rise to return thanks—’ Alice began: and she really *did* rise as she spoke, several inches; but she got hold of the edge of the table, and managed to pull herself down again.

‘Take care of yourself!’ screamed the White Queen, seizing Alice’s hair with both her hands. ‘Something’s going to happen!’

And then (as Alice afterwards described it) all sorts of things happened in a moment. The candles all grew up to the ceiling, looking something like a bed of rushes with fireworks at the top. As to the bottles, they each took a pair of plates, which they hastily fitted on as wings, and so, with forks for legs, went fluttering about in all directions: ‘and very like birds they look,’

Alice thought to herself, as well as she could in the dreadful confusion that was beginning.

At this moment she heard a hoarse laugh at her side, and turned to see what was the matter with the White Queen; but, instead of the Queen, there was the leg of mutton sitting in the chair. 'Here I am!' cried a voice from the soup tureen, and Alice turned again, just in time to see the Queen's broad good-natured face grinning at her for a moment over the edge of the tureen, before she disappeared into the soup.

There was not a moment to be lost. Already several of the guests were lying down in the dishes, and the soup ladle was walking up the table towards Alice's chair, and beckoning to her impatiently to get out of its way.

'I can't stand this any longer!' she cried as she jumped up and seized the table-cloth with both hands: one good pull, and plates, dishes, guests, and candles came crashing down together in a heap on the floor.

'And as for *you*,' she went on, turning fiercely upon the Red Queen, whom she considered as the cause of all the mischief—but the Queen was no longer at her side—she had suddenly dwindled down to the size of a little doll, and was now on the table, merrily running round and round after her own shawl, which was trailing behind her.

At any other time, Alice would have felt surprised at this, but she was far too much excited to be surprised at anything *now*. 'As for *you*,' she repeated, catching hold of the little creature in the

very act of jumping over a bottle which had just lighted upon the table, 'I'll shake you into a kitten, that I will!'

CHAPTER X. SHAKING

She took her off the table as she spoke, and shook her backwards and forwards with all her might.

The Red Queen made no resistance whatever; only her face grew very small, and her eyes got large and green: and still, as Alice went on shaking her, she kept on growing shorter—and fatter—and softer—and rounder—and—

CHAPTER XI. WAKING

—and it really *was* a kitten, after all.

CHAPTER XII. WHICH DREAMED IT?

‘Your majesty shouldn’t purr so loud,’ Alice said, rubbing her eyes, and addressing the kitten, respectfully, yet with some severity. ‘You woke me out of oh! such a nice dream! And you’ve been along with me, Kitty—all through the Looking-Glass world. Did you know it, dear?’

It is a very inconvenient habit of kittens (Alice had once made the remark) that, whatever you say to them, they *always* purr. ‘If they would only purr for “yes” and mew for “no,” or any rule of that sort,’ she had said, ‘so that one could keep up a conversation! But how *can* you talk with a person if they always say the same thing?’

On this occasion the kitten only purred: and it was impossible to guess whether it meant ‘yes’ or ‘no.’

So Alice hunted among the chessmen on the table till she had found the Red Queen: then she went down on her knees on the hearth-rug, and put the kitten and the Queen to look at each other. ‘Now, Kitty!’ she cried, clapping her hands triumphantly. ‘Confess that was what you turned into!’

(‘But it wouldn’t look at it,’ she said, when she was explaining the thing afterwards to her sister: ‘it turned away its head, and pretended not to see it: but it looked a *little* ashamed of itself, so I think it *must* have been the Red Queen.’)

‘Sit up a little more stiffly, dear!’ Alice cried with a merry laugh. ‘And curtsy while you’re thinking what to—what to purr. It saves time, remember!’ And she caught it up and gave it one little kiss, ‘just in honour of having been a Red Queen.’

‘Snowdrop, my pet!’ she went on, looking over her shoulder at the White Kitten, which was still patiently undergoing its toilet, ‘when *will* Dinah have finished with your White Majesty, I wonder? That must be the reason you were so untidy in my dream—Dinah! do you know that you’re scrubbing a White Queen? Really, it’s most disrespectful of you!

‘And what did *Dinah* turn to, I wonder?’ she prattled on, as she settled comfortably down, with one elbow in the rug, and her chin in her hand, to watch the kittens. ‘Tell me, Dinah, did you turn to Humpty Dumpty? I *think* you did—however, you’d better not mention it to your friends just yet, for I’m not sure.

‘By the way, Kitty, if only you’d been really with me in my dream, there was one thing you *would* have enjoyed—I had such a quantity of poetry said to me, all about fishes! To-morrow morning you shall have a real treat. All the time you’re eating your breakfast, I’ll repeat “The Walrus and the Carpenter” to you; and then you can make believe it’s oysters, dear!

‘Now, Kitty, let’s consider who it was that dreamed it all. This is a serious question, my dear, and you should *not* go on licking your paw like that—as if Dinah hadn’t washed you this morning! You see, Kitty, it *must* have been either me or the Red King. He was part of my dream, of course—but then I was part of his dream, too! *Was* it the Red King, Kitty? You were his wife, my dear, so you ought to know—Oh, Kitty, *do* help to settle it! I’m

sure your paw can wait!' But the provoking kitten only began on the other paw, and pretended it hadn't heard the question.

Which do *you* think it was?

—

*A boat beneath a sunny sky,
Lingering onward dreamily
In an evening of July—*

*Children three that nestle near,
Eager eye and willing ear,
Pleased a simple tale to hear—*

*Long has paled that sunny sky:
Echoes fade and memories die.
Autumn frosts have slain July.*

*Still she haunts me, phantomwise,
Alice moving under skies
Never seen by waking eyes.*

*Children yet, the tale to hear,
Eager eye and willing ear,
Lovingly shall nestle near.*

*In a Wonderland they lie,
Dreaming as the days go by,
Dreaming as the summers die:*

Ever drifting down the stream—

*Lingering in the golden gleam—
Life, what is it but a dream?*

THE END

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES
EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

domínio
ao público

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE
TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO
DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias. Assim, fica mais fácil quebrar as barreiras linguísticas do Domínio Público.

SEJA EXTRAORDINÁRIO PARA 200 MILHÕES DE LEITORES. VISITE:

www.dominioaopublico.org.br

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio [ao] Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: www.dominioaopublico.org.br/permissoes

mojo.org

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL:

Presidente: Ricardo Giassetti Vice-presidente: Larissa
Meneghini

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira,
Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade,
Marcelo Gusmão Eid, Renato Roschel, S. Lobo, Tales Galvão

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel
Sasso, Michel D'Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes
Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian
Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2018 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A Mojo.org dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O Domínio [ao] Público é um programa que publica livros digitais de obras em Domínio Público gratuitamente por meio da ajuda de doações e dos associados ao Clube do Livro para Leitores Extraordinários.

Visite, conheça e apoie: <https://dominioaopublico.org.br/>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baum, L. Frank, 1856-1919

Alice através do espelho / Lewis Carroll ;

[traduzido por Ricardo Giassetti; ilustrador Andre Ducci].

-- 1. ed. -- São Paulo: Mojo.org, 2019. -- (Mundos extraordinários ; 4)

Título original: adventures of alice : in wonderland and through the
looking lass

1. Literatura infantojuvenil I. Giassetti, Ricardo.

II. Título. III. Série.

19-24993

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EXPEDIENTE



Alice através do espelho de Lewis Carroll

Texto integral sem adaptação.

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Amanda Zampieri e LapPub REal Job (Monique D'Orazio, Bruna Xavier, Ingrid Machado, Rebeca Benício e Shana Bielkin)

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte: Cyla Costa

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Tradução e edição ©2019, Instituto Mojo de Comunicação Intercultural.

LICENÇA DAS FONTES

Roboto —

<https://github.com/google/roboto/blob/master/LICENSE>

Crimson text — https://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&id=OFL_web